



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

TAIANE VANESSA DA SILVA

O TRÂNSITO ENTRE O *COMUM* E O *ILUSTRE*:
A (RE)OCUPAÇÃO DO NORTE DO PARANÁ E O REGISTRO
DE EXPERIÊNCIAS NARRADAS NO MUSEU HISTÓRICO DE
LONDRINA, DÉCADA DE 1970

TAIANE VANESSA DA SILVA

O TRÂNSITO ENTRE O *COMUM* E O *ILUSTRE*:
A (RE)OCUPAÇÃO DO NORTE DO PARANÁ E O REGISTRO
DE EXPERIÊNCIAS NARRADAS NO MUSEU HISTÓRICO DE
LONDRINA, DÉCADA DE 1970

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina - UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez.

Londrina
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Silva, Taiane Vanessa da.

O trânsito entre o *comum* e o *ilustre* : a (re)ocupação do norte do Paraná e o registro de experiências narradas no Museu Histórico de Londrina, década de 1970 / Taiane Vanessa da Silva. - Londrina, 2018.
168 f. : il.

Orientador: Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Museu Histórico de Londrina - Tese. 2. História oral - Tese. 3. Memória - Tese. 4. Identidade - Tese. I. Martinez, Cláudia Eliane Parreiras Marques. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

TAIANE VANESSA DA SILVA

O TRÂNSITO ENTRE O *COMUM* E O *ILUSTRE*:
A (RE)OCUPAÇÃO DO NORTE DO PARANÁ E O REGISTRO DE
EXPERIÊNCIAS NARRADAS NO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA,
DÉCADA DE 1970

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina - UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Eliane
Parreiras Marques Martinez
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Letícia Julião
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof. Dr. Richard Gonçalves André
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 6 de abril de 2018.

Dedico este trabalho aos meus pais,
aos meus professores e ao meu amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha orientadora por ter me ajudado a chegar até aqui, pois sem os seus ensinamentos e atenção, desde a graduação, a minha dissertação e a pesquisadora que me tornei não seriam as mesmas; sua personalidade e trajetória acadêmica me inspiram muito. Também agradeço a professora Regina por toda a orientação durante as experiências que tive no Museu Histórico de Londrina, sem a qual eu jamais teria a maturidade de hoje.

Agradeço ao professor Wander que me influenciou durante toda a graduação e mediou meu encanto e afinidade para com a História Regional. Também agradeço ao professor Gilmar pela instigante disciplina de História oral que ministrou no mestrado. Agradeço ao professor Richard por participar da minha banca de defesa e por toda atenção que teve em minha banca de qualificação, seus apontamentos e sugestões. Também agradeço a professora Letícia Julião por aceitar o convite para compor minha banca de defesa.

Agradeço ao meu querido amigo Paulo, pois o seu apoio me ajudou a seguir em frente, independente dos problemas e ocasiões; você me ensinou muito e é uma das pessoas mais inteligentes que eu conheço. Agradeço aos meus transcritores e excelentes amigos, Thiago e Aryane, que tanto ajudaram, aconselharam e colaboraram com a minha pesquisa; são ótimos profissionais e pessoas que sempre quero ter por perto.

O estágio que fiz no Museu Histórico de Londrina possibilitou a troca de experiências entre estudantes e amigades muito especiais que não posso deixar de agradecer. Assim, além de Thiago e Aryane, agradeço a Juliana por ser uma amiga presente e me ajudar a refletir sobre objetos de pesquisa, e ao Harry, meu eterno companheiro de oficinas de entrevista e apresentações de trabalhos. Também agradeço as amigades que foram reforçadas ou construídas durante o mestrado, em especial, a Helo, Kettully, André, Darlan e Vanessa.

Faço um agradecimento especial aos funcionários e estagiários do Museu Histórico de Londrina que mantêm esta importante instituição a todo vapor, independente dos graves problemas que ameaçam a continuidade e os frutos de seus trabalhos. Agradeço, principalmente, a Célia que tem uma memória e conhecimentos indispensáveis ao setor de imagem e som do MHL, atende a todos com muita atenção e a quem minha pesquisa deve muito! Também agradeço aos

funcionários do NDPH que me ajudaram a acessar documentos essenciais à conclusão desta dissertação.

“[...] lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, ‘fazer’ alguma coisa.” (Paul Ricoeur, 2007)

SILVA, Taiane Vanessa da. **O trânsito entre o comum e o *ilustre***: a (re)ocupação do norte do Paraná e o registro de experiências narradas no Museu Histórico de Londrina, década de 1970. 2018. 168 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

A década de 1970 foi cenário de mudanças e permanências que influenciaram o desenvolvimento da História oral, a museologia e o contexto histórico da cidade de Londrina-PR. Nesse período, o Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss” (MHL) iniciou a coleta de depoimentos orais, visando o registro de experiências narradas sobre a (re)ocupação de Londrina e do norte do Paraná. Dessa forma, por meio desta pesquisa buscamos identificar e problematizar as percepções de museu, as seleções de memória e as construções de identidades presentes em parte dos primeiros depoimentos produzidos pelo MHL, na década de 1970, tendo em vista o contexto no qual as entrevistas foram produzidas. Nosso método de análise se pautou em não considerar apenas as narrativas de experiências, mas, também, as perguntas e o contexto que possibilitaram aqueles relatos. A pesquisa mostrou a coexistência de percepções de museu que dialogam com a museologia da década de 1970 e construções de identidades heterogêneas que foram apropriadas de acordo com o complexo contexto londrinense daquele período marcado por uma crise identitária. Essa crise foi, por exemplo, o reflexo de problemas urbanos, sociais e econômicos relacionados, em especial, às dificuldades da produção cafeeira do norte do Paraná. Naquele período, o MHL buscou, por meio de exposições e entrevistas, enquadrar memórias que corriam o risco de serem perdidas. Percebemos também que a produção de depoimentos orais dos anos de 1970 carecia de métodos delineados e teorias sistematizadas, pois a História oral moderna amadureceu a partir da década de 1980. Logo, os depoimentos orais refletem representações do passado e as circunstâncias do momento em que foram narrados.

Palavras-chave: Museu Histórico de Londrina. História oral. Memória. Identidade. Apropriação.

SILVA, Taiane Vanessa da. **The transit between the *common* and the *illustrious*: the (re)occupation of the north of Paraná and the record of experiences that was narrated in the Londrina's Historical Museum in the 1970's.** 2018. 168 p. Dissertation (Master's Degree in Social History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

The 1970's was a decade of changes and permanences which influenced the development of the Oral history, the museology and the historical context of a city of Londrina-PR. It was in this period that the Londrina's Historical Museum (LHM) "Father Carlos Weiss" started to collect oral testimonies aiming to register the narrations of experiences concerning the (re)occupation of Londrina and the north of Paraná. By this way, through this research, perceptions of museum, the selection of memories and the construction of present identities in part of the first testimonies that were produced by the LHM in the 1970's were identified and problematized, and we have made that always keeping in mind the context in which they were produced. The analysis method that was utilized in here is based in considering not only the narratives of experiences, but also the questions and the context that made them possible. The research showed the coexistence of perceptions of museum that dialogue with the museology of the 1970's and the constructions of heterogeneous identities that were appropriated according to a very complex context that concerns the Londrina from that period, which was characterized by its identity crisis. That crisis was the result of urban, social and economic problems that was related mainly with the difficulties concerning the coffee production in the north of Paraná. In that period, the LHM sought, through expositions and interviews, to frame memories that were in danger of disappearing. That was also noticed that the production of oral testimonies during the 1970's has a lack of methods well delimited and theories better systematized, and that was caused because the modern Oral history was matured only in the 1980's. That is why those oral testimonies reflect the representations of past and the circumstances of the moment when they were narrated.

Keywords: Londrina's Historical Museum. Oral history. Memory. Identity. Appropriation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mostra Inicial do Museu do Café do Paraná.....	59
Figura 2 – Mostra Inicial do Museu do Café do Paraná.....	59
Figura 3 – Mostra Inicial do Museu do Café do Paraná.....	60
Figura 4 – Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Chegada da 1ª Caravana ao Local Onde Surgiu Londrina.....	99
Figura 5 – Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Chegada da 1ª Caravana ao Local Onde Surgiu Londrina.....	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMNP	Companhia Melhoramentos Norte do Paraná
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
FEFCLL	Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina
FGV	Fundação Getúlio Vargas
ICOM	<i>International Council of Museums</i> [Conselho Internacional de Museus]
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MGHNP	Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná
MHL	Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”
MHN	Museu Histórico Nacional
NDPH	Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O MUSEU E O REGISTRO DE EXPERIÊNCIAS: A PRODUÇÃO DE DEPOIMENTOS ORAIS NA DÉCADA DE 1970	23
1.1 IMPLICAÇÕES DA REVOLUÇÃO DOCUMENTAL: NOVAS PERSPECTIVAS	23
1.2 A SISTEMATIZAÇÃO DA HISTÓRIA ORAL NO CONTEXTO BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970	24
1.3 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A PRODUÇÃO DE DEPOIMENTOS ORAIS NO MUSEU GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO NORTE DO PARANÁ	27
1.4 O COMPLEXO CONTEXTO LONDRINENSE: CRISES DE IDENTIDADES E MITOS FUNDADORES.....	31
1.5 O DELINEAMENTO DE OBJETIVOS: O HOMEM COMUM OU O PIONEIRO DE DESTAQUE?	44
2 A VOLTA AO PASSADO OU A (RE)IMAGINAÇÃO DO REAL: ENTREVISTAS PRODUZIDAS NA “MOSTRA INICIAL DO MUSEU DO CAFÉ DO PARANÁ”	52
2.1 ENTRE HOMENS COMUNS E MITOS FUNDADORES: A PRIMEIRA MOSTRA DO MUSEU DO CAFÉ DO PARANÁ.....	52
2.2 NOSTALGIAS, RELAÇÕES SOCIAIS E FEITOS “HISTÓRICOS”: OS DEPOIMENTOS DA MOSTRA DO CAFÉ	63
2.2.1 Um sentimento nostálgico gerou a “volta” às origens	67
2.2.2 O reboco do rancho é muito mais do que barro.....	71
2.2.3 A autoridade do pioneiro: fez algo “histórico”?	76
2.2.4 Entrevistar e narrar: um processo de negociação e de construção da imagem de si	82
2.2.5 A coexistência de percepções de museu	90
3 FIGURAS “ILUSTRES” E “TEMPOS DIFÍCEIS”: OS DEPOIMENTOS DA “EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO CINQUENTENÁRIO DA CHEGADA DA 1ª CARAVANA AO LOCAL ONDE SURTIU LONDRINA”	94

3.1	MEMÓRIAS SELECIONADAS: OS PRIMÓRDIOS DA COLONIZAÇÃO DE LONDRINA EM UMA EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA.....	94
3.2	AS INFLUÊNCIAS E OS LIMITES DE MITOS FUNDADORES: AS ENTREVISTAS DA EXPOSIÇÃO DO CINQUENTENÁRIO DA CARAVANA	104
3.2.1	“Tempos difíceis” são nostálgicos?.....	105
3.2.2	O orgulho da “história viva”.....	110
3.2.3	As relações entre exposição e experiências.....	114
4	MEMÓRIAS EM DISPUTA: IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO NO CONTEXTO LONDRINENSE.....	118
4.1	MEMÓRIAS E IDENTIDADES: ALGUNS ESCLARECIMENTOS.....	118
4.2	A COEXISTÊNCIA DE IDENTIDADES CONSAGRADAS E PLURAIS: UMA SEGUNDA ABORDAGEM SOBRE AS ENTREVISTAS PRODUZIDAS PELO MHL.....	122
4.2.1	A “viúva do saudoso e sempre lembrado primeiro prefeito eleito de Londrina”	124
4.2.2	A simultaneidade em um discurso	132
4.2.3	Um visitante “precioso” e um relato atípico.....	142
4.2.4	Crises identitárias e memórias instrumentalizadas.....	146
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
	REFERÊNCIAS.....	152
	ANEXOS	161
	ANEXO A – Quadros de categorização dos depoimentos produzidos pelo Museu Histórico de Londrina (1977-1979).	162

INTRODUÇÃO

As reformulações historiográficas¹, ocorridas ao longo do século XX, trouxeram mudanças significativas para a prática do historiador, no que diz respeito à diversificação dos objetos, fontes, abordagens teóricas e metodológicas, entre outras repercussões. Assim, de acordo com Myrian Sepúlveda dos Santos (2013), nos últimos cem anos, o interesse pelo passado em suas variadas formas tem crescido.

Entretanto, é importante observar que, durante o século XIX e parte do século XX, períodos em que a disciplina de História é consolidada e o ofício dos historiadores é submetido à profissionalização como, por exemplo, na França², existia o predomínio de documentos escritos, tidos como “oficiais” e objetivos. Fontes daquela natureza “asseguraram” a soberania de estudos de temporalidades longínquas, com ênfase na análise dos aspectos políticos das sociedades. Desta forma, o estudo da contemporaneidade e outras espécies de documentos históricos – vistos como subjetivos – eram desvalorizados como, por exemplo, os relatos orais, devido ao prestígio dos “fatos” em detrimento da memória (FERREIRA, 2012).

A constituição de procedimentos de produção e tratamento de depoimentos orais, assim como a legitimidade destes como fontes históricas, dependeu do complexo contexto de guerras do século XX. Segundo Walter Benjamin (1987), a falta de experiências comunicáveis após os traumas da Primeira Guerra Mundial suprimiu a mediação da sabedoria do narrador e transformou a narrativa em informação, que tem valor apenas enquanto é novidade, pois “Narrar é reiterar o vivido, o compartilhado. Informar-se é manter-se em nível do imediato, do descartável.” (VIDAL, 1990). Para Jacques Le Goff (1984), à História foram

¹ Segundo José D’Assunção Barros (2013), a História é um universo em expansão e o século XX trouxe à prática historiográfica reconfigurações no campo “[...] do saber histórico, de seus métodos, aportes teóricos, temas de estudo” (BARROS, 2013, p.14). Essa singularidade do século XX se deve a aceleração e complexidade da vida contemporânea, a qual pede por uma historiografia que se reconfigure a todo instante. Isso gerou a multiplicação de modalidades historiográficas que surgiram, por exemplo, na Europa e nas Américas, o que inclui o Brasil (BARROS, 2013).

² De acordo com Marieta de Moraes Ferreira (2000), na França, até 1880, a História era um campo sem autonomia, orientado pela literatura e a filosofia, submetido ao jogo político de contextos. Foi apenas o início da III República, na década de 1870, que o lugar da História se alterou na sociedade francesa. As elites republicanas estavam preocupadas com o uso político que os conservadores e autodidatas faziam da história e se empenharam para controlar a produção da memória coletiva da França. Se apoiaram, então, em professores universitários e, conseqüentemente, na profissionalização do ofício dos historiadores. Assim, entre 1870 e 1914, houve uma grande institucionalização da universidade literária e científica.

colocados novos desafios com a Segunda Guerra Mundial, devido ao clima de incertezas e à fragmentação de identidades, gerando interesses ao estudo do particular, do pequeno e do cotidiano.

Conforme Diana Gonçalves Vidal (1990), tais preocupações impulsionaram a formação de um campo específico para a História embasada na oralidade. Entretanto, a consolidação deste campo aconteceu apenas na década de 1980, período de crescimento de estudos de experiências e modos de vida de grupos sociais diferenciados, da vida cotidiana e gestos de trabalho, enfim, o particular e as ações cotidianas passaram a ser vistos como objetos de estudos frutíferos na análise de entrevistas (ALBERTI, 2008).

No Brasil, a década de 1970 foi o período em que aconteceram as primeiras iniciativas voltadas para a sistematização da História oral, momento no qual ocorreram cursos e iniciativas institucionais³ voltadas para utilização e produção de depoimentos orais como fontes de estudos (MEIHY, 2000). É neste período que o Arquivo Histórico⁴ e o Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná (MGHNP), atual Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss” (MHL), localizados na cidade de Londrina, vinculados à Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina (FEFCLL), iniciaram a produção de depoimentos orais voltados para a temática da história regional, mais especificamente da (re)ocupação do norte do Paraná, com ênfase em Londrina.

Durante uma experiência de estágio no Museu Histórico de Londrina, ainda na graduação, o contato com o acervo de depoimentos orais daquela instituição⁵, despertou nosso interesse acerca do conteúdo dos depoimentos⁶, que aparentavam

³ O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), iniciou a coleta de depoimentos neste período e, conseqüentemente, as entrevistas produzidas foram utilizadas como fontes de estudos de trabalhos acadêmicos, como é o exemplo da historiadora Angela Maria de Castro Gomes. Em 1978 a autora utilizou depoimentos orais que ajudou a produzir a partir de iniciativas do CPDOC, como pode ser visto no texto “A representação de classes na constituinte de 1934”, publicado na Revista de Ciência Política do Rio de Janeiro no segundo semestre de 1978.

⁴ Atual Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) da Universidade Estadual de Londrina.

⁵ De acordo com o último levantamento do acervo de fontes orais do MHL, feito em 2017, o setor de imagem e som daquela instituição conta com cerca de 500 depoimentos orais gravados em fitas K-7, VHS e DVDs. Outra questão observada diz respeito ao vínculo da coleta de parte dos depoimentos, a partir da década de 1980, a projetos específicos vinculados a UEL, Prefeitura Municipal de Londrina e Secretaria da Educação.

⁶ O interesse nestes documentos foi influenciado não apenas pelo contato com o acervo. Meu estágio no MHL aconteceu durante toda a graduação e contribuiu com o interesse na história de Londrina e na História oral. Naquele espaço museológico, os estagiários e bolsistas são preparados a mediar visitas de escolas em exposições e a analisar e preservar fontes históricas de variados tipos. Também tivemos a oportunidade de ministrar oficinas educativas em escolas de Londrina e região.

ter sido produzidos entre as décadas de 1990 e 2010. Entretanto, em conversas com a coordenadora do setor de Imagem e Som do MHL, Célia Rodrigues de Oliveira, descobrimos que o Museu produz depoimentos desde os anos 1970, os quais estão armazenados em fitas cassetes e digitalizados em CDs. Ao observar a base de dados⁷ em que estes documentos estão registrados, surgiu o interesse em entender, além do conteúdo das entrevistas, quais eram os métodos, técnicas e objetivos de produção de fontes orais em um período que a História oral ainda não oferecia uma metodologia e nem estudos sistematizados. Além disso, não encontramos pesquisas acadêmicas sobre estas fontes.

Em uma breve descrição destes depoimentos da década de 1970, identificamos que foram produzidas 29 entrevistas por funcionários ou colaboradores do MHL⁸. Porém, essa identificação, provavelmente, conta com uma margem de erro devido aos problemas de áudio e à não identificação ou à omissão do nome de entrevistadores e datas das entrevistas. Portanto, não há como afirmar que foram produzidos exatamente 29 depoimentos na década de 1970. Assim, das entrevistas que identificamos, 20 estão relacionadas ao contexto de exposições temporárias, três a partir de agendamentos prévios, na casa dos depoentes ou local de trabalho, e seis na primeira instalação do Museu, no porão do Grupo Escolar Hugo Simas.

Assim, ministrei a oficina de entrevistas, a qual é fundamentada nos métodos e objetivos da História oral e tem como objetivos instigar estudantes e professores a utilizarem fontes orais em sala de aula e auxiliá-los na produção e tratamento de depoimentos orais. Portanto, essas atividades foram importantes mediadoras dos interesses e objetivos desta dissertação. Outra importante experiência diz respeito à participação no projeto de iniciação científica "A historiografia no Paraná (1970-2012): os historiadores, seus lugares e suas regiões", orientado pelo professor do departamento de História da UEL, Wander de Lara Proença. Durante o projeto, os integrantes foram instigados a mapear e analisar a historiografia produzida sobre o Paraná e auxiliar na produção de depoimentos de autores das obras selecionadas. Logo, ressalta-se que este projeto indicou grande parte da bibliografia sobre a região norte do Paraná utilizada nesta pesquisa e também inspirou o interesse na análise de depoimentos orais.

⁷ As informações e características dos depoimentos encontram-se registradas em uma base de dados digital, que traz informações sobre: o número de registro de cada entrevista, nome do entrevistador e entrevistado, local de gravação, data da coleta e da inserção na base de dados, qualidade e suporte da gravação, duração, sinopse do conteúdo do depoimento, entre outras características. Portanto, o acesso às entrevistas é facilitado. Tal questão diz sobre o tratamento que o Museu oferece às entrevistas, uma das partes da metodologia da História oral atual. Conforme Verena Alberti, ao disponibilizar as entrevistas ao público "[...] devem ser produzidos instrumentos de auxílio à consulta, como sumários e índices temáticos [...]" (2008, p.180), evitando o risco de constituir um acervo "mudo", que não traz informações básicas para os pesquisadores.

⁸ É válido observar que, na base de dados de fontes orais, existem depoimentos produzidos pelo MHL e depoimentos doados por outras instituições e pessoas, como é o caso das entrevistas coletadas pelo Arquivo Histórico, que estão tanto no acervo do Museu como no acervo do NDPH. Para esta pesquisa, nos pautamos apenas nos depoimentos que identificamos terem sido produzidos em nome do Museu Histórico de Londrina e/ou por funcionários e colaboradores daquela instituição, na década de 1970.

Entretanto, dentre esses 29 depoimentos, oito estão com problemas de áudio, o que impossibilita a compreensão integral das entrevistas. Acreditamos que esses problemas possam estar relacionados à qualidade dos gravadores, ao seu posicionamento no momento da entrevista, ao barulho do entorno, principalmente nos depoimentos coletadas no ambiente de exposições enquanto as pessoas visitavam e conversavam naqueles espaços, e, por último, à problemas nas próprias fitas cassetes, devido ao seu tempo de existência. Acerca do uso correto dos gravadores, de acordo com Philippe Joutard (2006), na década de 1980 se deu a profissionalização de projetos de pesquisa oral, os quais ajudaram no uso dos gravadores, pois o manuseio inadequado atrapalhava os resultados finais, fator que justifica as dificuldades do uso destes instrumentos na década de 1970. Além disso, segundo Verena Alberti (2008), hoje é sabido a importância de locais silenciosos para a gravação de depoimentos, nos quais não existam interferências provocadas por barulhos externos e possibilitem o conforto e privacidade do depoente.

Sob os argumentos apresentados, buscamos com esta pesquisa de mestrado mostrar possibilidades de estudo destas primeiras entrevistas produzidas pelo MHL. Nosso objetivo geral é identificar as percepções de museu, as seleções de memória e as construções de identidades presentes nos depoimentos, e problematizá-las por meio do contexto geral em que estes documentos foram produzidos: a conjuntura de Londrina e do norte do Paraná, ou seja, regional – marcada em especial, mas não somente, por discursos consagrados –, a regularização da História oral na década de 1970, mais especificamente no Brasil, e as reformulações museológicas no contexto global.

Para esclarecer o que entendemos por contexto regional, de acordo com José D'Assunção Barros, “[...] nenhuma ‘localidade’, ‘região’, ou ‘área’ [...] está dada previamente” (BARROS, 2013, p.173), pois elas são uma construção dos historiadores e não precisam, necessariamente, dialogar com as divisões políticas, administrativas ou àquelas da geografia física. Por exemplo, uma determinada prática cultural pode formar um território específico que não tem a ver com um recorte administrativo. Assim, uma região pode ser delimitada por meio da reprodução de padrões e conflitos sociais, a partir de um processo social. A História Regional ou a Local permitem a percepção de articulações, homogeneidades e contradições sociais. Entretanto, existe uma distinção entre o “local” e o “regional”. Segundo Barros (2013), o “regional” é um lugar incorporado a um sistema, com sua

própria dinâmica interna e localidades análogas. Já o “local” é um “lugar recortado por um problema transversal [...] nesse momento não estou interessado em trabalhar a localidade [...] como um sistema ancorado no espaço que se liga a outra espacialidade mais ampla” (BARROS, 2013, p.182). Essa distinção ocorre, geralmente, em países de dimensões continentais como o Brasil. Assim, entendemos que, ao dar ênfase às percepções de museu e construções de identidades que são resultado de relações sociais complexas e mostram padrões e conflitos sociais dentro de um sistema de discursos consagrados que buscou dar sentido à uma espacialidade mais ampla, o norte do Paraná, a nossa pesquisa se insere no domínio da História Regional.

Entretanto, ressalta-se que essa abordagem regional não impede diálogos com contextos mais amplos ou com outras modalidades da História, como “[...] uma História cultural, uma História Política ou uma História Econômica” pois “[...] todo trabalho historiográfico se produz, na verdade, no seio de uma interconexão de campos históricos” (BARROS, 2013, p.171). E a “história local” ou a “regional” também podem ser “história oral”, visto que é possível abordar histórias “poli adjetivadas” (BARROS, 2013).

Isto posto, os anos de 1970, além de pano de fundo do início da sistematização da História oral, foram o cenário de uma crise de identidades em Londrina devido à aceleração do tempo presente, às consequências de uma rápida modernização urbana e à instabilidade das plantações e do comércio cafeeiro desta região (ARIAS NETO, 2008). Além disso, a partir da década de 1960, os museus passaram por uma crise devido às críticas e protestos em prol da democratização das instituições culturais, educativas e políticas; era cobrado dos museus a aproximação da comunidade ao seu entorno, pois durante muito tempo preservaram memórias restritas e elitistas, voltados para a temática política e para o legado de personagens de destaque (JULIÃO, 2006). Porém, de acordo com Alice Duarte (2013), essas mudanças não foram implementadas de forma generalizada e rápida, o que tornou a década de 1970 um período de mudanças e continuidades.

De outro modo, de acordo com Peter Burke (2002), não existem rupturas na história, para perceber as mudanças é preciso existir continuidades:

Concepções de mudança implicam concepções de continuidade. A continuidade costumava ser descrita em termos negativos, como sinônimo de mera 'inércia', porém, os estudos de caso apresentados sugerem muitas formas positivas de caracterizá-la. Por exemplo, o interesse demonstrado por [Norbert] Elias por modos à mesa implica a importância do treinamento das crianças como parte de um processo civilizatório. Esse treinamento faz-se necessário para viabilizar o fenômeno da 'reprodução cultural, contudo pode constituir um meio eficaz de mudança. (BURKE, 2002, p.221)

O autor se refere à uma análise feita por Norbert Elias (1994), em *O Processo Civilizador*, acerca da civilidade como modificadora de costumes. Burke (2002) enfatiza as transformações nos costumes das pessoas à mesa. Essas mudanças não ocorreram e não foram/são percebidas devido às rupturas, mas sim por causa de novos padrões de comportamento de classe, as "boas maneiras", que coexistiam e buscavam se diferenciar de outros "menos educados". Assim, para perceber a mudança e a diferença de um é necessário a continuidade do outro. O raciocínio de Burke (2002), nos ajudam a pensar o complexo contexto londrinense de crise identitária e as mudanças museológicas ocorridas na década de 1970. Não lidamos com momentos de rupturas, mas sim com a coexistência de identidades, visões de mundo e diferentes perspectivas sobre as funções dos museus.

Por esses motivos, torna-se importante entender as percepções de museu⁹ presentes nos depoimentos e o seu diálogo com o contexto da museologia, assim como as seleções de memórias e a constituição de identidades, devido ao complexo contexto identitário de Londrina. Logo, a análise dos depoimentos da década de 1970 foi dividida em dois momentos: primeiro analisamos cinco depoimentos produzidos, improvisadamente, no contexto de exposições temporárias, fora das dependências do MHL, buscando identificar e entender as percepções de museu – isso aconteceu nos segundo e terceiro capítulos; depois, no quarto capítulo, procuramos identificar as seleções de memórias e as construções de identidades presentes em dois depoimentos produzidos na residência dos depoentes, de forma

⁹De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras (2008), *percepção* pode significar apreensão pelos sentidos, o que vai ao encontro das definições da palavra *perceber*: 1) conhecer por meio dos sentidos; 2) compreender, entender; 3) dar-se conta de. Entendemos, assim, que para construir uma percepção de museu não são necessários conhecimentos acadêmicos sobre museologia ou sobre as funções das instituições museológicas. A apreensão que acontece por meio dos sentidos dos depoentes e entrevistadores, no contexto das exposições, é suficiente para constituir percepções de museu e estas podem dialogar, ou não, de forma consciente ou inconsciente, com a configuração museológica da década de 1970. Ressaltamos que são percepções construídas e apropriadas em momentos específicos; são situacionais e poderiam ser diferentes em outros lugares, contextos e se as entrevistas fossem conduzidas por outras intenções e/ou perguntas.

mais sistematizada que os anteriores, pois foram entrevistas feitas sob agendamento prévio, e em mais uma entrevista realizada na primeira instalação do Museu, com visitantes selecionados a dedo.

Ressaltamos que não foram utilizadas todas as entrevistas daquele período. Selecionamos uma amostragem representativa aos nossos objetivos, segundo o critério de saturação. De acordo com Roque Moraes (2003), alcançamos a saturação quando a inclusão de informações novas nos produtos da análise deixa de produzir modificações nos resultados. Segundo Daniel Bertaux (1980 apud ALBERTI, 2008), a saturação também pode ser utilizada em entrevistas, pois há um momento, chamado de “ponto de saturação”, em que os depoimentos acabam repetindo seu conteúdo ou a maneira como a narrativa é construída. A partir do momento que isso acontece, o retorno é reduzido, independente do investimento¹⁰.

E foi isso o que nos aconteceu. A partir da análise da entrevista de Gerson Guariente (1977), feita no segundo capítulo, notamos, por exemplo, que elementos levantados pelo depoente, como é o caso de percepções concernentes à nostalgia gerada pelos objetos da exposição do Museu do Café do Paraná, se repetiram nos relatos de Júlio Carvalho Paes (1977) e de um representante do ministério da agricultura (1977), de nome não identificado, que, por este motivo, não foram selecionados. Apenas para citarmos outro exemplo, discussões referentes à demolição de prédios antigos na cidade de Londrina, na década de 1970, e críticas e/ou elogios ao “progresso” econômico e transformações urbanas se repetiram nas entrevistas de Constância Vieira Gonçalves Sancevero (1979), Waldemar Gewehr (1979) e Gregório Wladeck (1979) – analisamos apenas a primeira. Enfim, com isso gostaríamos de ressaltar a necessidade de se identificar um momento apropriado para se findar o acréscimo de fontes a serem analisadas. Talvez seja interessante destacar que não convém estender-se por demais em exercícios que claramente já não atenderão de forma rica e harmoniosa às problemáticas as quais nos propomos a analisar.

Entretanto, conforme Moraes, um texto, mas também um depoimento ou fontes de qualquer natureza, possibilitam uma multiplicidade de leituras “[...] tanto em função das intenções dos autores como dos referenciais teóricos dos leitores e dos campos semânticos que os inserem” (MORAES, 2003, p.192). Isso é

¹⁰ A categorização e sinopses de todos os depoimentos sem problemas de áudio, incluindo os que não selecionamos para a análise, estão no Anexo A.

característico de uma análise qualitativa e as fontes “[...] constituem significantes que o analista precisa atribuir sentidos e significados” (MORAES, 2003, p.192). Portanto, a saturação e a interpretação dizem respeito às intenções e à leitura que fizemos, as quais podem ser diferentes ao leitor e a outros pesquisadores que se debruçarem sobre os mesmos depoimentos com outros objetivos.

Isto posto, no primeiro capítulo procuramos contextualizar a História oral na década de 1970 e a história de Londrina, afim de começar a entender o contexto geral da produção de depoimentos orais daquele período. Utilizamos como fonte de apoio um depoimento da segunda diretora do Museu Histórico de Londrina, Conceição Duarte Geraldo, produzido em 1989, no qual ela conta os objetivos e as técnicas utilizadas para a produção de depoimentos orais da década de 1970 (GERALDO, 1989).

No segundo e terceiro capítulos, buscamos identificar e entender as percepções de museu em entrevistas produzidas no contexto de exposições temporárias. Para isso foi necessário fazer uma breve análise do acervo e das intenções por trás da constituição das exposições – a “Mostra Inicial do Museu do Café do Paraná” (1977) e a “Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Chegada da 1ª Caravana ao Local Onde Surgiu Londrina” (1979). Por meio desta dupla análise, de exposições e depoimentos, foi possível entender as percepções de museu como frutos de apropriações das exposições, do contexto londrinense e o diálogo e/ou distanciamento destas com as reformulações museológicas que ocorriam nos anos de 1970.

Visando potencializar as possibilidades de estudo deste acervo, no quarto capítulo problematizamos as seleções de memória dos depoentes e entrevistadores para entender as formas como construíram suas identidades e/ou as de outros no contexto da década de 1970. Acreditamos que essa análise possibilitou o entendimento de disputas e da coexistência de memórias e identidades na cidade e no Museu naquele período.

Antes de iniciar a análise, é necessário ressaltar alguns pontos relativos ao método de investigação de depoimentos orais, os quais serão aprofundados durante a análise das entrevistas. Como dissemos, a constituição dos depoimentos selecionados não diz respeito ao momento de consolidação da História oral. Conseqüentemente, nestas ocasiões, de acordo com José Miguel Arias Neto (2003), não podemos cobrar o compasso com os procedimentos atuais de constituição de

fontes orais. Acerca das sugestões de análises de depoimentos orais, nos pautamos nas ideias do mesmo autor, o qual analisou, em 2003, uma entrevista de João Cândido, produzida pelo Museu da Imagem e do Som, em 1968. Arias Neto enfatiza que os documentos orais necessitam de uma análise crítica que indague:

a) as intenções do pesquisador [entrevistador], isto é o lugar e a conjuntura histórica de produção da entrevista; b) sua condução, ou seja, o universo ideológico de entrevistador e entrevistado, seus conflitos e superposições; c) os resultados obtidos através de sua realização, isto é, a hierarquia das ideias resultantes do processo e o seu lugar na historiografia que aborda a questão proposta. (ARIAS NETO, 2003, p.1-2)

Optamos por seguir este caminho e sobre a levar em consideração a condição da produção da entrevista e seus resultados também contemplamos as ideias de outros autores. De acordo com Alberti (2008) e Alessandro Portelli (1997) as entrevistas são frutos de intencionalidades. O resultado de uma entrevista de História oral é produto do narrador e do entrevistador. Portanto, a pesquisa de fontes orais não deve omitir a voz do entrevistador, pois pode dar a “[...] impressão que determinado narrador dirá as mesmas coisas, não importa as circunstâncias” (PORTELLI, 1997, p.36). Sendo assim, as concepções de Arias Neto (2003), Portelli (1997) e Alberti (2008) indicam o cuidado ao analisar uma entrevista, levando em consideração não só a narrativa de experiência, mas as perguntas e contexto que levaram àquele relato.

Não desconsiderar a voz do entrevistador é importante, pois ajuda a entender a sua relação com o MHL e as estratégias utilizadas para a produção da entrevista e, conseqüentemente, para estimular a fala dos entrevistados. Assim, “A estratégia postula um lugar [...] de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos e ameaças” (CERTEAU, 1998, p.99). Aquele que produz a entrevista têm a visão do todo: sabe o que quer com ela e os motivos de ter selecionado o entrevistado. Portanto, o entrevistador pode gerir, por meio das perguntas e de direcionamentos de temas, a relação com um alvo. Essas características podem mostrar suas percepções de museu e as memórias e identidades que ele buscou selecionar com as perguntas.

Acerca do relato de experiência, é importante compreender que o depoente se apropria no presente de lembranças do passado e, assim, organiza suas memórias de forma a construir uma narrativa segundo uma lógica retrospectiva e

prospectiva (BOURDIEU, 2006). Por isso é importante conhecer o contexto em que essas memórias são exercitadas e a forma como a entrevista é conduzida – a conjuntura histórica, o momento da entrevista, as perguntas, os conflitos e sobreposições resultantes da interação entre entrevistador e depoente.

1 O MUSEU E O REGISTRO DE EXPERIÊNCIAS: A PRODUÇÃO DE DEPOIMENTOS ORAIS NA DÉCADA DE 1970

1.1 IMPLICAÇÕES DA REVOLUÇÃO DOCUMENTAL: NOVAS PERSPECTIVAS

Podemos dizer, já de início, que a produção de depoimentos orais pelo Museu Histórico de Londrina e, conseqüentemente, seu armazenamento, dialogam com a revolução documental impulsionada pelas reformulações historiográficas do século XX, principalmente pelo alargamento da definição de fontes históricas – questão que está ligada a um dos motivos que levou os relatos orais à legitimidade como documentos. Para ser mais claro,

A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história [...] fundada essencialmente nos textos, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. (LE GOFF, 1990, p. 28)

De acordo com André Porto Ancona Lopez (1996), os métodos dos arquivos não ficaram às margens dessa mudança. Os acervos arquivísticos contemporâneos, diferentes dos tradicionais onde existia a restrição da arquivologia clássica baseada na conservação de documentos oficiais produzidos espontaneamente e não com o objetivo de informar (JOUTARD, 2006), tem como característica o grande volume de documentos e a coexistência de variados suportes de informação, ampliando o conceito de documento no nível de pesquisa histórica e no nível da documentação (SCHELLENBERG, 1974 apud LOPEZ, 1996, p.15).

Esse alargamento no campo da documentação possibilitou a abordagem da história contemporânea, por exemplo, seguindo um viés que aceita a história do comum. Philippe Joutard (2006) diz que a história desenvolvida pelas gerações dos *Annales*, em especial a busca pela história total, influenciou a história pautada na oralidade devido ao aumento do interesse pela história das mulheres, da vida cotidiana, do trabalho, identidades, fenômenos migratórios e etc., dando à História oral um papel fundamental na constituição de fontes de sujeitos e grupos que deixam poucos registros escritos (ALBERTI, 2008).

De acordo com Joutard (2006), os arquivistas seguiram esse movimento e se tornaram mais ativos. A principal referência deixou de ser apenas a documentação

escrita e passaram a valorizar a atividade humana testemunhada. Conseqüentemente, a busca pelo contexto do documento despertou nos arquivistas o interesse em projetos de História oral e deixaram de ser apenas conservadores. Passaram a produzir fontes orais para entender como o acervo foi constituído ou para complementá-lo.

Ao trazermos essas questões para abordar uma instituição museológica, enfatizamos, de acordo com as perspectivas de Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (2003), que a problemática de um museu ultrapassa a da exposição, pois aquele possui funções científico-documentais – e também educacionais e culturais. Resta saber, porém, quais os motivos que levaram diretores, funcionários e colaboradores do MHL a produzir depoimentos orais e se estes dialogam com as questões colocadas pelos autores.

1.2 A SISTEMATIZAÇÃO DA HISTÓRIA ORAL NO CONTEXTO BRASILEIRO DA DÉCADA DE 1970

O início da constituição de depoimentos orais pelo Museu Histórico de Londrina está ligado à primeira gestão de Conceição Aparecida Duarte Geraldo – segunda direção do MHL – de agosto de 1976 a março de 1979. De acordo Edson José Holtz Leme (2013), interessada em registrar as memórias de antigos moradores da cidade de Londrina, Geraldo iniciou a coleta de entrevistas de pessoas consideradas pioneiras londrinenses.

Por meio de referências encontradas na tese de doutorado de Leme (2013) localizamos no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), um depoimento no qual Conceição Geraldo é a depoente e conta detalhes importantes do início da produção de entrevistas do Museu e do Arquivo Histórico. O depoimento foi conduzido, em 1989, por alunas da graduação em História da UEL vinculadas ao projeto “Aparelhamento e organização do Núcleo de História Oral do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica”¹¹.

Aparentemente, a produção de depoimentos pelo Arquivo Histórico é anterior – datada de 1972 – a iniciada pelo Museu – possivelmente em 1977 – e considerada uma das primeiras ocorridas em instituições do Brasil, de acordo com o prefácio da

¹¹De acordo com informações encontradas no Currículo Lattes do coordenador do projeto, o professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, José Miguel Arias Neto, a iniciativa visava organizar o acervo de fitas existentes no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) da UEL, para constituir um Núcleo de História Oral.

edição brasileira do livro “A voz do passado: História oral”, de Paul Thompson (1992), escrito por Sônia Maria de Freitas. Logo, é bastante sintomático, em ambos os casos, as entrevistas serem produzidas na década de 1970, principalmente, se levarmos em consideração a trajetória da História oral no Brasil.

Desta forma, de acordo com José Carlos Sebe Bom Meihy (2000), ainda que houvesse um esforço anterior, no Brasil a prática da História oral foi assumida com maior vigor na década de 1970, momento em que debates foram afinados e promoveram espaços coletivos para a troca de experiências. A primeira tentativa ocorreu em 1973, por meio de uma iniciativa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro com a estadunidense Fundação Ford, visando a parceria entre centros de estudos brasileiros e do exterior em torno da questão documental para as ciências sociais. Desse encontro resultou outro, em 1975, o I Curso Nacional de História Oral, inspirado no modelo da Universidade de Colúmbia, sob a coordenação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV), o qual, também patrocinado pela Fundação Ford, trouxe especialistas estrangeiros para comunicar as técnicas da História oral. Na mesma época, são instalados os dois primeiros programas de História oral do Brasil: no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e no CPDOC.

A sistematização de uma produção especializada no assunto, no Brasil, também tem início na década de 1970, principalmente com a publicação do livro/manual “História Oral: teoria e técnica”, em 1977, resultado da dissertação de mestrado de Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, da UFSC. Conforme Ricardo Santhiago (2015), Corrêa foi um dos poucos participantes matriculados no curso sobre História oral de 1975, na FGV. Sob a influência da vertente estadunidense do curso – à qual já havia tido contato em 1974, no Curso de Especialização em História da UFSC – trabalhou na adaptação do método da História oral para a realidade brasileira.

Ele tratava de estágios como os da transcrição, da elaboração de índices onomásticos, da conservação das fitas – mas arranhava pontos mais astuciosos, como a necessidade de empregar técnicas distintas para extrair informações dos dois diferentes perfis de entrevistados encontrados quando da implementação do programa: o camponês pouco ilustrado, mais fechado, e o político experiente e expansivo. (SANTHIAGO, 2015, p.224)

Em outras palavras, era o início da constituição de métodos fundamentados em estudos acadêmicos, os quais seriam melhor aceitos e desenvolvidos, segundo Meihy (2000), nas décadas de 1980 e 1990, no contexto de redemocratização do Brasil devido à valorização de testemunhos após o fim da opressão ditatorial.

Com o início da abertura política, em 1979, e principalmente na nascente dos anos 80 [...] houve uma espécie de explosão do interesse pela história oral. Logicamente a existência de documentos secretos e comprometidos pela opressão ditatorial fez com que se ampliassem as expectativas de novas fontes "não-oficiais". (MEIHY, 2000, p.91)

Isto posto, é possível enxergar a década de 1970 como o período do desenvolvimento inicial da História oral – sem repercussão em larga escala dada a persistência no Brasil da valorização do texto escrito em detrimento da oralidade, fator que muda nas décadas posteriores – o qual influenciou, com a ajuda da disseminação de leituras combinadas (de bibliografias estrangeira e brasileira) e da revolução documental já citada, a difusão de projetos em universidades e instituições museológicas, por exemplo:

[...] alguns arquivos e coleções documentais voltaram suas vistas ao cruzamento de documentos "regulares" com as fontes orais. Entre os projetos pioneiros e mais importantes, o Museu da Imagem e do Som de São Paulo, a partir de 1982, iniciou uma série de projetos diferentes, considerando manifestações de arte e da cultura popular brasileiras. [...] muitas universidades também prestaram atenção aos depoimentos gravados. Entre as instituições mais ativas nesta linha, destacam-se o Laboratório de História Oral e Iconografia, da Universidade Federal Fluminense, e o Centro de Documentação Iconográfica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ambos de 1982. Mais recentemente, o Centro de Memória da Unicamp também se distinguiu juntamente com grupos da PUC- SP. Finalmente, o registro de instituições paralelas à universidade que têm sido fundamentais para a história oral brasileira: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Fundação Carlos Chagas, entre outras. (MEIHY, 2000, p.94)

Sendo o Museu Histórico de Londrina órgão suplementar da UEL, podemos inseri-lo nesta difusão de projetos de História oral em museus e universidades. Porém, para introduzirmos a constituição do acervo de depoimentos orais do MHL neste contexto, é preciso compreender as iniciativas e processo de formação de um museu histórico em Londrina. Por conseguinte, é possível relacionar a forma como o Museu coletou suas primeiras entrevistas com os passos que a História oral dava na década de 1970.

1.3 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A PRODUÇÃO DE DEPOIMENTOS ORAIS NO MUSEU GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO NORTE DO PARANÁ

De acordo com Leme (2013), o movimento de criação de um museu histórico londrinense começou dentro da antiga Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina (FEFCLL), a qual se uniu a outras faculdades da cidade, em 1974, e formaram a Universidade Estadual de Londrina (UEL):

Para formar o acervo do futuro museu, alunos e professores iniciaram, a partir de 1969, junto à comunidade, um movimento visando coletar peças, objetos e documentos relacionados à história da cidade e da região norte paranaense. Neste processo quatro professores se destacaram: Carlos Weiss, então professor de História da Arte e História Antiga e Medieval, Maria Dulce Alho Gotti, da disciplina de Introdução aos Estudos Históricos, Célia Moraes de Oliveira, da disciplina de História Medieval e Maria Aparecida Silva, da disciplina de História Contemporânea. Com apoio dos alunos e demais colegas dos cursos de História e de Geografia organizaram o processo de coleta do acervo (LEME, 2013, p.127)

Essa união entre alunos e professores, na busca de acervo para formar um museu, teve suas ideias ampliadas. Além da formação de uma instituição museológica, buscaram pela criação “[...] de um arquivo histórico que teria como objetivo acumular, organizar e preservar os documentos que não se encaixassem na categoria de peças e objetos” (LEME, 2013, p.128). Desta forma, o trabalho com objetos e peças ficou sob a responsabilidade do professor e padre Carlos Weiss, enquanto a parte relativa à documentação foi conduzida por Maria Dulce Alho Gotti, os quais se tornaram diretores das respectivas instituições, Weiss do Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná¹² e Gotti do Arquivo Histórico, localizadas no porão do Grupo Escolar Hugo Simas, no mesmo prédio onde estava a FEFCLL.

Entre a trajetória de criação de ambas as instituições, para os nossos objetivos é necessário destacar a atuação de Conceição Geraldo e Gotti. Na época das ideias iniciais e constituição do Museu, Geraldo era aluna do curso de História da FEFCLL e se envolveu na iniciativa de coleta de acervo para aquela instituição.

¹² Em 1974, o Museu se torna órgão suplementar da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e em 1978 recebe o nome de Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”. A desativação da estação ferroviária na década de 1980 trouxe o local como favorito para a realocação do Museu Histórico de Londrina, de forma que, em 10 de dezembro de 1986, a transferência foi efetivada. Por conseguinte, o projeto intitulado “Memória Viva”, ocorrido entre 1996 e 2000, foi responsável pela revitalização do prédio utilizado pelo MHL, com o intuito de reestruturá-lo a partir da construção de alas expositivas e da reorganização da exposição de longa duração (HILDEBRANDO, 2010).

Em uma entrevista produzida pelo Museu Histórico de Londrina – a qual compõe um conjunto de depoimentos sobre o memorial do MHL –, em 2016, em que também participou a ex-museóloga daquela instituição, Marina Zuleika Scalassara, quando questionada sobre a constituição do Museu, Conceição Geraldo responde:

CG: [...] me lembro desses dois professores, Padre Carlos Weiss e Maria Dulce, que nos deram como tarefa [...] valendo nota, trazeremos para o acervo do futuro Museu, que já estava sendo cogitado, mais ou menos estruturado, assim, é, objetos, documentos, fotografias históricas das nossas cidades. Por que das nossas cidades? Porque como o Departamento de História uniu-se ao Departamento de Geografia para criar o Museu, o Museu nasceu naquele ano mesmo, em 69, como Museu Histórico e Geográfico do Norte do Paraná. [...] eu fui a primeira aluna a trazer as primeiras peças [fala com ênfase] com relatório [...]. Umas peças interessantes. Tinha da cultura indígena, tinha coisas de pioneiros de Uraí [sua cidade natal] [...] e outras coisas mais, que tem na relação. Então, eu fui a primeira aluna, né Zuleika? Primeira. (GERALDO; SCALASSARA, 2016)

Percebe-se que Geraldo coloca a si mesma, neste e em vários momentos da entrevista, como peça importante na constituição da instituição, principalmente ao ressaltar e pedir a confirmação da ex-colega de trabalho sobre sua atuação pioneira na doação de objetos e documentos. A ex-aluna e, posteriormente, docente de História da Arte do Departamento de História da UEL e diretora do Museu, apresenta um discurso, em ambas as entrevistas – de 1989 e de 2016 – que valoriza a importância da doação de peças para o MHL. Desta forma, mesmo que o relato de experiência não seja sempre o mesmo, devido ao contexto da produção e a natureza das perguntas (POTELLI, 1997; ALBERTI, 2008), existem narrações de lembranças que se repetem, por causa da importância que aqueles acontecimentos tiveram na vida do narrador (POLLAK, 1992).

Mas por quais motivos estamos enfatizando a coleta de peças, quando o que mais nos interessa é a produção e constituição do acervo de depoimentos? Respondemos que a busca por doações de objetos por parte do Museu, durante principalmente a primeira gestão de Conceição Geraldo, é fundamental para o início da coleta de entrevistas naquela instituição. O entendimento sobre esta questão é esclarecido na entrevista feita com Geraldo em 1989 e, também, com a ajuda de alguns detalhes presentes em um depoimento de Olympio Luiz Westphalen – diretor, e também professor de História da América do Departamento de História da UEL, que substituiu Conceição Geraldo na direção do Museu, em março de 1979.

Desta forma, Westphalen, quando questionado, em outubro de 1979, por José Cesar dos Reis – à época diretor do Arquivo Histórico – sobre a constituição de um setor de Imagem e Som no Museu, relata sobre a existência de um organograma feito ainda na gestão de Weiss que previa a criação de diversos setores em uma futura sede do Museu – que viria ser a estação ferroviária da cidade, em 1986. Westphalen fala, então, da constituição de entrevistas pelo Arquivo Histórico, enfatizando que o Museu foi no mesmo sentido do Arquivo, buscando entrevistar os “pioneiros” da cidade (WESTPHALEN, 1979).

Isto posto, o critério de seleção de depoentes de ambas as instituições é serem “pioneiros” londrinenses – aqueles que chegaram nos primeiros 10 anos da (re)ocupação do território onde se formou a cidade de Londrina. De acordo com Leme (2013), uma das preocupações do Museu, estava relacionada à rápida modernização da cidade, que estava provocando a demolição de prédios considerados antigos e, também, ao “[...] envelhecimento e desaparecimento de diversos moradores que haviam chegado à cidade no início de sua colonização” (LEME, 2013, p.128). Essa busca pela história dos “pioneiros” aconteceu de forma mais enfática nas segunda e terceira direções – de Conceição Aparecida Duarte Geraldo e de Olympio Luiz Westphalen – pois, segundo a historiadora Cláudia Eliane P. Marques Martinez, o primeiro diretor da instituição, o padre e professor Carlos Weiss, dava prioridade aos estudos etnográficos e arqueológicos. Portanto, a autora trabalha com a hipótese, que:

[...] com a morte de Carlos Weiss, em 1976, o interesse em relação à tipologia e à natureza dos objetos que deveriam ficar ou não no MHL sofreu modificações significativas. A etnografia, a arqueologia e a ênfase dada a outras etnias e grupos sociais, presente nos momentos iniciais da fundação do Museu, foram aos poucos perdendo dimensão e importância. Seguindo movimento contrário, a figura do pioneiro e a história da (re)ocupação recente no século XX passaram a ganhar espaço cada vez maior nas exposições e na política de aquisição de acervos e coleções [...]. (MARTINEZ, 2017, p.6-7).

E assim, chegamos à gestão de Conceição Geraldo, período de intensificação da abordagem da história dos “pioneiros” e do início da (re)ocupação de Londrina, a qual é concomitante ao início da constituição do acervo de depoimentos orais do Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná:

CG: [...] agora então eu relato a minha atividade nesse campo, enquanto diretora do Museu, no período de agosto de 1976 até março de 1979. Como eu acompanhei todo o movimento da criação do Arquivo Histórico e do Museu como acadêmica e depois já como docente do Departamento de História, ao assumir a direção do Museu Histórico, talvez já muito motivada pelos meus ex professores e sabendo que já havia um início de trabalho feito pela Maria Dulce, eu resolvi dar continuidade. (GERALDO, 1989).

Novamente percebe-se o crédito às influências do que o Arquivo Histórico fazia desde 1972, ou seja, a coleta de entrevistas de “pioneiros”. Já o seguinte trecho da entrevista de Conceição Geraldo, nos ajuda a compreender a importância da doação de peças para a coleta de depoimentos:

CG: [Em resposta ao questionamento das entrevistadoras sobre as ideias da formação do conjunto documental oral e a sua relação com a história do Museu] [...] o objetivo principal de todos os depoimentos gravados, além, primeiramente, de se constituir um acervo de História oral do Museu Histórico, também era motivar as pessoas a fazerem doações de outros objetos ligados a suas vidas e a história do Paraná, que passaram a fazer parte do acervo do Museu Histórico. Foi um trabalho desenvolvido num curto período de tempo, de dois anos e nove meses, que foi enquanto eu estive na direção do Museu. E... com muitas falhas metodológicas, acredito. Mas pelo menos nós conseguimos nosso objetivo, que era gravar os depoimentos de vida de pessoas que já tinha uma idade avançada e muitas delas vieram a falecer, às vezes, logo depois da gravação dos depoimentos. [...] E... mesmo tendo gravado muitos, nós, por falta de tempo, de pessoal, deixamos de gravar de muitos outros, que vieram a falecer antes de seus depoimentos e fizessem parte de todo esse acervo oral, ligado a história de Londrina. (GERALDO, 1989).

Geraldo mostra uma enorme preocupação em coletar depoimentos de pessoas com idades avançadas, as quais poderiam morrer antes de registrar suas experiências ou doar peças que ela considerava importantes para o acervo do Museu. Adiantamos que Conceição Geraldo se refere aos “pioneiros” de Londrina e de cidades próximas, o que ficará mais claro ao longo da pesquisa. A intenção de coletar depoimentos desses sujeitos vai ao encontro da hipótese de Martinez sobre, após a morte de Weiss, existir um esforço maior para tornar o Museu um espaço da figura do “pioneiro” – momento intitulado pela autora como a segunda fase do Museu, de 1976 a 1996, onde o pioneiro constitui o centro e a periferia do MHL, sob as gestões de Conceição Geraldo e Olympio Luiz Westphalen. Mas antes de continuar historicizando a produção dos depoimentos orais do Museu, é válido

entender o contexto Londrinense da década de 1970 e a importância dada ao “pioneiro” e ao início da (re)ocupação de Londrina.

1.4 O COMPLEXO CONTEXTO LONDRINENSE: CRISES DE IDENTIDADES E MITOS FUNDADORES

Para entender o contexto londrinense de 1970, é necessário compreender, antes, o processo de colonização do “norte novo”¹³ do Paraná. Assim, a (re)ocupação do norte do Paraná, de acordo com Antonio Paulo Benatti (1996), está relacionada ao processo de interiorização do Brasil, impulsionado pela expansão do capitalismo em meados do século XIX. Mas é durante e após a década de 1930 que a (re)ocupação dessa área é acelerada por meio do capital colonizador. No caso da região de Londrina, localizada no “norte novo” do Paraná, o capital colonizador é originário do empreendimento imobiliário, financiado pela Inglaterra e subsidiário da *Paraná Plantations Syndicate*, da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP).

No chamado "norte novo", área a oeste do Rio Tibagi, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) - ou, simplesmente, "a Companhia" -, de capital inglês e com sede em Londres, foi o principal agente à frente desse processo. Adquirindo do governo do Paraná, por preços módicos, uma extensa gleba de mais de meio milhão de alqueires, a CTNP pôs em execução um projeto que, num verdadeiro "pacote", combinava a construção e exploração de uma rede ferroviária, a venda de lotes urbanos e rurais, e, ainda que indiretamente, o plantio de café. (BENATTI, 1996, p.13).

Antes da chegada da CTNP, em 1919 a produção cafeeira passou a ocupar o norte do Paraná, sendo interrompida pela eclosão da Primeira Guerra Mundial geradora de uma crise econômica que afetou os fazendeiros. A solução encontrada pelo governo para dar continuidade à ocupação do norte paranaense, se pautou na abertura de espaço, ou seja, na concessão de terras a baixo custo para companhias colonizadoras financiadas pelo capital privado, o caso da CTNP (LEME, 2013).

A Companhia passou a investir em seu propósito imobiliário e, de acordo com Leme (2013), em 1929 ela enviou uma caravana com o intuito de demarcar as terras

¹³ De acordo com Leme (2013), tratar o norte do Paraná como espaço homogêneo é algo questionado. Com base nas ideias de Tomazi (1997), ele diz que esta região foi denominada de várias formas segundo as diversas (re)ocupações. O que se consagrou no século XX foi a divisão entre Norte Velho, Novo e Novíssimo. O Norte Novo se refere à boa parte das terras colonizadas pela Companhia de Terras Norte do Paraná. Essa divisão, porém, presume uma ideia de (re)ocupação linear com fases bem definidas ou, ainda, uma ordenação histórica que pressupõe um fenômeno inovador, mas “[...] várias foram as formas e as origens desse processo” (TOMAZI, 1997, p.126).

e lotes e levantar as primeiras edificações. Pelo fato da (re)ocupação do “norte novo” ter acontecido em um momento de crise econômica, a CTNP priorizou um regime de pequena propriedade, de caráter racionalmente planejado, pois a Companhia tinha em mente, de acordo com Benatti (1996), “[...] uma clientela de pequenos poupadores: imigrantes e ex-colonos migrantes que poderiam tornar-se pequenos proprietários de sua mercadoria, os lotes urbanos e rurais, e consumidores de seus serviços” (BENATTI, 1996, p.16). Porém, segundo o mesmo autor, esse plano não descartou a venda e o cultivo de propriedades maiores, “[...] inclusive com uma concentração crescente da terra a partir da superação da crise do café em fins da década de quarenta” (BENATTI, 1996, p.16).

No que diz respeito à expansão cafeeira nas terras da CTNP, esta aconteceu depois da formação intencional de uma rede urbana, como é o caso de Londrina. Essa lógica é o contrário “[...] das etapas anteriores do itinerário do café (Vale do Paraíba e Oeste velho de São Paulo), nas quais o fato urbano foi sempre razoavelmente "espontâneo", sem um planejamento racional prévio” (BENATTI, 1996, p.17). A estratégia da CTNP se pautava em criar uma rede urbana capaz de suprir as necessidades da população rural, principalmente por meio da criação de núcleos maiores. Londrina desempenhou o papel de cidade-polo dentro deste plano da Companhia (BENATTI, 1996).

Essas cidades não eram idealizadas apenas no que diz respeito aos aspectos morfológicos. Eram também o lugar da ordem social e do progresso econômico (BENATTI, 1996). Isso era refletido na forma como a CTNP disseminava sua própria imagem, pautada em discursos de facilitação na “[...] aquisição de pequenas propriedades, título seguros, igualdade de oportunidade oferecidas a todos que quisessem trabalhar em harmonia e enriquecer” (ARIAS NETO, 2008, p.45), a qual era atraente aos olhos dos pequenos poupadores citados por Benatti (1996), indivíduos considerados desbravadores do norte do Paraná e mais tarde, no contexto do Eldorado cafeeiro, como veremos mais adiante, consolidaram a figura do pioneiro (ARIAS NETO, 2008).

Na primeira fase da colonização de Londrina, do início ao fim da década de 1930, conforme José Miguel Arias Neto (2008), a Companhia investiu em propagandas que retratavam a cidade como a terra prometida, destacando a fertilidade do solo do norte do Paraná para atrair compradores. Nas propagandas desse período, a ênfase era colocada nas “[...] terras privilegiadas para qualquer

produção (café, algodão, cereais, leguminosas, forragem)” (ARIAS NETO, 2008, p.14), o que muda anos mais tarde com o desenvolvimento da cafeicultura, quando o norte do Paraná e Londrina passam a ter sua imagem vinculadas ao café, “[...] transformando-se assim no Eldorado cafeeiro” (ARIAS NETO, 2008, p.15). Nessa primeira fase, os principais negócios da cidade foram a policultura, o comércio, a extração, a industrialização e a exportação de madeira, o que potencializou o papel das serrarias em Londrina (ARIAS NETO, 2008).

Nesse primeiro período, a intenção era tornar as terras do norte novo do Paraná interessantes para possíveis compradores, independente do produto cultivado. Neste momento não era possível, então, centrar a imagem do norte do Paraná e de Londrina apenas na “[...] representação do café como fonte de riqueza e símbolo do progresso” (ARIAS NETO, 2008, p.43), pois a exaltação de uma monocultura não condizia com a promessa da terra da promessa, a qual tem o solo propício para qualquer tipo de cultura. Assim, de acordo com o mesmo autor, a CTNP construiu uma representação de si e do norte do Paraná pautada no seu plano “racional e ordeiro” de colonização e na fertilidade do solo.

Percebe-se, então, a construção de um mito fundador acerca da atuação da CTNP. No que diz respeito a essa tipologia de mito, de acordo com Carlo Ginzburg (2001), são usos políticos, pois a “[...] legitimação do poder remete necessariamente a uma história exemplar, a um princípio, a um mito fundador” (GINZBURG, 2001, p.83). Sob este argumento podemos compreender a utilização política de uma versão da história da cidade de Londrina simplificada e voltada para os aspectos positivos do início da colonização – a qual oculta a complexidade das relações sociais e os lados negativos.

Após essa fase do pioneirismo, Londrina tem sua imagem associada a outra representação, o Eldorado da cafeicultura (ARIAS NETO, 2008). No início do século XX, o ciclo do café no Brasil passava por crises e o Convênio de Taubaté, assinado em 1906, para superar a superprodução e a baixa de preços da exportação, “[...] adotaram, como parte de uma política de valorização do produto, uma série de medidas restritivas à produção do café” (BENATTI, 1996, p.14). Nesse cenário, acrescido das consequências da Primeira Guerra Mundial e da Crise de 1929, a intensificação da colonização do norte do Paraná aparece como outra consequência para a continuidade da produção cafeeira do estado de São Paulo.

A transferência e a formação de cafezais para as terras além-Paranapanema, onde não haviam medidas limitativas à produção, foi a saída encontrada por fazendeiros, sobretudo paulistas, para continuarem expandindo seus negócios. A colonização tenderia à intensificação conforme gradualmente foram sendo superadas as crises na exportação do café. (BENATTI, 1996, p.15).

Esse objetivo de intensificar gradualmente a produção cafeeira conforme a crise fosse superada, justifica o plano da CTNP, como abordamos com base nas ideias de Benatti (1996), de primeiro formar uma rede urbana e transformar as terras do norte novo em negócios atrativos para potenciais compradores, para depois estimular a cafeicultura. O norte do Paraná passa a cumprir, então, as expectativas da marcha do café que acontecia em São Paulo, tinha valor para essa continuidade da produção, pois se destacava devido a vários motivos:

[...] qualidade das terras, política econômica governamental, escoamento da produção pelas ferrovias que chegavam ao Estado, a evolução da cafeicultura paulista neste período e o surto de industrialização de São Paulo a partir da década de 1930, além da facilidade para a aquisição de terras no Estado. (CHIES; YOKOO, 2012, p.34)

A construção do Eldorado cafeeiro, iniciado em meados dos anos 1940, coloca em cena, como protagonista, as plantações de cafezais. Essa representação legitima a existência de uma riqueza diferente no norte do Paraná, onde, de acordo com Arias Neto (2008), não havia as minas de ouro dos séculos XVII e XVIII, mas sim a oportunidade de transformar “[...] através do trabalho, as riquezas naturais do norte e a fertilidade da terra, em ouro” (ARIAS NETO, 2008, p.57). Assim, segundo o mesmo autor, os cafezais passaram a ser considerados o “ouro verde” da cidade nos anos de 1950.

O contexto de produção da imagem do Eldorado, começou a ganhar forma em 1940 devido à normalização dos preços do café. Isso melhorou com o final da Segunda Guerra Mundial, quando os preços dispararam e geraram, de acordo com Arias Neto (2008), as primeiras fortunas em Londrina, o que passou a atrair pessoas interessadas na riqueza do café. Conforme Benatti (1996), entre 1946 e 1953, a exportação brasileira de café se estabilizou e os preços triplicaram. No norte do Paraná esse reflexo foi imediato, de forma que, na década de 1950, essa região “[...] se consolidou como o mais novo centro de gravidade da economia cafeeira, arrebatando aos paulistas a hegemonia no setor” (BENATTI, 1996, p.26). Por

consequente, nos anos de 1950, Londrina passa a ser reconhecida rapidamente como a capital mundial do café, se transformando em um canteiro de obras, que resultou em uma modernização urbana acelerada (LEME, 2013).

É dentro desse contexto de progresso, entre os anos 1940 e 1950, que a figura do “pioneiro” ganha força. O discurso mitificado relacionado à atuação positiva da CTNP se estende e incorpora, passada a fase do início da colonização londrinense, a figura do pioneiro: aqueles que vieram por consequência da propaganda da terra de promessa dos anos de 1930, ou seja, a clientela de pequenos poupadores visada pela Companhia (BENATTI, 1996). Tal figura consolidou o mito fundador da epopeia dos primeiros colonizadores da cidade, sendo o pioneiro aquele que enfrentou “[...] as adversidades dos primeiros anos de colonização e que triunfou, social e economicamente. [...]” (LEME, 2013, p. 91). Esse triunfo aconteceu na fase do Eldorado cafeeiro.

Assim, pode-se verificar que a representação do Eldorado e a do pioneiro constituem-se o discurso público das elites da cidade de Londrina e do Norte do Paraná, nos anos de 1950 e 1960. [...] Quando o termo pioneiro emerge no conjunto de representações [...], de meados dos anos 1940 em diante, possui um conteúdo político claramente explícito e, por isso mesmo, acredita-se que atribuir a formulação da ideia de pioneirismo no Norte do Paraná, aos homens dos anos 1930, mais que imprecisão analítica, é cair na armadilha de um discurso ideológico construído *a posteriori*. (ARIAS NETO, 2008, p.65-66).

Logo, tal discurso visou legitimar o norte do Paraná e, especialmente, Londrina como lugares de enriquecimento devido aos esforços dos “pioneiros” e à fertilidade da terra. Esse discurso é o sedimento de uma representação positiva da colonização daquela região, o qual atraiu lucros para o empreendimento colonizador e legitimou o poder político dos novos grupos dominantes, os cafeicultores (ARIAS NETO, 2008), que eram “pioneiros” ou apenas herdeiros do legado dos “desbravadores” (LEME, 2013).

Entretanto, de acordo com Benatti (1996), o Eldorado foi o produto efêmero de uma mudança conjuntural relativa à economia agrário-exportadora, pois,

A partir já do início dos anos sessenta, a ameaça de um novo ciclo de superprodução e baixa de preços, o perigo constante das "geadas negras" e a pressão da crescente concorrência de outros países produtores, frearam o ritmo de crescimento econômico iniciado pouco mais de uma década antes. [...] Em meados dos sessenta, a erradicação de cafezais e a diversificação das formas de exploração

da terra e acumulação de capital eram fatos que marcavam o fim do novo e breve Eldorado cafeeiro. (BENATTI, 1996, p.27).

Assim, a fase do Eldorado foi interrompida por vários motivos. A superprodução e a baixa no preço do café apareceram, mais uma vez, como disseminadoras de uma nova crise, que enxergou a superação na diversificação de produtos cultivados. Os problemas ambientais e naturais também se tornaram fatores de risco. Para ser mais claro, o plano colonizador da CTNP, que visou o lucro em maior proporção, não deu atenção suficiente ao clima do norte do Paraná, o qual nem sempre é favorável à produção de café, devido às fortes geadas.

Com estações razoavelmente melhor delimitadas que em São Paulo, com verões mais quentes e invernos mais frios, a região cafeeira paranaense era (e ainda é) sujeita ao risco de geadas pretas ou brancas. Isto constituía sério obstáculo ao avanço dos cafezais para as áreas em que o solo se apresentasse propício, obrigando os agricultores a cuidados técnicos nunca antes utilizados (PADIS, 1981, p.84-85)

Além do risco de geadas, devido às estações que eram melhor delimitadas no Paraná, de acordo com Claudia Chies e Sandra Yokoo (2012), problemas ambientais também foram desencadeados, entre eles a forte contaminação do solo por meio de agrotóxicos e outros componentes. Além disso existia a carência de uma cultura de preservação do solo, resultando no seu desgaste. Assim,

[...] a não utilização de curvas de nível, gerou complicações, como processos erosivos, principalmente na região noroeste do Estado (norte novíssimo), [...] além do desgaste do solo que, no período de ocupação, parece ter sido visto como inesgotável. (CHIES; YOKOO, 2012, p.41)

O desmatamento exacerbado e as queimadas, usados para limpar os terrenos e ter espaço para plantações, empobreceram o solo e diminuíram sua fertilidade, pois criaram um ambiente de ausência de proteção ao solo, “[...] que em pouco tempo geraram problemas aos proprietários de terra da região: baixa fertilidade, a ocorrência de voçorocas, assoreamento dos rios e dos córregos” (CHIES; YOKOO, 2012, p.21). No período da (re)ocupação e do Eldorado, a domesticação da natureza era o símbolo do progresso levado pelo homem – e por discursos – ao sertão (LEME, 2013). Entretanto, as consequências ambientais desse processo influenciaram – assim como a baixa dos preços do café, a diversificação de plantações e etc. – a crise do Eldorado cafeeiro.

Com o final gradual do período de prosperidade, o Eldorado é transformado em um discurso, também construído *a posteriori*, segundo Benatti (1996), de tempo fabuloso, uma espécie de idade de ouro, que passa a existir e perdurar mais na memória dos que vivenciaram aquele período, do que como realmente um ciclo duradouro na história econômica do Paraná. Assim, o discurso pautado em mitos fundadores e na imagem positiva do Eldorado cafeeiro, também passou a compor escritos históricos, especialmente nas comemorações do Jubileu de Prata de Londrina, em homenagem aos 25 anos da cidade, em 1959, voltados para a constituição de uma história local e regional ufanista:

As publicações, tanto particulares quanto aquelas produzidas pelo poder público municipal, crônicas, livros-documentários e notadamente os álbuns comemorativos, elegeram, para serem os protagonistas dessa história, apenas os representantes dos grupos hegemônicos da sociedade, tornados vultos e nomes tutelares da história local/regional. (LEME, 2013, p.24)

Essa tipologia de escrita acompanha a cronologia dos estudos sobre Londrina e o norte do Paraná e se encaixa nas características dos primeiros escritos históricos da cidade. Sônia Maria Sperandio Lopes Adum (2013) diz que estes estudos históricos, mesmo não sendo de base historiográfica, possuem características da historiografia consagrada, pois disseminam um “discurso de felicidade” entre as décadas de 1930 e 1970. Esse discurso tinha como particularidade a “exaltação” de Londrina ou do norte do Paraná, tratando-os enquanto paraíso prometido, colonizado de forma pacífica e próspera.

Ainda acerca das comemorações do Jubileu de Prata londrinense, esse momento pode ser considerado, segundo Leme (2013), um ritual de passagem entre a crise do Eldorado e as incertezas do presente por causa, principalmente, da crise econômica da produção cafeeira, que atingiu tanto os donos da produção, quanto os trabalhadores do café¹⁴. O sentimento de uma possível perda da época áurea da cidade resultou na construção de lugares de memória, que se apropriaram dos discursos dos mitos fundadores e do Eldorado, ou seja, do “discurso de felicidade” descrito por Adum (2013).

¹⁴ De acordo com Leme (2013), a queda do preço do café, unida à superprodução, trouxe o confisco cambial pelo governo federal, o que resultou em insatisfações e na organização, em 1958, da Marcha da Produção, que exigia a extinção desse confisco e a implantação de políticas assistenciais para os trabalhadores do campo, os quais, devido à crise, sofriam com a pauperização.

Por conseguinte, percebe-se um momento de intensa seleção de memórias devido à perda do vínculo com o passado, com o Eldorado e o prestígio da CTNP e dos “pioneiros”. Para ser mais claro, conforme Pierre Nora (1993), a memória em sua condição mais essencial é aquela vivida, atual, presente no cotidiano, espontânea, afetiva e mágica, que não se acomoda a detalhes que a confortam, portanto, não necessita de lugares de memória ou da história¹⁵ para ser perpetuada. Entretanto, devido à aceleração do mundo moderno se produz, cada vez mais depressa, um passado morto, a noção de algo desaparecido. Desta forma,

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p.13)

De outro modo, a não vivência da memória traz a ânsia, principalmente de grupos dominantes, por suportes exteriores, como aconteceu no Jubileu de Prata londrinense. Os lugares de memória são constituídos e mantidos pelo sentimento de que não há memória espontânea e há urgência em criar arquivos. Todavia, segundo o mesmo autor, os lugares de memória não conseguem preservar a memória vivida, mas sim uma memória voluntária e organizada, a qual é selecionada de acordo com conflitos entre os grupos sociais. Logo, um lugar de memória tem um sentido simbólico, que “[...] caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou.” (NORA, 1993, p.22).

Se considerarmos esse sentido simbólico dos lugares de memória, não foram todos os indivíduos, daqueles que vieram na década de 1930 ou no período do Eldorado londrinense, que enriqueceram ou construíram trajetórias consideradas “épicas” por meio de seus trabalhos. Mas foram selecionadas as memórias de grupos dominantes para representar a identidade dos londrinenses, as quais configuram prestígio econômico e social para a história da cidade. Esse tipo de enquadramento da memória só é modificado, segundo Adum (2013), a partir da constituição de “Novas Histórias”, as quais emergiram nos últimos trinta anos com questões socioeconômicas e culturais. Estas novas produções dialogam com as reformulações historiográficas, principalmente no que diz respeito à diversificação de

¹⁵ De acordo com Nora (1993), a história, diferente da memória, visa a produção de um conhecimento racional, por meio da exposição lógica dos acontecimentos do passado. Portanto, a história é fruto de seleções e organizações.

enfoques temáticos, gerando uma reflexão mais crítica sobre o processo de colonização¹⁶. Na década de 1990, por exemplo, houve inserção de novos personagens na produção historiográfica do norte do Paraná, influenciada pela “História em migalhas”, a qual abandonou a perspectiva globalizante e a vocação de síntese, de forma que novos sujeitos históricos entraram em cena, substituindo o centro pelas margens (ADUM, 2013).

De outro modo, percebe-se um momento de crise em Londrina, entre as décadas de 1960 e 1970, seguido do reforço de uma memória coletiva embasada em discursos positivos. A memória aparenta ser um fenômeno individual, mas ela é também um fenômeno social, constituído sob mudanças constantes e flutuações. Para ser mais claro, a memória coletiva pode contribuir para com o sentimento de pertença a um grupo de passado comum que, conseqüentemente, compartilham memórias (HALBWACHS, 1990) que podem ter sido impostas por jogos de poderes. Logo, a memória individual é inserida na memória da coletividade por meio da força dos diferentes pontos de referência que a estruturam:

[...] os monumentos, esses lugares da memória analisados por Pierre Nora, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias. (HALBWACHS apud POLLAK, 1989, p.3)

Dessa forma, percebe-se, mais uma vez, os lugares de memória como espaços simbólicos que influenciam o sentimento de pertença das pessoas. De acordo com Michael Pollak (1989) – diferente de Maurice Halbwachs (1990), que desconsiderava a memória coletiva como uma imposição, uma forma de dominação – as memórias coletivas e individuais são objetos de luta pelo poder, travada entre classes, grupos e indivíduos. Escolher o que deve ser lembrado e também sobre o que deve ser “esquecido” integra os mecanismos de controle de um grupo sobre o outro. Segundo Pollak (1989), em momentos de crises as memórias subterrâneas podem aflorar e ajudar a reescrever a história de um grupo, cidade, nação, etc.

¹⁶Essa tendência de abordar criticamente a colonização, aparece, por exemplo, na tese de doutorado de Nelson Dacio Tomazi “Norte do Paraná: História e fantasmagorias” (1997), na qual o autor desconstrói o discurso fundador mítico da CTNP, dizendo que esses tinham a função de ocultar os verdadeiros objetivos da Companhia: o lucro. Todos os autores usados até aqui, como base para abordar a história de Londrina e do norte do Paraná, também se encaixam nessas “Novas Histórias”.

Porém, no caso de Londrina, o que emergiu, especialmente com os escritos históricos e lugares de memória em comemoração ao Jubileu de Prata, foi a manutenção de uma memória dominante, devido ao contexto de crise do Eldorado.

Isso se resume ao trabalho do enquadramento da memória, conceito desenvolvido por Pollak (1992). Esse enquadramento diz respeito a tudo aquilo que leva os grupos a tentarem cristalizar memórias. Portanto, como vimos, devido ao contexto de modificação da cidade, existiam memórias e identidades em crise. Esses tipos de transformações resultam na perda do vínculo com o espaço e tempo orgânico da memória e identidade (CHOAY, 2006), no caso de Londrina, dos que se consideravam pioneiros, ou herdeiros do legado destes, e daqueles que tiveram lucros com a cafeicultura.

Esse enquadramento continua durante as décadas de 1960 e 1970 e é acentuado por geadas que continuaram danificando as plantações, como é o caso, principalmente, da famosa geada de 1975, conhecida como Geada Negra, a qual, segundo Nelson Dacio Tomazi (1997), solidificou o processo de diversificação, iniciado na década de 1960, devido aos altos danos que causou à cafeicultura. Assim,

Esta geada significou, simbolicamente, a "pá de cal" na cafeicultura paranaense, que mesmo assim continuou sendo uma das fontes de renda significativa para o estado do Paraná, mas agora não mais com aquela pujança anterior, pois já disputava o espaço com a pecuária bovina, a soja, o algodão e o trigo. (TOMAZI, 1997, p. 260)

De acordo com Arias Neto (2008, p.181), as décadas de 1960 e 1970, em que aconteceu a “[...] crise da cafeicultura, o colapso do populismo e seus desdobramentos, bem como os arranjos na ordem capitalista internacional, produziram, a nível local e regional” (ARIAS NETO, 2008, p.181), mudanças que despertaram a consciência da crise do Eldorado. Conforme o mesmo autor, em 1977, a produção do café foi quase insignificante perante os resultados, por exemplo, das colheitas de trigo e soja.

Entretanto, o progresso do café e, depois, seu declínio, vão além de implicações econômicas e políticas. Como abordamos, o plano da CTNP, na década de 1930, também se estendia à construção da ordem social (BENATTI, 1996). Essa idealização sucumbiu pelas consequências do desenvolvimento econômico do

Eldorado, entre os anos de 1940 e 1950, devido ao rápido crescimento populacional e urbano. De acordo com Arias Neto (2008), a consequência foi a desestabilização:

a) do sítio urbano – a proliferação dos loteamentos, do crescimento vertical das residências de luxo, construídas em meio ao barro e aos casebres da população de baixa renda; b) da vida social – o aumento do custo de vida, a invasão de vadios e malandros, a multiplicação das casas de jogo e prostituição e dos grandes golpes de terras e c) dos equipamentos urbanos – insuficiência no abastecimento de água e no fornecimento de energia elétrica e deficiência de comunicação [...]. (ARIAS NETO, 2008, p.104)

Logo, essa aceleração do desenvolvimento londrinense gerou mudanças que ultrapassaram as expectativas e os suportes para manter a ordem social e urbana. Por exemplo, conforme Benatti (1996), a prosperidade cafeeira foi acompanhada da expansão da marginalidade, na década de 1950, como é o exemplo do alto número de bordéis e prostitutas na cidade de Londrina, no auge do Eldorado. A falta de instrumentos para superar essas desestabilizações foi recorrer a discursos positivos sobre o passado. Portanto, o próprio discurso do progresso, ou melhor, a forma como ele aconteceu colaborou para a perda da cidade idealizada.

Além disso, a modernização intensificada com os altos lucros do café, também gerou:

[...] mudanças no cotidiano da população. As antigas carroças e charretes deram lugar aos automóveis. Prédios antigos e casas de madeira foram demolidos para dar lugar aos prédios modernos, causando perdas irreversíveis ao patrimônio histórico da cidade. (LEME, 2013, p.79)

A lógica da sociedade moderna influenciou a morfologia da malha urbana londrinense. Com base nas ideias do arquiteto e restaurador italiano Giovanni, Françoise Choay (2006) define a malha urbana como tudo o que dita reconfigurações espaciais e assim mostra a importância da preservação de vestígios urbanos antigos, uma forma de firmar relações entre o passado e o presente e mostrar que há historicidade na cidade. Em outras palavras, segundo Choay (2006), essa ideia mostra que é necessário respeitar a morfologia da malha urbana a partir das relações originais que deram origem ao formato que encontramos no presente. O respeito a essa morfologia permite restauros e destruições, desde que se preze um estado de equilíbrio entre o antigo e o moderno. Esse estado de harmonia não se concretizou em Londrina, devido à aceleração urbanística e à demolição de

prédios considerados antigos, em uma cidade recente, sendo este, de acordo com Arias Neto (2008), um dos ônus do discurso do progresso urbano.

O declínio da produção cafeeira também gerou altos custos ao modo de viver dos trabalhadores das lavouras de café, os quais, em sua maioria, não tiveram a oportunidade de enriquecer, mesmo no período de auge do Eldorado – oportunidade que o discurso oficial disseminou ser possível a todos. Para uma melhor compreensão, é necessário, antes, entender o processo de modernização da agricultura.

Entre as décadas de 1940 e 1960, “[...] a economia brasileira caracterizou-se pela industrialização substitutiva das importações, por uma revalorização do café no âmbito internacional [...]” (PRIORI et al, 2012, p.117). Entretanto, o sistema agrícola continuou com as mesmas maneiras de exploração da produção, tecnologias ultrapassadas. Para colocar as atividades agrícolas em compasso com o desenvolvimento industrial brasileiro, na década de 1960, sob a ditadura militar, “[...] o Estado se responsabilizou na formulação e desempenho de políticas macroeconômicas, voltadas para o aperfeiçoamento das técnicas na agricultura brasileira” (PRIORI et al, 2012, p.119).

No que diz respeito ao norte do Paraná, Priori et al (2012) enfatiza que o processo de modernização da agricultura ocorreu entre os fins da década de 1960 e começo dos anos 1970, momento de crise da economia cafeeira. Portanto, modernizar as técnicas e instrumentos facilitariam, por exemplo, o corte de custos com mão-de-obra e a eficiência da dinâmica da produção e da colheita. Esse processo de modernização implicou em mudanças sociais, pois,

[...] o aumento do número e utilização de tratores, além de outros implementos e insumos agrícolas, eliminou muitos empregos no campo e engrossou as migrações para as cidades. Houve nesse momento uma intensificação do êxodo rural, com uma população excluída se direcionando para cidades de maior porte na região, para São Paulo, para a região metropolitana de Curitiba, além das regiões de fronteira. (PRIORI et al, 2012, p.123).

Os trabalhadores foram, então, substituídos por tratores, arados de tração mecânica, entre outros tipos de maquinários e ferramentas de trabalho. Essa troca resultou no êxodo rural, o qual também é consequência, de acordo com Priori et al (2012), da inserção das plantações, em maior escala, de soja e de trigo, as quais não são permanentes como as de café – que duravam entre 15 e 25 anos –, pois

compunham um sistema de rotação de culturas, fator que, unido à mecanização, diminui a utilização de grande quantidade de mão-de-obra.

Desta forma, o modo de vida destes trabalhadores foi completamente alterado. Por exemplo, de acordo com João Cardoso de Mello e Fernando Novaes (1998), a entrada do migrante rural no mercado de trabalho urbano se deu, em geral, para homens na construção civil e para mulheres nos serviços domésticos assalariados. Mas não foi só a crise do Eldorado e a mecanização agrícola que geraram prejuízos aos trabalhadores das lavouras de café. Desde a década de 1950, auge da produção cafeeira em Londrina, de acordo com Arias Neto (1995), trabalhadores rurais começaram a reivindicar, por meio da criação do Sindicato dos Colonos e Assalariados do Norte do Paraná, os mesmos direitos oferecidos aos trabalhadores urbanos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) de 1943 e ausentes no contrato do colonato¹⁷ (salário mínimo, férias e etc.). Isso aconteceu, pois, desde o Estado Novo, contexto de criação da CLT, o governo de Getúlio Vargas evitou o confronto com oligarquias rurais, assim “Os direitos trabalhistas não foram estendidos à população rural, permitindo [...] a manutenção das antigas relações de exploração – em especial o colonato” (ARIAS NETO, 2008, p.52).

Em linhas gerais, percebe-se, por meio da construção de mitos fundadores, pautados na colonização positiva, no trabalho dos “pioneiros” e no Eldorado cafeeiro, uma cidade que, desde as comemorações de seu Jubileu de Prata, estava perdendo paulatinamente o controle de seu planejamento “racional”. O progresso gerado pelo café impulsionou um enorme crescimento econômico e, ao mesmo tempo, um caos urbanístico também provocado pela modernização e pelo crescimento populacional desenfreado. Os considerados pioneiros e os herdeiros do seu legado, os cafeicultores, que conseguiram algum destaque econômico e/ou social, viram, com a crise da “Idade de Ouro” de Londrina, uma ameaça aos discursos que legitimavam suas posições social e/ou econômica, os quais precisaram recorrer a lugares de memórias para serem solidificados. Entretanto, a crise do Eldorado cafeeiro não trouxe consequências apenas para esses personagens centrais. Também houve perdas para o trabalhador rural, no que diz

¹⁷ De acordo com Maria Sílvia C. Beozzo Bassanezi (1986), após a proibição do trabalho escravo no Brasil o colonato passou a ser a nova forma de organizar e controlar as atividades agrícolas baseado em unidades familiares. Esta organização do trabalho garantiu para o proprietário da terra um contrato rentável com custos reduzidos, pois, ao fazer um acordo de trabalho com um pai de família, todos os familiares eram “contratados”, mas sem remuneração individual.

respeito à vivência das memórias do seu cotidiano de trabalho na lavoura de café, forçadas, especialmente, pelo êxodo rural.

Enquanto lugar de memória, o Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná tinha o potencial, devido àquele complexo contexto, de enquadrar a memória coletiva disseminada pelos discursos positivos. Resta saber como o Museu tendeu para este lado durante as gestões de Conceição Aparecida Duarte Geraldo e Olympio Luiz Westphalen na segunda metade da década de 1970 e se a constituição de um acervo de depoimentos orais dialogou com essa possibilidade.

1.5 O DELINEAMENTO DE OBJETIVOS: O HOMEM COMUM OU O PIONEIRO DE DESTAQUE?

Não podemos negar que o MHL, devido à busca por depoimentos de “pioneiros”, dialoga com a questão mítica. Entretanto, a definição de pioneiro dada por Conceição Geraldo na entrevista de 1989, mostra que existem limites nesse diálogo.

CG: As pessoas [selecionadas para serem entrevistadas]: aquelas de uma relação de pessoas que realmente tiveram uma passagem marcante na história de Londrina ou da região. Fomos até Cornélio Procópio, Jataizinho, fizemos várias gravações. [...] Sertanópolis, é... Rolândia, Cambé. Íamos em várias cidades com muito pouco tempo e dificuldade, mas nós conseguíamos realmente visitar outras cidades, buscando sempre aquelas pessoas que tiveram muita ligação com a história do norte do Paraná. E um detalhe interessante é que essas pessoas que nós visitávamos, a importância delas não estava relacionada ao status que ela ocupasse na sociedade, mas a participação que tiveram no desenvolvimento do norte e na colonização da nossa região, porque quase sempre a história é feita em cima dos grandes homens, mas a História oral, ela já faz parte de toda uma revisão histórica surgida na Europa, no Canadá, nos Estados Unidos da América do Norte, justamente pra buscar a história do homem comum, daquele anônimo que realmente foi o que deu o maior impulso a colonização. Então é aquele que veio pra cá, que derrubou o mato, que plantou, que teve muitas vezes parte de sua família dizimada pela maleita, pelo tifo, pela febre amarela. Sugiro a vocês, futuras historiadoras, pra que procurem fazer uma pesquisa em Rolândia, onde houve um grande surto de febre amarela e grande parte da população foi dizimada, e isso, praticamente, não foi divulgado pelos meios de comunicação, com medo que diminuísse o afluxo de colonizadores pra nossa região. Mas estes que vieram pra cá e que eu digo que tiveram uma participação marcante na história do norte do Paraná, foram aqueles trabalhadores braçais e que lutaram muito! E que se hoje eles ocupam um lugar de destaque na sociedade foi fruto do trabalho deles, ninguém deu nada de graça pra eles. (GERALDO, 1989)

Neste trecho, Geraldo ressalta os “pioneiros” que tiveram passagens marcante na história da cidade e que conquistaram lugar de destaque na sociedade, mas enfatiza que o mais importante era a participação que tiveram no desenvolvimento de Londrina por meio de trabalhos comuns, como os trabalhadores braçais. Portanto, mesmo que sua fala soe confusa e controversa, acreditamos na coexistência de influências relacionadas ao contexto da História oral e das reformulações historiográficas que traziam o interesse na história do comum. O discurso também sugere um conflito mal resolvido entre as demandas historiográficas e as reivindicações da sociedade.

Dessa forma, percebe-se relações sociais complexas, as quais dizem respeito às formas como os indivíduos estavam lidando com o tempo naquele período o que implica um regime de historicidade. De acordo com François Hartog (2015), um regime de historicidade permite questionamentos sobre nossas relações com o tempo, pois é uma ferramenta heurística que nos ajuda a compreender, especialmente, momentos de crise do tempo, quando estão em xeque as articulações entre passado, presente e futuro. Assim, um regime de historicidade se pauta em investigar como o presente visa o passado e o futuro, pois essa relação mostra que tipos de histórias são possíveis. O norte do Paraná e, em especial, Londrina, conforme vimos, passavam por um momento de crise identitária, na década de 1970, devido às rápidas transformações sociais e aos problemas econômicos. Nesse contexto as relações com o tempo eram complexas e permitiam a coexistência entre discursos consagrados e a busca pelo comum, o que acaba por aparecer na fala de Conceição Geraldo.

Assim, não podemos desconsiderar a consciência da antiga diretora sobre a história de homens comuns e sobre a sua importância para a História oral, mesmo que os resultados disso sejam discursos de epopeias. Desta forma, abordamos a disseminação de cursos, programas e pesquisas resultado da sistematização da História oral no Brasil, mas, para melhor compreender aquele regime de historicidade e a seleção de depoentes do Museu, é necessário conhecer os diferentes objetivos da produção de depoimentos antes e durante os anos de 1970.

De acordo com Michel Trebitsch (1994), a História oral moderna¹⁸ tem início em 1948, ano que foi criado o gravador a fita, com Allan Nevins e Louis Starr,

¹⁸ O uso de relatos orais não é, de acordo com Verena Alberti (2008), algo contemporâneo. Desde a antiguidade intelectuais já usavam este caminho. Entretanto, ao falarmos de testemunhos como

sociólogos da Universidade de Columbia que fundaram o *Columbia History Office* com intuito de coletar, de estadunidenses que tiveram vidas consideradas significativas, relatos completos de suas atuações na vida econômica, política e cultural das últimas seis décadas anteriores àquele momento, a fim de coligir material para gerações futuras. Segundo Alberti (2008), paralelamente à iniciativa dos Estados Unidos, na Europa a coleta de relatos orais visava chefes da resistência francesa pós-Segunda Guerra Mundial e no México constituíam-se depoimentos de chefes da Revolução Mexicana.

Por conseguinte, o *boom* da História oral acontece na década de 1960. Naquele momento ela apresenta-se como uma contra-história, visando uma “história vista de baixo”. Cresce a coleta de entrevistas de histórias de vida, que busca por grupos sociais sem registros escritos, constituindo uma História oral militante. Pesquisadores que buscavam dar voz às minorias se diferenciavam da linha de Columbia que passou a ser vista como exemplo do que não podia se fazer (ALBERTI, 2008). Além disso, tinham como intuito derrubar o “[...] interdito estabelecido pela crítica do século XIX, que expulsa a tradição oral do campo científico em proveito das fontes escritas” (TREBTSCH, 1994, p.22). Tais questões geraram uma dicotomia entre história oficial e não oficial (ALBERTI, 2008).

No Brasil, como vimos, o curso coordenado pelo CPDOC-FGV e patrocinado pela Fundação Ford, em 1975, recebeu influências do modelo da Universidade de Columbia. Conseqüentemente, inicia-se, no mesmo ano, a realização das primeiras entrevistas do Programa de História Oral do CPDOC, visando registrar a trajetória e o desempenho das elites políticas do Brasil desde a década de 1930, com os seguintes objetivos:

[...] definimos a investigação no âmbito da classe política, dentro do qual procuraremos definir seus componentes, sua inserção social, influências intelectuais e políticas, os subgrupos que os compõem, suas respectivas funções, desempenho, conflitos e clivagens, visão de mundo, projetos específicos, visão retrospectiva de sua atuação e reavaliação do período etc. [...] [classe política entendida como] o conjunto de indivíduos que ocupa posições de mando na sociedade, e que exerce influência direta sobre as decisões centrais que afetam a comunidade em seu conjunto. [E também] [...] aqueles que, situando-se fora dele, cooperam com ele ou o hostilizam, constituindo, eventualmente uma 'contra-elite', ou classe política

fontes de conhecimento histórico na antiguidade, ainda estamos longe da legitimidade do uso de depoimentos orais como documentos históricos e da constituição de metodologias formais, desenvolvidos apenas no século XX com a metodologia da História oral moderna.

potencial, passível de converter-se - em momentos históricos de ruptura - em futura classe política. (PROJETO INSTITUCIONAL, 1975 apud ALBERTI, 1998, p.2).

Isto posto, percebe-se a aproximação à perspectiva estadunidense, relativa a busca de relatos de homens com prestígio político, por exemplo, mas independentemente de suas ideologias, importando apenas o destaque no cenário político. Alberti (1998) não nos deixa esquecer, todavia, que o fim de financiamento institucional de agências públicas, gerou a necessidade de realizar parcerias com outras instituições, fato que incidiu no alargamento dos temas centrais da constituição de entrevistas na década de 1990, revelando a importância do contexto e das intenções dos dirigentes e instituições de apoio na produção de entrevistas.

Há controvérsias, porém, sobre o reflexo dessas perspectivas estrangeiras no Brasil,

[...] textos de Sebe e Carlos Humberto Corrêa divergem entre si no que diz respeito aos primórdios da história oral no Brasil: enquanto Sebe avalia que, por força da ditadura militar, só era possível praticar uma história oral das elites, Carlos Humberto afirma que, na década de 1970, considerava-se que a história oral era terreno exclusivo para pesquisas com operários, agricultores e populações reprimidas, estando fora de cogitação as classes dirigentes, as classes médias, os políticos, o clero e os militares, e que somente os historiadores de esquerda viam futuro na história oral. Tal disparidade de interpretação é útil para nos fazer lembrar que recuperar a trajetória de um campo é também lidar com suas genealogias míticas. (ALBERTI, 1997, p.8)

Essa coexistência de entendimentos sobre a função da História oral talvez possa ser justificada pelo fato, de acordo com Meihy (2000), da História oral latino-americana não ser resultado de uma simples transmissão de bibliografia estrangeira. Os países latinos possuíam contextos e particularidades diferentes. Não houve, então, uma prática imitativa, mas sim uma adaptação, principalmente durante e após os períodos de regimes militares ditatoriais. Joutard (2006) é ainda mais específico ao dizer que desde o início, a História oral moderna é dupla. Logo, a História oral política apareceu primeiro, sendo a entrevista complemento de documentos escritos, voltada para a pesquisa de atores de destaque. Posteriormente constituiu-se uma História oral antropológica, de temas presentes em variadas experiências nacionais. O predomínio da segunda influenciou a riqueza metodológica da História oral e até mesmo a primeira tendência (política e restritiva). A história política deixou de

interrogar apenas os atores principais, “[...] passando a interessar-se pelos executantes ou mesmo as testemunhas” (JOUTARD, 2006, p.51), deixando de ser uma história apenas da elite¹⁹.

Desta forma, é possível identificar a convivência dessas perspectivas na fala de Conceição Geraldo, ao justificar a escolha de “pioneiros” devido às suas trajetórias de homens comuns que passaram, em algum momento de suas vidas, a ter destaque na sociedade londrinense, o que aparenta ser uma mistura da busca por atores de destaque, sem deixar de militar em nome do homem comum e de temas que ultrapassem questões unicamente políticas – já que existia a valorização do tema relativo ao trabalho. Essa ênfase nas origens da colonização, por meio das memórias de habitantes que participaram desse processo, também aparece nos estudos de Corrêa em 1977, o qual, sob a influência – mas não imitação – da vertente estadunidense, que recebeu durante a participação no I Curso Nacional de História Oral, em 1975, e no Curso de Especialização em História da USFC, em 1974, trabalhou na adaptação do método da História oral para a realidade brasileira com intuito de,

[...] levantar o máximo possível de memórias gravadas, através de técnica própria, memórias de pessoas que, por suas vivências e origens, oferecessem experiências que servissem como base documental para o estudo da colonização estrangeira, tão rica e variada, neste estado de Santa Catarina. (CORRÊA, 1977, p. 20 apud SANTHIAGO, 2015, p.223)

Sob o contexto e concepções apresentados, começamos a entender as intenções por trás do início da formação de um acervo de depoimentos orais do Museu Histórico de Londrina, já que Geraldo foi uma das precursoras deste projeto. Ao chegar nessa conclusão, não podemos desconsiderar, porém, um detalhe importante sobre a análise de depoimentos orais. De acordo com Sarlo (2007), as “visões do passado” são registradas por meio da narrativa da experiência; a experiência só aparece quando é lembrada e narrada. Logo, a interpretação que o depoente faz do passado é uma captura que depende das circunstâncias e intenções do tempo presente. O relato de Conceição Geraldo é de 1989, momento em que a História oral já era uma metodologia reconhecida, com produções

¹⁹No Brasil, assim como na Argentina, segundo Beatriz Sarlo (2007), a maior aceitação de depoimentos orais como fontes esteve diretamente ligada ao processo de redemocratização da década de 1980, mostrando o tom político da História oral ao abordar o relato de testemunhas vítimas dos regimes ditatoriais.

bibliográficas importantes. Ademais, as intenções de quem produziu seu depoimento eram baseadas em um projeto que buscava informações sobre a formação da História oral londrinense e, conseqüentemente, as origens das ideias da formação do conjunto documental oral e qual a relação disso com a história do Museu, segundo uma das entrevistadoras. Portanto é possível que a interpretação que Geraldo faz do passado seja influenciada por essa circunstância e por seus conhecimentos acadêmicos do presente sobre a definição de História oral, questões que ficam mais perceptíveis no seguinte trecho, em que a antiga diretora justifica as influências teóricas e metodológicas do Arquivo Histórico que, conseqüentemente, preponderaram no Museu:

CG: A professora Maria Dulce começou a... esse trabalho de depoimentos orais. Ela fez contato com pessoas é... ligadas a essa área da história, ligadas a História oral, na Universidade Federal do Paraná, na USP. E naquele tempo não havia ainda sido criado a História oral como... como uma atividade técnica. Ainda era feito tudo na base da improvisação. Então ela pesquisou obras, é... ligadas a atividade da História oral, da França, do Canadá, dos Estados Unidos. Ela conseguiu xerox de livros, porque não tinha no mercado nada a respeito disso. Então eu penso essa geração nova, essa geração de vocês, que jamais façam críticas a esse trabalho pioneiro, porque foi tudo feito na base da boa vontade, do idealismo. Porque ainda não havia, praticamente, técnicas definidas para a História oral. Era tudo na base da improvisação. Mas de qualquer maneira, tudo o que foi possível conseguir a Maria Dulce conseguiu. [...] Mas qualquer um que faça crítica hoje, naquele tempo teria feito do mesmo jeito. Então é fácil criticar, mas difícil é levantar todas as informações e as dificuldades que envolveram qualquer atividade pioneira.

AP: Você tem que ver o momento histórico em que estava acontecendo.

CG: Exatamente, não é? E a História oral era... era, estava engatinhando no mundo, naquela ocasião, né? (GERALDO, 1989).

Além de mostrar a importância da iniciativa da professora Maria Dulce Alho Gotti, principalmente no que se refere à busca por bibliografia, Geraldo dialoga novamente com o caminho da História oral no Brasil, mas dessa vez deixa explícito sua consciência sobre os fundamentos que norteavam a constituição dos depoimentos devido, segundo nossa hipótese, ao seu entendimento de História oral em 1989. Essa perspectiva do presente, visa legitimar a característica amadora da produção de entrevistas por meio do contexto da década de 1970. A falta de técnicas definidas, o improviso na produção e a ênfase em comunicar que a História oral estava “engatinhando no mundo”, reflete a característica espontânea da coleta

de depoimentos naquele momento, a qual visava, devido ao contexto do Museu, angariar relatos considerados significativos para aquela instituição, independente dos métodos. Em outro trecho da entrevista, Geraldo deixa essa característica ainda mais visível ao dizer que “[...] não nos preocupamos [ela e outras pessoas que ajudaram na coleta da década de 1970] muito com a qualidade, mas sim com a oportunidade de coletar todos esses depoimentos enquanto as pessoas estavam vivas” (GERALDO, 1989).

Tais perspectivas dialogam com o amadorismo do improvisado que a História oral enfrentava antes das definições de métodos acadêmicos de pesquisa de campo, questão que só conseguiu ser resolvida após a produção sistematizada de bibliografias preocupadas em fixar métodos, como foi o caso, no Brasil, do manual “História Oral: teoria e técnica”, de Corrêa (1977 apud SANTHIAGO, 2015). Ainda referente aos problemas teóricos e metodológicos, no próximo capítulo, também buscamos perceber se a coleta de depoimentos foi utilizada como meio de alcançar uma verdade sobre a história da cidade de Londrina ou apenas com o intuito de constituir fontes para a posteridade e diversificar o acervo do Museu. Sabemos, por exemplo, que a História oral militante da década de 1960, de acordo com Joutard (2006), ao ser rejeitada pelo mundo universitário²⁰, era praticada por não profissionais como uma história alternativa, que identificava na pesquisa territorial e, conseqüentemente, no testemunho oral, os caminhos para chegar na verdade do povo. Hoje, de acordo com Alberti (2008), é de compreensão quase geral que a coleta e a publicação de entrevistas não constituem o problema em si, pois são fontes que necessitam de interpretação e análise.

A percepção de Geraldo, ao sublinhar os porquês do improvisado, mostra, então, um receio da depoente frente às possíveis críticas àquela atividade. Mas também expressa algo fundamental para a análise de depoimentos, que já ressaltamos em outros momentos: a crucial importância de entender o contexto geral da produção de entrevistas antes de iniciar as análises.

Sob as perspectivas apresentadas até aqui, podemos dizer, em linhas gerais, que, em 1976, o Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná passava de conservador de objetos e documentos para ser, também, produtor de fontes, com o

²⁰De acordo com Verena Alberti (2008), a História oral só teve reconhecimento no meio acadêmico depois do amplo movimento de transformação das ciências humanas, que deixou de pensar uma única história e identidade para reconhecer múltiplas histórias, identidades e memórias. A interpretação do relato ser a própria história também tirava sua legitimidade.

intuito principal de se aproximar da comunidade londrinense e, conseqüentemente, receber doações, apoio e divulgar a instituição ao público. Arriscamos dizer que esta é uma das características principais da primeira direção de Conceição Geraldo – questão que fica mais clara com a análise das entrevistas, no próximo capítulo. Além disso, o contexto da produção dos primeiros depoimentos orais, feitos em nome do Museu, no que diz respeito ao desenvolvimento da História oral da década de 1970, seus métodos e teorias, mostra as influências da constituição daquele acervo, que justificam a forma e o caminho pelo qual as entrevistas foram produzidas.

A revolução documental, os resultados de reformulações historiográficas, a sistematização da História oral e o contexto londrinense foram reveladores destas influências. Entretanto, para uma reflexão mais rica aos nossos objetivos, é fundamental analisar o conteúdo das entrevistas e entender as percepções de museu e as construções de identidades²¹ presentes nos relatos e nas perguntas, as quais podem explicar o que levou o Museu e os “pioneiros” a se aproximarem e até que ponto isso dialoga com a construção de discursos míticos devido ao complexo contexto das reformulações museológicas e da própria cidade de Londrina.

²¹Tanto dos entrevistadores como dos entrevistados, pois, como explica Portelli (1997), um depoimento é fruto da relação estabelecida por ambos no ato da entrevista.

2 A VOLTA AO PASSADO OU A (RE)IMAGINAÇÃO DO REAL: ENTREVISTAS PRODUZIDAS NA “MOSTRA INICIAL DO MUSEU DO CAFÉ DO PARANÁ”

2.1 ENTRE HOMENS COMUNS E MITOS FUNDADORES: A PRIMEIRA MOSTRA DO MUSEU DO CAFÉ DO PARANÁ

Parte significativa dos primeiros depoimentos do MHL foi produzida durante exposições temporárias daquela instituição, em recintos da cidade exteriores à instalação do Museu no porão do Grupo Escolar Hugo Simas. Essa busca por outros espaços aconteceu por dois importantes motivos: a falta de estrutura do porão e a busca pela divulgação da existência de um museu histórico em Londrina.

De acordo com Leme (2013), com base em uma entrevista feita com Marina Zuleika Scalassara, em 2012, as condições do local onde o Museu estava na década de 1970 eram precárias, pouca ventilação, “[...] infiltrações de água, com o barulho dos alunos nos horários de intervalo [...] era pequeno, fazendo com que as peças, ainda a serem catalogadas, ficassem expostas, já que não havia [...] reserva técnica (LEME, 2013, p.130). Essas insuficiências serviram de justificativas para a não abertura do Museu ao público durante a gestão de Weiss, pois, preocupado com a integridade do acervo, a primeira iniciativa do diretor foi a catalogação de peças (LEME, 2013).

Após a morte de Carlos Weiss, como abordamos, Conceição Geraldo assume a direção. A antiga diretora interpreta o fato de a terem escolhido para gerir o Museu por meio de suas características pessoais e profissionais:

CG: E qual não foi a minha surpresa de ter sido escolhida para a direção do museu. E quando eu procurei indagar o porquê, que eu sempre fui de buscar os porquês, eu soube assim, muito superficialmente, que em todas as repartições públicas se faz levantamento de toda a vida pregressa de qualquer candidato a qualquer coisa [risos] [...]. E que fizeram um levantamento da minha vida profissional e que descobriram que eu era uma pessoa muito dinâmica. E como o Museu estava precisando realmente de um grande impulso, porque se pretendia conseguir um prédio por Museu. (GERALDO, 1989)

CG: [...] fizeram um levantamento da minha vida e descobriram que eu era danada pra administrar coisa pública, que eu ia buscar fora, dinheiro fora da coisa pública, viu? E fui indicada pra diretora do Museu. (GERALDO; SCALASSARA, 2016)

Essa característica dinâmica de Geraldo é consequência, segundo ela, de algumas escolhas de sua vida. Por exemplo, enquanto ela fazia o curso de História, entre as décadas de 1960 e 1970, já lecionava e era diretora de um ginásio em Uraí, cidade onde morava. Ao mesmo tempo, era mãe de seis filhos e procurava dar conta de uma jornada dupla de trabalho – em casa e na escola – seguida do curso de graduação que fazia no período noturno em Londrina. Após o término do curso fez ainda uma especialização em administração escolar, pois sempre gostou da área administrativa e, posteriormente, se tornou professora universitária e diretora do MGHNP²² (GERALDO; SCALASSARA, 2016).

Percebe-se a tentativa de Conceição Geraldo em criar um discurso épico do seu passado. Entretanto, não podemos negar sua busca em atender as expectativas dos que a escolheram como diretora. É possível ver em ofícios do MHL²³, durante os anos de 1977 e 1979, que Geraldo intensificou a busca por um novo prédio para o Museu. Por exemplo, em uma carta (OF.M 62/78), enviada para o Vice-Reitor da UEL, em nove de agosto de 1978, Geraldo anexou o relatório da visita ao prefeito de Londrina, Antônio Casemiro Belinati, ocasião em que reivindicaram o prédio da antiga Estação Ferroviária de Londrina para a instalação do Museu²⁴.

Além da busca por superar a carência de estrutura do Museu no porão, na gestão de Geraldo procurou-se pela divulgação da instituição ao público, para aproximar a população e conseqüentemente angariar doações de objetos e documentos. Sob essa segunda intenção, como vimos no capítulo anterior, acrescida do desejo de dar continuidade ao que fazia o Arquivo Histórico, inicia-se a coleta de depoimentos no Museu.

Antes de partir para o contexto de produção dos depoimentos feitos no ambiente de exposições temporárias, duas questões precisam ser ressaltadas. No

²² Nos discursos de Conceição Geraldo, tanto no depoimento de 1989 como em 2016, também aparece o motivo que a afastou da direção do Museu, em março de 1979. Geraldo foi selecionada para o curso de pós-graduação em História do Brasil, em nível de mestrado, na Universidade Federal do Paraná. Isso de fato aconteceu e pode ser visto em uma carta de pedido de afastamento, enviada por ela a José Carlos Pinotti, reitor da UEL, em 16 de fevereiro de 1979 (OF.M 12/79). Entretanto, percebe-se no depoimento um silenciamento por parte de Geraldo acerca da conclusão deste curso de mestrado. A ex-diretora não deixa claro se chegou a iniciá-lo ou concluí-lo. Em 1994, Conceição Geraldo volta para a direção do MHL, substituindo Westphalen, e permanece até 2002. Neste período, ela foi uma das responsáveis pelo projeto de revitalização do Museu.

²³ Of.M n 41/77 de 06/10/1977 e Of.M n 01/78 de 20/01/1978 – acervo do MHL.

²⁴ Entretanto, segundo Leme (2013), mesmo que Conceição Geraldo tenha iniciado as reivindicações por um novo prédio, ela não esteve à frente da transferência da instituição para o prédio da Estação Ferroviária. O processo foi concluído durante a gestão de Olympio Luiz Westphalen, em 1986.

depoimento feito com Geraldo, em 2016, ao fazer um exame de sua primeira gestão, ela estabelece dois marcos simbólicos: a construção de um rancho de palmito para o Museu do Café do Paraná – Museu que tinha o intuito de incorporar a subdivisão do MHL sobre a temática do café – e a doação do livro de registros do primeiro hotel da cidade da Londrina – uma das primeiras edificações da cidade, inaugurado logo no início da colonização, em 1929 (BONI, 2013a). Por se tratar de uma lembrança evocada em um relato oral, entendemos que a depoente está representando o passado com base em intenções, já que sua entrevista – e todas, produzidas sob a metodologia de História oral – tinha a intenção de se tornar uma fonte para a posteridade. Logo, Conceição Geraldo criou uma imagem de si, pautada em aspectos positivos e afetivos de sua primeira gestão. Mesmo que essa memória, ao ser evocada no ano de 2016, tenha importantes significados para o presente, nos importa, no momento, sua relevância para entender a primeira gestão de Geraldo e a produção de depoimentos.

Assim, podemos identificar que tais marcos simbólicos foram refletidos nos anos de 1977 e 1979, em exposições idealizadas com a ajuda de Conceição Geraldo e Marina Zuleika Scalassara: a Mostra Inicial do Museu do Café do Paraná, em 1977, e a Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Chegada da 1ª Caravana ao Local Onde Surgiu Londrina”²⁵, em 1979. Por coincidência, ou não, estamos falando das exposições que foram cenários para a constituição dos primeiros depoimentos do MHL. Logo, o primeiro marco simbólico, a construção de um rancho de palmito, está ligada à “Mostra Inicial do Museu do Café do Paraná”. Esse tipo de habitação fazia parte dessa exposição, a fim de evocar lembranças, em linhas gerais, relacionadas ao início da colonização de Londrina e a importância da cultura cafeeira para a cidade. Assim, neste capítulo buscamos analisar os depoimentos produzidos no contexto dessa exposição.

Dessa forma, os primeiros vestígios de depoimentos produzidos em nome do Museu, encontrados na base de dados daquela instituição, estão vinculados à “Mostra Inicial do Museu do Café do Paraná”, ocorrida entre os dias dois e dez de abril de 1977, na XIII Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, no Parque

²⁵ O segundo marco simbólico, a doação do livro de registros do Hotel Campestre, dialoga, em especial, com a ênfase dada aos primórdios da colonização representada na exposição temporária do Cinquentenário da Caravana, feita no hall de entrada do Cine Ouro Verde, entre agosto e setembro de 1979. As entrevistas produzidas nessa segunda exposição serão analisadas no terceiro capítulo.

Governador Ney Braga. Mas, para entender a ligação dessa exposição com a coleta de entrevistas, é necessário, antes, compreender o que foi o Museu do Café do Paraná.

O projeto da criação de um museu do café do Paraná estava, de acordo com Leme (2013), relacionado à divisão referente à temática do café, que existia no Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná desde a direção de Weiss. Esta proposta foi delineada na primeira gestão de Geraldo que enfatiza, tanto na entrevista de 1989 como na de 2016, este museu como uma divisão do MHL e não uma nova instituição museal:

CG: Esse Museu entre aspas, seria apenas uma divisão do Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná, sabe? E não quando a instituição é isolada do outro Museu. Já existia esse organograma [com as divisões do Museu] criado pelo próprio Carlos Weiss e pelos professores do Departamento de História. (GERALDO, 1989).

CG: [Quando questionada se a exposição foi para a criação do Museu do Café do Paraná] [...] aquela exposição não foi já para a criação do Museu do Café. Aquilo veio da inspiração para futuramente criar-se. Mas não como um museu independente... Seria do próprio Museu Histórico... [...] como extensão. Não um próprio. E aquela nós fizemos, porque a gente quis fazer alguma coisa fora, pra divulgar... pra divulgação. E fizemos aquele rancho de palmito, né? Muito bem feito. O arquiteto da UEL que fez todo o projeto do cafezal, do jardim [...]. E nós criamos uma casa de palmito autêntica! Como era antigamente, e com um jardimzinho do lado, cafezal... Tudo. E... mas isso foi atividade nossa, viu? Zuleika e eu, e dona Jovina [zeladora], né? [...]. Foi um trabalho, mas ficou bonito! (GERALDO; SCALASSARA, 2016).

É importante observar que, mesmo que Geraldo se refira a este museu como uma divisão, em cartas expedidas por ela enquanto diretora do Museu começaram a aparecer o nome da instituição como Museu do Café do Paraná, a partir das correspondências de 11 de julho de 1977 (OF.M 18/77). Portanto, é difícil dizer, já que a ideia de um museu do café não se efetivou posteriormente, se realmente a intenção era a criação de um setor do café ou uma substituição de nomes da instituição, que em 1978 passou a ser chamada de Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”.

Ainda, nos trechos das entrevistas percebe-se que a XIII Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina apareceu como o espaço ideal para a promoção de um futuro Museu do Café. Primeiramente, porque a estrutura do Museu no porão jamais permitiria a representação de um rancho de palmito, com

direito a jardim e cafezal. E segundo, o fluxo de pessoas na Exposição Agropecuária, que justifica a continuidade do evento em sua 13ª edição – sequência que segue até os dias atuais, na sua 57ª edição, sendo conhecida como ExpoLondrina e considerada uma das maiores exposições do Brasil, com importante destaque no agronegócio brasileiro –, interessadas na temática da cultura cafeeira, era muito maior que de um museu, até então, pequeno e sem muito contato com o público.

O seguinte trecho da Folha de Londrina elucida os objetivos da exposição:

O Museu do Café do Paraná, em fase de implantação também fará uma amostra no Parque Governador Ney Braga. Com o objetivo comunitário de sentido regional, a amostra pretende fazer contatos com agricultores, administradores de cidades da região, pioneiros e todos aqueles que poderão trazer contribuições para a formação de seu acervo de peças históricas relacionadas com a colonização e desenvolvimento da região cafeeira paranaense (FOLHA DE LONDRINA, sexta-feira, 1/04/77. 1º caderno)

Mais uma vez a procura por doações de peças é destacada e unida à busca por divulgação. Entretanto, percebe-se, agora, a demanda por atender duas divisões do MHL, a colonização e o café, temas enfatizados na gestão de Geraldo e refletidos tanto na mostra do Museu do Café do Paraná como na exposição do Cinquentenário. É válido observar, porém, que a intenção de divulgar o Museu do Café é, conseqüentemente, a mesma para o Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná, visto que o primeiro era parte do segundo.

Os resultados da propagação da intenção de criar o Museu do Café podem ser vistos no número de visitantes da exposição. De acordo com o periódico “O Perobal”, de fevereiro de 1978,

Várias atividades, além da exposição permanente para o público, são realizadas anualmente. Muitas exposições foram programadas e realizadas com bastante êxito, segundo a diretora do Museu. Entre elas estão a Exposição Comemorativa da Semana do Folclore, realizada de 18 a 22 de agosto de 1975, que recebeu 1.495 visitantes; Exposição Progressiva de Londrina no Ciclo do Café, de 27 de agosto a 21 de dezembro de 1975, com uma freqüência de 800 pessoas; de 2 a 10 de abril do ano passado, a I Mostra do Museu do Café do Paraná, durante a realização da XIII Feira Agropecuária de Londrina e obteve uma freqüência de 2.652 visitantes [...]. (O PEROBAL, fevereiro de 1978, p.16)

Assim, vemos que a primeira mostra do Museu do Café do Paraná representou um significativo aumento no número de visitantes do Museu. O número de peças adquiridas pelo MGHNP, em 1977, também é expressivo, pois, de acordo com o mesmo periódico “O Perobal” (1978, p.16) que adquiriu informações com Conceição Geraldo: em 1974 o Museu arrecadou 330 peças; no próximo ano, 1975, 376 peças; em 1976 foram doadas 250 peças; e, finalmente, em 1977 a instituição arrecadou 800 peças. Logo, percebe-se que os objetivos da ex-diretora do Museu, com a primeira exposição do Museu do Café, foram alcançados com êxito, afinal, aquela instituição museológica passou a ter maior acesso de visitantes e, conseqüentemente, o número de peças arrecadadas aumentou consideravelmente em 1977.

Ainda, sobre o mesmo assunto, Geraldo percebe a constituição do rancho de palmito daquela exposição como catalisador de visitantes. Logo, ao relatar sobre aspectos importantes de sua primeira direção no Museu, Geraldo explica:

CG: [...] além de atendermos os visitantes, as escolas, organizarmos as atividades fora, saímos a cidade inteira atrás de um lugar pra mudar o Museu, ainda acho, naquele meu período, duas coisas me marcaram muito. Primeiro, a montagem do rancho de palmito, que era o primeiro tipo de habitação de qualquer pessoa que vem pro norte do Paraná pra desbravar e colonizar nossa região. Tinha que morar em rancho de Palmito [fala pausadamente com ênfase]. Não tinha serraria, não tinha tábua, não tinha nada, olaria [...]. Porque ali nós realmente conseguimos divulgar o Museu. Foi uma procura imensa, gente. Né? De fora, de dentro da cidade. E as pessoas chegavam e ficavam lá dentro. Cada um contava a sua história ... Que era assim ... Que era assado. Era um espetáculo. (GERALDO; SCALASSARA, 2016).

A procura imensa pelo rancho, citada por Conceição Geraldo, está relacionada, para além do fluxo de pessoas recebido durante as Exposições Agropecuária e Industrial de Londrina, à importância que a ex-diretora dá ao rancho de palmito, a qual é legitimada quando Geraldo o intitula como o primeiro tipo de habitação de qualquer pessoa, mais uma vez enfatizando a questão do homem comum. Mas não se tratava de quaisquer indivíduos. Conceição Geraldo estabelece, em sua fala, o marco temporal da (re)ocupação da cidade de Londrina, portanto, se refere aos “desbravadores”. Em outras palavras, o rancho de palmito é visto como símbolo dos “pioneiros” e o espaço ideal para recordar lembranças, fator que justifica a escolha daquela circunstância para o início da coleta de depoimentos.

Logo, Geraldo não contesta o que estava ocorrendo na exposição, mas confirma uma intenção inicial: o museu estava sendo divulgado ao público, assim como a “importância” da figura de “pioneiros” para a (re)ocupação da cidade – e, como veremos, a relevância da cultura cafeeira –, fatores que dialogam, mais uma vez, com a periodização e características que Martinez (2017) atribui à segunda fase do MHL.

A partir do raciocínio que desenvolvemos até aqui, principalmente no que se refere às características e informações encontradas nos depoimentos e a relação disso com a contexto da História oral na década de 1970 e as intenções do MHL no mesmo período, podemos começar a interpretar as percepções de museu da ex-diretora na sua primeira gestão. Isso é importante, pois Conceição Geraldo é uma das entrevistadoras dos depoimentos constituídos pelo Museu, logo suas percepções de museu, que também podem ser encontradas em outros tipos de documentos, podem ajudar a entender o contexto geral da produção das primeiras entrevistas do Museu.

Como vimos no capítulo anterior, na primeira gestão de Geraldo existia a ênfase no homem comum, mas que tivesse algum destaque em sua área de atuação, em seu trabalho na cidade de Londrina. Não se tratava de uma elite política, como a que o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, buscou na produção de seus primeiros depoimentos (ALBERTI, 1997). O mesmo pode ser visto na intenção da primeira mostra do Museu do Café do Paraná, mesmo que dialogue com mitos fundadores sobre uma (re)ocupação pautada em aspectos positivo, a exposição não é formada por objetos excepcionais. A própria ideia de construir um rancho feito com a madeira do palmito reflete um propósito baseado no cotidiano comum, o que fica ainda mais claro nas figuras 1, 2 e 3.

Figura 1 – Mostra inicial do Museu do Café do Paraná. Entre 2 e 10 de abril 1977.



Fotógrafo desconhecido. Acervo do MHL.

Figura 2 – Mostra inicial do Museu do Café do Paraná. Entre 2 e 10 de abril 1977.



Fotógrafo desconhecido. Acervo do Museu da Sociedade Rural do Paraná.

Figura 3 – Mostra inicial do Museu do Café do Paraná. Entre 2 e 10 de abril 1977.



Fotógrafo desconhecido. Acervo do MHL.

As intenções das produções das fotografias 1 e 2 podem estar relacionadas à presença de pessoas influentes a visitar a primeira mostra do Museu do Café, como, por exemplo, Luiz Roberto Neme, presidente da Associação Rural do Paraná entre os anos de 1976 e 1978 (SOCIEDADE RURAL DO PARANÁ, s/d), instituição promotora das Exposições Agropecuária e Industrial de Londrina. Entretanto, o que nos importa para essa pesquisa são as características da exposição. Como pode ser visto nas três imagens, se trata de um rancho de palmito simples (figura 1 e 3), contextualizado por meio de um terreirão de café (figura 1), espaço utilizado para a secagem dos grãos após a colheita, a presença de uma um jardim e um pequeno cafezal (figura 3), como já havia sido descrito por Geraldo (2016), e, no interior da habitação (figura 2) existem simples utensílios domésticos de cozinha, como panelas, fogão a lenha, ferro de passar roupas, coador de café em pano, chaleira, lamparina e etc.

Por meio do perfil dessa exposição, podemos visualizar o comum dentro do Museu. Não se trata de uma história da elite como pretendia, por exemplo, Gustavo Barroso no Museu Histórico Nacional (MHN), na década de 1920. De acordo com

Santos (2006), o MHN de 1922 era um museu-memória, que escolhia os objetos segundo a autenticidade a um grande evento ou pessoa de destaque, voltados, principalmente, ao culto do Império, despertando um sentimento nostálgico para com o passado, que desconsiderava, em grande parte, a história de homens comuns. Isso fica ainda mais claro na análise de Regina Abreu (2006) sobre a exposição de Miguel Calmon, em 1936, membro da elite brasileira e servidor do Estado. A esposa de Calmon, Alice da Porciúncula, doou ao MHN, após a morte de marido, grande parte de seus bens avaliada em uma fortuna. Tais objetos, relacionados apenas à vida pública de Calmon e organizados em uma exposição, passaram a ser mediadores do universo mental e material das elites (ABREU, 2006). Em outras palavras, Barroso entendia a história como o agrupamento dos momentos mais significativos, dentre os quais não se enquadrava o cotidiano comum (SANTOS, 2006).

Assim, cabe uma breve explicação sobre o que constitui um museu de elite. Conforme vimos, as intenções de Barroso buscavam pela autenticidade dos objetos à grandes acontecimentos e/ou personagens. A exposição de Miguel Calmon indicou que tipo de personagens são estes: deveria pertencer às elites, principalmente política e militar, e ter prestígio social e econômico. Isso fica ainda mais evidente na reflexão de José Bittencourt (2003) acerca dos critérios de Barroso para aceitar um objeto “autêntico”. Segundo o autor, o antigo diretor do MHN considerava confiável apenas o relato de “homens de letras” ou “ilustres generais” sobre os objetos, pois estes tinham autoridade por serem da elite. Por esse motivo, foi recusada a venda de uma faca que supostamente pertencia a Francisco Solano Lopez, ditador do Paraguai. A rejeição do objeto aconteceu porque quem o trouxe era Raimundo do Carmo Filho, um cearense pobre (BITTENCOURT, 2003).

Portanto, um museu de elite pode constituir-se, por exemplo, por meio de seus dirigentes, dos critérios de entrada e seleção dos documentos – que inclui os objetos – e das representações das exposições. As apropriações dos visitantes também podem mostrar o que constitui um museu de elite por meio do jogo de exclusão e inclusão²⁶. Esse jogo, segundo Bittencourt (2003), acontece quando o

²⁶ Isso não significa, porém, que um museu não possa ter em suas exposições objetos de elites. De acordo com Meneses (2003), o problema está na forma como a cultura material é usada nos museus, pois estas instituições, ainda hoje, não tomaram consciência profunda do caráter problemático das questões da identidade. Assim, atualmente sabe-se que não é função dos museus serem depositários dos símbolos da identidade de um ou de outro grupo e que estes sejam

visitante compara a cultura material exposta no museu com os objetos do seu cotidiano, a partir disto ele interpreta a mensagem e se situa hierarquicamente na ordem da exposição:

Quer dizer, comer, todo mundo come, e em pratos – quase todo mundo, pelo menos. Mas comer em pratos de “finíssima qualidade” é atributo apenas de alguns. Esta mensagem, mais do que uma etiqueta contendo um texto escrito, se constrói através de um jogo sutil de inclusão/exclusão, tornado possível na medida em que o receptor conhece os objetos como significantes de seu cotidiano e se remete o tempo todo a eles. Pensada estritamente como conceitos, parte dos itens expostos – armas, pratos, roupas [...]. (BITTENCOURT, 2003, p.163)

A mostra do Museu relacionada à temática do café, não agrupava objetos com base em sua autenticidade a grandes eventos. A união de todos os aspectos vistos nas figuras representa a dinâmica do cotidiano de trabalhadores da lavoura de café. Podemos dizer que a exposição do Museu do Café, se aproxima mais do que o Museu Imperial buscou na década de 1940. Diferente do museu-memória, o Imperial não se baseava na autenticidade do objeto, mas sim nas imagens que eles podiam refletir sobre o império, visando celebrar a nação por meio de um de seus momentos mais “preciosos” (SANTOS, 2006). Mas, como vimos no capítulo anterior, o Museu buscava por objetos pertencentes aos “desbravadores” da cidade. Mesmo que não priorizassem sua autenticidade a grandes eventos, pertencer a “pioneiros” era de grande valia. Tais questões indicam a coexistência de percepções de museu, pois, ao mesmo tempo que remete aos “tempos difíceis” vividos pelos “pioneiros”, que vieram a se destacar no período do Eldorado, também faz referência ao cotidiano simples dos trabalhadores rurais. Portanto, a mostra do Museu parece não se enquadrar na lógica de um museu de elite, apesar do diálogo com discursos consagrados e mitos fundadores.

Desse modo, a mostra inicial do Museu do Café do Paraná e, por conseguinte, Conceição Geraldo e Marina Zuleika Scalassara, por serem funcionárias e idealizadoras da exposição, buscaram por imagens que representassem as temáticas do café e da (re)ocupação. Esses fatores mostram seleções de memórias que, naquele contexto, foram julgadas importantes para

aceitados e cultuados. O melhor seria criar condições para o entendimento do que é identidade, como e por quais motivos ela se organiza, se compartimenta e confronta outras, e como tudo isso se expressa por meio das coisas materiais (MENESES, 2013).

compor uma exposição. Assim, ao entendermos a coexistência de percepções de museu na organização da exposição e as memórias que foram selecionadas, podemos iniciar a análise dos depoimentos produzidos naquele contexto, os quais são potências indícios das percepções das entrevistadoras e dos entrevistados. A análise dos depoimentos também podem sinalizar se as entrevistadoras tiveram, ou não, suas intenções e percepções confirmadas por meio do relato dos depoentes (PORTELLI, 1997).

2.2 NOSTALGIAS, RELAÇÕES SOCIAIS E FEITOS “HISTÓRICOS”: OS DEPOIMENTOS DA MOSTRA DO CAFÉ

Aos frutos da exposição soma-se a produção de depoimentos orais²⁷. A procura por contatos com agricultores, administradores, “pioneiros” e pessoas que pudessem doar peças ligadas à (re)ocupação e cultura cafeeira, conforme vimos no trecho da Folha de Londrina, é refletida, especialmente, na seleção de depoentes, os quais atendem estes requisitos.

Selecionamos os depoimentos de: Gerson Guariente, gerente do Banco Noroeste de Londrina, entrevistado por Conceição Aparecida Duarte Geraldo; Dilma de Oliveira Silva considerada pioneira da cidade, de ocupação não identificada, entrevistada por Marina Zuleika Scalassara; e Sebastião Bernardini Pereira, de

²⁷ Foram produzidos seis depoimentos na primeira mostra do Museu do Café do Paraná. 1) O primeiro depoimento é de Júlio Carvalho Paes, gaúcho, que disse ter atividades comerciais e filantrópicas em Bagé; seu curto relato se pauta apenas em parabenizações à mostra do Museu do Café e à Associação Rural pela Exposição Agropecuária, ele também ressalta a importância do café para o Paraná e encerra sua fala. Aparentemente, não há perguntas, é um monólogo onde ele se apresenta, faz elogios, parabenizações e finaliza. 2) Não foi possível identificar o nome do segundo depoente, pois o início do áudio está com ruídos e falas sobrepostas. Nesse segundo depoimento um homem se identificou como representante do ministério da agricultura - não era o ministro, mas pareceu falar em seu nome -, como filho de um cafeicultor do Paraná e ele também relembra de algumas experiências com o café, de plantações que viu no Paraná e mostra certa nostalgia para com os objetos da exposição. Esses dois depoimentos são bastante curtos e se aproximam do que encontramos no relato do terceiro entrevistado, Gerson Guariente, à época gerente do Banco Noroeste, acerca da cafeicultura. Porém, o depoimento de Guariente traz informações mais detalhadas tanto das experiências do depoente como de sua profissão, local onde morou e nome completo, as quais possibilitam contextualizar suas memórias. Assim, selecionamos para a análise o depoimento de Guariente tendo em vista o critério de saturação. Na mostra do Museu, também foi entrevistado 3) Luís Yoshio Nashi, identificado como fotógrafo da UEL e colaborador na montagem da exposição. Não há informações sobre sua vida, mas sim algumas explicações do quanto complicado foi reproduzir e ampliar as fotografias da mostra, portanto não é possível identificar suas percepções de museu. Selecionamos, então, além de 4) Guariente, as entrevistas de 5) Dilma de Oliveira Silva e 6) Sebastião Bernardini Pereira, pois são bastante diferentes entre si, complexas e permitem a identificação de perguntas que ajudam a entender as intenções das entrevistadoras.

profissão também não identificada, que por ser conhecedor dos modos de fazer ranchos de palmito conta para Scalassara detalhes sobre esse tipo de habitação.

Como vimos no primeiro capítulo, na década de 1970 não existiam métodos balizados para a coleta de depoimentos orais. Sob essa justificativa, Geraldo (1989) assumiu que as entrevistas eram feitas “espontaneamente”, de formas improvisadas, pois o que importava era aproveitar a oportunidade de coletar o relato de “pioneiros”. Tal característica repercute na maneira como os depoimentos foram coletados na exposição do Museu do café e, também, como será abordado, na exposição do Cinquentenário da chegada da primeira caravana. No caso das entrevistas da mostra inicial do Museu do Café do Paraná, lembrando que não pretendemos – e nem podemos – cobrar um roteiro de acordo com a metodologia da História oral de décadas posteriores, percebe-se que não há perguntas engessadas. Na verdade, as perguntas e questionamentos feitos pelas entrevistadoras aparentam não ser direcionados por nenhum *script*, mas sim por fio condutores estabelecidos por meio de informações, possivelmente, reunidas naquele momento sobre os entrevistados. Entretanto, há algo nestes questionamentos que se aproxima do leque de abordagens da História oral atual. As entrevistas são feitas sob temáticas que, diferente das entrevistas de história de vida, “[...] versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (ALBERTI, 2008, p.175).

Dessa forma, Gerson Guariente nasceu no interior de São Paulo e chegou a Rolândia, região metropolitana de Londrina, em 1940 – sendo considerado pioneiro daquela cidade – ainda criança, onde ajudou no trabalho da lavoura de café. O conteúdo de sua entrevista está relacionado, principalmente, à nostalgia do cotidiano de trabalho nas plantações de café, em questões ambientais relacionadas ao desmatamento e queimadas e a ênfase em seu emprego no Banco Noroeste. Visto que as entrevistas são frutos das interações entre entrevistador e entrevistado (PORTELLI, 1997), a forma como Conceição Geraldo administra o depoimento – seus questionamentos e estratégias – conduz boa parte dos assuntos selecionados. Geraldo faz perguntas abertas, que instigam o entrevistado a relatar de forma mais livre. Entretanto, de acordo com Alberti (2008), a qualidade e densidade de uma entrevista são resultados mais ligados aos entrevistados, que podem querer e poder falar, ou o contrário. No caso dos três entrevistados selecionados, todos estavam dispostos a relatar, sem muitos esforços por parte das entrevistadoras.

Dilma de Oliveira Silva, chegou a Londrina em 1934, portanto, é considerada pioneira da cidade. Filha de Belmiro Corrêa de Oliveira, o qual foi carpinteiro, tipógrafo e dono da tipografia Oliveira que localizava-se na Rua Mato Grosso, no centro de Londrina. O relato de Dilma de Oliveira Silva é pautado em oferecer informações sobre feitos “históricos”, personagens de destaque e lugares centrais do início da cidade. Além disso, entrevistadora e entrevistada dão bastante ênfase à atuação do pai da depoente, o que revela poucas informações sobre a vida e atuação de Dilma em Londrina. Não há referências sobre o café por parte da entrevistada, mesmo que Marina Zuleika Scalassara busque em alguns momentos informações sobre essa temática.

Acerca de Sebastião Bernardini Pereira, ele nasceu em Minas Gerais, em 1924. Chegou a Londrina em 1948, portanto, não é considerado pioneiro da cidade, pois não entra no recorte temporal dos primeiros 10 anos da formação de Londrina. Não há informações sobre a sua ocupação. A entrevista apresenta características que destoam das anteriores. Enquanto Gerson Guariente e Dilma de Oliveira Silva são instigados a falar sobre acontecimentos, pessoas e lugares “históricos”, mesclados a suas experiências ou de outros, Sebastião Bernardi Pereira explica as funções de objetos e os modos de fazer ranchos em Minas Gerais e no norte do Paraná, fatores que revelam relações sociais. Nesta entrevista Scalassara não faz muitas perguntas, em boa parte do relato ela apenas confirma algumas informações ou pede algum detalhe sobre o que fala Pereira.

Mesmo que não possamos cobrar os métodos da História oral atual de depoimentos produzidos em períodos anteriores à sua consolidação (ARIAS NETO, 2003), não podemos deixar de usar os motivos que levaram os depoimentos a serem tratados como fontes históricas, os quais justificam o uso das fontes que selecionamos. Logo, a partir da década de 1980, de acordo com Alberti (2008), o relato deixou de ser considerado como exclusivo do autor, passou a ser visto como mediador de experiências coletivas, sendo uma visão de mundo possibilitada devido à determinada configuração histórica e social. Desta forma, depoimentos orais abrem caminhos para possibilidades de pesquisas. A experiência individual também pode ser representativa, na medida em que “[...] lança luz sobre contextos e possibilidades latentes da cultura – como é o caso de Menocchio, o moleiro personagem histórico do livro *O queijo e os vermes*, do historiador italiano Carlo Ginzburg” (ALBERTI, 2008, p.170).

Além disso, buscamos analisar os depoimentos como um todo. Segundo Alberti (2008), independente da entrevista ser realizada pelo próprio pesquisador ou por terceiros, é preciso “[...] saber ‘ouvir’ o que a entrevista tem a dizer, tanto no que diz respeito às condições da sua produção quanto no que diz respeito à narrativa do entrevistado [...]” (ALBERTI, 2008, p. 185). Soma-se a isso que o conteúdo das fontes orais é dependente do que os entrevistadores colocam em termos das questões, diálogos e relações pessoais, diferente do conteúdo das fontes escritas, que continua existindo, independente da hipótese do pesquisador [entrevistador] (PORTELLI, 1997).

O que temos como instrumento de acesso ao passado é, então, a subjetividade da entrevista. Logo, trabalhamos com duas linhas de subjetividade: as seleções de memórias da exposição e dos entrevistados e entrevistadores. Ambas são constituídas e se relacionam por meio de representações e apropriações.

Assim, a representação é “[...] entendida como a relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, um valendo pelo outro porque lhe é homólogo” (CHARTIER, 1991, p.184), como é o caso da exposição e das entrevistas – imagens do momento em que foram constituídas – as quais representam o passado – objeto ausente. Mas ressaltamos que isso não acontece de forma simples.

As representações são geradas, de acordo com Roger Chartier (1991), por tensões entre o cultural, visto como capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades, e o social, sendo as normas e as convenções que limitam o que é possível pensar e fazer, dependendo da posição dos indivíduos na relação de dominação. Assim, segundo o mesmo autor, as estruturas sociais geram representações da realidade social, que traduzem os interesses, disputas e, conseqüentemente, as formas como os grupos enxergam a sociedade ou como gostariam que ela fosse. Em outras palavras, para representar é necessário se apropriar da conjuntura sociocultural. Chartier (1988) conceitua a apropriação, ao analisar práticas de leituras, sendo a forma como os leitores recebem obras culturais. O autor destaca que esta recepção não se dá de forma passiva, pois os leitores podem reescrever o produto cultural consumido, uma vez que as pessoas possuem experiências diferentes que resignificam a recepção. Portanto, a apropriação de algo implica na sua transformação.

Por conseguinte, a análise de entrevistas revela representações e apropriações do passado, que só são possíveis devido ao contexto de produção.

Portanto, é necessário relacionar, ao longo da análise, as apropriações que as entrevistadoras e os depoentes fazem tanto do contexto regional quanto da exposição, para então chegar a suas percepções de museu e a forma como elas dialogam (ou não) com as reformulações museológicas.

2.2.1 Um sentimento nostálgico gerou a “volta” às origens

A entrevista de Gerson Guariente é iniciada por Conceição Geraldo com uma espécie de introdução. Ela pede que, na oportunidade da visita a primeira mostra do Museu do Café do Paraná, ele relate sobre sua vida no norte do estado.

CG: Seo Gerson Guariente, nós sabemos que o senhor é o gerente do Banco Noroeste de Londrina e nesta oportunidade em que o senhor visita a primeira mostra do Museu do Café, nós gostaríamos que o senhor deixasse gravado o seu depoimento, sobre a sua vida aqui no norte do Paraná. (GUARIENTE, 1977)

Tal questionamento manifesta, logo no início, a intenção da ex-diretora em coletar um depoimento relacionado às experiências do entrevistado no contexto regional, sem cogitar suas experiências em outras espacialidades, característica que é reforçada durante toda a entrevista. Esse tipo de questionamento, voltado para experiências regionais, pode ser resultado de um contexto social, no qual os museus passaram por reformulações.

Durante boa parte da primeira metade do século XX, segundo Letícia Julião (2006), o Museu Histórico Nacional foi um marco e exemplo museológico no Brasil, que visou documentar o início e o desenvolvimento da nação brasileira como resultado da atuação das elites nacionais vinculadas ao império. Na conjuntura da década de 1960, surge a temática da democratização cultural, resultado da crítica à função dos museus, até então considerados instrumentos das elites sociais e intelectuais de um contexto macro. Deste entendimento, a continuação das instituições museológicas passa pelo requisito de estar “[...] ao o serviço de todos e utilizada por todos” (DUARTE, 2013, p.101). Entretanto, de acordo com Alice Duarte (2013), a década de 1970 não foi o período de efetivação generalizada desse ideal, mas sim o início de um caminho. Logo, entre as décadas de 1960 e 1970, o *International Council of Museums* (ICOM), incumbiu-se do papel de dar início às recentes “[...] exigências de utilidade social dos museus e do patrimônio, por meio

essencialmente da realização de conferências gerais e publicação de documentos resultantes de seus comitês” (POULOT, 2013, p.17). Resultado disso, é a Mesa Redonda de Santiago de Chile, ocorrida em maio de 1972, que visava, entre outros desafios, favorecer a comunicação dos museus com as comunidades ao seu entorno, tendo como foco a América Latina e a busca pela participação de toda a sociedade (MANHART, 2012).

Não podemos negar que, se levarmos em consideração a década de 1970 como período de desenvolvimento inicial dessa nova concepção de museu e não um momento de efetivação destes desafios, ao abordar o contexto regional e ao enfatizar a importância do homem comum e do cotidiano dentro do MHL, como pôde ser visto no capítulo anterior na entrevista de Conceição Geraldo, em 1989, a ex-diretora prezava pela comunicação com a comunidade londrinense, mesmo que restrita à figura do “pioneiro”. Não visamos abordar isso sob um olhar inocente. Não há como afirmar que os funcionários do MHL tiveram contato ou foram influenciados por essa nova concepção de museu e também sabemos que, ao enfatizar o homem comum, Geraldo é influenciada pelo mito fundador acerca da atuação positiva dos “pioneiros” e de seu destaque – como já foi refletido no tópico acerca da história de Londrina. Entretanto, enfatizamos, mais uma vez, a coexistência de percepções sobre os museus e suas funções.

A resposta de Gerson Guariente para Geraldo, sobre suas experiências no norte do Paraná, mostra como a representação do cotidiano de homens comuns pode emergir no contexto daquela exposição:

GG: Pois não... Dona Conceição, né? ... É um prazer e, sob maneira, é uma honra pra mim e me deixa inclusive emocionado, porque vendo tudo de bonito que vocês trouxeram pra cá, eu volto automaticamente às minhas origens, que foi ter o privilégio de ter nascido na roça. Porque realmente é um privilégio, não é? Todo mundo que tem essa oportunidade. [...]. Eu devo dizer inclusive que tudo isso que eu estou vendo aqui, fotografias, objetos, instrumentos, todos me são muito familiares. A começar lá da frente onde tem algumas covas de café plantadas, me é muito familiar. Eu com a idade de onze, doze anos eu fazia aquele serviço, não só de plantar, como inclusive de cuidar, limpar aquelas covas de café cobertas por madeira. Era comum, não existia o sistema atual de plantio de café, aliás, acho que nem sonhavam com isso. (GUARIENTE, 1977)

Logo, mesmo que Gerson Guariente tenha uma posição de destaque na sociedade londrinense no ano de 1977 – por ser gerente do Banco Noroeste, uma

das instituições bancárias mais importantes do período da colonização e do Eldorado londrinense²⁸ –, as memórias estimuladas na dialética entre a exposição e suas experiências pessoais, dialogam com o cotidiano simples da lavoura de café. De acordo com Irineu Pozzobon (2006), neste cotidiano da zona rural, as crianças constituíam uma importante força de trabalho, na maioria das vezes, manual. Desta forma, o relato do entrevistado, mesmo que constitua uma possibilidade para a valorização dos “tempos difíceis” dos primórdios da (re)ocupação de Londrina e do norte do Paraná, ou seja, uma estratégia voltada para origens humildes que, no final, levam aos discursos consagrados, não deixa de dialogar com esse trabalho infantil comum àquela época e presente na dinâmica do trabalho da lavoura de café seja do “pioneiro” que se destacou social e/ou economicamente ou do colono parceiro – chefes de família, remunerados com uma porcentagem da produção, que juntos com seus familiares, administravam o sítio ou a fazenda do proprietário (POZZOBON, 2006).

Acerca da percepção de museu de Guariente, o entrevistado se identificou com os objetos e fotografias presentes naquele espaço, os quais lhe trouxeram sentimentos nostálgicos, principalmente no que diz respeito à limpeza e plantação de covas de café. A nostalgia sugere que a exposição conseguiu mediar mensagens relacionadas ao cotidiano de trabalho na lavoura de café, uma de suas intenções, mas estas foram apropriadas de acordo com a experiência do depoente na sua infância. Portanto, não se trata de uma transmissão de mensagens, mas sim da mediação do objeto e da apropriação do sujeito (SANTOS, 2006). Em outras palavras, o acervo e a organização da exposição instigam seleções de memórias.

Desta forma, de acordo com Michael Pollak (1992), a memória é seletiva, pois ela não é capaz de gravar e registrar tudo. Ela também depende do momento em que é articulada. A preocupação do presente gera a estruturas da memória, portanto, ela é um fenômeno construído. O que a memória individual grava, de forma consciente ou inconsciente, pode recalcar, excluir e relembrar acontecimentos, isso é resultado de um trabalho de organização (POLLAK, 1992). Tais questões explicam

²⁸ Inaugurado na cidade de Londrina em 1938. O início da instalação de bancos na cidade esteve relacionado ao crescimento dos negócios que poderia gerar maiores movimentações financeiras e lucro aos bancos. O Banco Noroeste do Estado de São Paulo, localizado na avenida Rio de Janeiro de Londrina, ajudou a impulsionar o crescimento econômico da cidade, por meio de financiamentos. Essas informações podem ser encontradas no capítulo “O nascimento de Londrina deu início ao processo de colonização do Norte do Paraná”, página 31, do livro “Certidões de nascimento da história: o surgimento de municípios no eixo Londrina”, organizado por Paulo César Boni (2009).

as lembranças de Gerson Guariente – e de qualquer entrevistado – naquele momento e a forma como elas são evocadas por meio da mediação do acervo e das perguntas de Conceição Geraldo.

Essa memória revela a percepção de museu de Guariente. A nostalgia do depoente e sua autoidentificação com o acervo, coloca a mostra inicial do Museu do Café do Paraná como um museu-memória. Mas não no que diz respeito a autenticidade dos objetos aos acontecimentos históricos ou ao pertencimento à determinada personagem de destaque. Ele enxerga um museu-memória por meio do afetivo e da dialética entre a lembrança e o esquecimento presente na memória (SANTOS, 2006). Não se trata do culto à tradição elitista do MHN de 1922, mas existe um culto mediado pela nostalgia de um passado. Isso fica mais claro se compararmos o museu-memória com o museu-narrativa. No segundo os objetos são vistos apenas como suportes de uma narrativa pré-definida. Nele existe um distanciamento entre passado e presente. O sentimento nostálgico, que revive a tradição e a identificação entre o ontem e o hoje, como é o caso do museu-memória, desaparece e é trocado pela razão. Não encontramos na fala de Guariente uma perspectiva para o futuro ou um exame crítico da sociedade feito por meio do acervo, existe apenas uma identificação construída no presente para com um passado, evocada por meio dos objetos e da nostalgia.

Ao mesmo tempo, ao dizer que foi “transportado a suas origens”, o depoente aparenta enxergar a organização da exposição como a verdade do passado, ou diz isto devido à sensação de poder rememorar momentos que vivenciou. Assim, de acordo com Eilean Hooper-Greenhil, com base em Santo Tomás de Aquino, ao examinar a frequência em que as coleções da renascença eram designadas como Teatro da Memória: “[...] o sensível é o veículo natural do inteligível” (1988 apud MENESES, 1994, p.9). De acordo com a autora, as coleções, como teatro da memória, buscavam articular imagens a lugares e espaços, visando assegurar a rememoração e recriar, simbolicamente, a ordem do mundo. Guariente enxergou a exposição, possivelmente, por meio da recriação do passado e não da representação, fator que pode ser explicado através do seu alto grau de identificação e nostalgia para com aquele acervo: as imagens de sua infância foram mescladas às intenções da exposição, gerando a falta de diferenciação entre realidade e a representação.

Além disso, como vimos, a museologia estava em processo de mudança na década de 1970. A noção dos museus enquanto representação, e não espelho do passado, é resultado da consolidação da Nova Museologia nos anos de 1980 (DUARTE, 2013). Hoje sabemos que “[...] o acesso ao que já se passou se fará por meio de discursos e fontes documentais diversas que nos farão reimaginar o real, ou o que teria sido já imaginado, e cuja complexidade não é trivial.” (SIMAN, 2002, p. 86).

2.2.2 O reboco do rancho é muito mais do que barro...

A (re)imaginação do real aparece de forma mais clara no depoimento de Sebastião Bernardini Pereira (1977). Diferente do relato de Gerson Guariente pautado, especialmente, em suas experiências no norte do Paraná, Pereira (1977) descreve os objetos da exposição, suas funções e os modos de fazer ranchos de palmitos. A entrevistadora, Marina Zuleika Scalassara, não faz uso de perguntas abertas, nem mesmo inicia a entrevista com introdução, apresentação ou maiores detalhes do depoente, fator que dialoga com o improvisado e a falta de métodos para a constituição de depoimentos orais. Sebastião Pereira é o depoente e, na maioria das vezes, o próprio condutor da entrevista. Sua fala é bastante independente de perguntas, característica designada por Portelli (2010), ao notar em um dos depoimentos que coletou a qualidade falante de seu entrevistado, como monólogo. No caso, o depoente de Alessandro Portelli era um orador, pastor, sindicalista e cego, fatores que tornavam mais fáceis ignorar a reação dos ouvintes. Já a entrevista de Pereira não deixa claro suas características pessoais, nem se quer sua profissão foi perguntada, o que obscurece os porquês da sua característica monológica. Podemos notar, porém, a empolgação em lembrar a forma como aqueles objetos eram usados ou feitos. Características que podem ser vistas no seguinte trecho:

MS: [...] É feito de palmito então [os ranchos de Minas Gerais]?

SP: É ... Não é. Não, aí não é parmito não, é pau, porque lá [em Minas Gerais] não tem parmito. Aqui que é feito com parmito agora lá, não. Se for pra explicar, eu explico do Paraná, certo?

MS: Certo.

SP: Então, agora aqui vai a taquara e aqui um pau, então aqui vai um pau, outro pau, outro pau. Agora aqui vai uma travessinha e dentro dessa travessinha fica esse buraco, certo?

MS: Sei.

SP: Ai fica mais largo, porque o parmito é largo, né?! Mas o pau é roliço.

MS: Então é roliço mesmo que coloca, não corta no meio?

SP: É, pau roliço que coloca. Então agora ali que chega a hora de... então o amassador de barro do lado de fora e aquele que faz o barro lá tem que trazer. Então é feito um mutirão, dia de rebocar a casa, vamos supor que seja sua casa, né, como a senhora chama?

MS: Zuleika.

SBP: É, hoje nós vamos rebocar a casa da dona Zuleika. Então naquele dia, então vai fazer um mutirão, então ninguém vai cobrar nada da senhora. É um mutirão quando se fala, dá comida lá pro indivíduo e eles trabalha contente, cantando, então tem o tal do mutirão. Eles cantam no mutirão e o mutirão é cantado, assim uma voz com um dueto, certo?! É muito bonito. (PEREIRA, 1977)

Pereira (1977) utiliza o rancho de palmito da exposição para fazer comparações entre os modos de fazer ranchos em Minas Gerais, seu estado de origem, e no Paraná, onde chegou em 1948. Neste trecho é possível notar explicações acerca do tipo de madeira e o corte utilizados em ambos os ranchos, a função do barro para cobrir a madeira e, conseqüentemente, vedar a habitação, e as relações sociais que geravam e eram geradas por esse tipo de moradia. Não podemos negar a presença de certa nostalgia, principalmente quando se lembra do mutirão e dos cantos, mas diferente de Gerson Guariente, o relato de Sebastião Pereira não é conduzido pelo sentimento nostálgico, ele aparece após as comparações entre os ranchos, em outras palavras, após a análise daquela habitação com base em seus conhecimentos prévios.

Para entender melhor essa relação de Pereira com os objetos, é preciso entender o significado de cultura material e o que dela podemos tirar. Logo,

Estamos imersos num oceano de coisas materiais, indispensáveis para a nossa sobrevivência biológica, psíquica e social. A chamada "cultura material" participa decisivamente na produção e reprodução social. No entanto, disso temos consciência superficial e descontínua. Os artefatos, por exemplo, são não apenas produtos, mas vetores de relações sociais. Que percepção temos desses mecanismos? Não se trata, apenas, portanto, de identificar quadros materiais de vida, listando de objetos móveis, passando por estruturas, espaços e configurações naturais, até obras de arte'. Trata-se, isto sim, de entender o fenômeno complexo da apropriação social de segmentos da natureza física. (MENESES, 1994, p.12)

De outro modo, os objetos não servem apenas para mostrar a cultura material do passado e do presente ou o material de que eram feitos. É preciso entender os artefatos como resultado e vetores de relações sociais. Sebastião Pereira faz isso de

várias formas. O exemplo dos mutirões de ajuda na construção dos ranchos, em Minas Gerais, é um dos mais expressivos. A construção de uma simples habitação gerava uma interação solidária entre vizinhos, transformada em costume, pelo menos nas lembranças do depoente (PEREIRA, 1977). Conseqüentemente, essa interação solidária tornava possível a edificação de um rancho bem vedado, sem muitos gastos com mão-de-obra, visto que o dono da casa poderia pagar com lanches ou oferecer um baile com bastante música:

SP: É no fim do mutirão. À noite eles vão pra casa toma um banho se lava e calça as botina né? Que lá é botina, né? E lá eles calça as botina e vem pra...

MS: Pra dançar.

SB: Pra dançar de noite. Então, ali tem um sanfoneiro, tem tudo e vai dançar o baile porque a dona da casa lá, dona Zuleide, né? Dona Zuleide então ofereceu um baile em homenagem do mutirão que a turma fizeram de reboca a casa pra ela, certo?!

MS: Ah sei.

SP: Então dança até umas oito horas da manhã, compreende?! Ninguém sente cansada, trabalha o dia inteiro, jogar barro, como eu disse pra senhora. (PEREIRA, 1977)

A interpretação de todo esse cotidiano, a construção do rancho, a dança, a música, a interação e ajuda mútua entre vizinhos, são resultados da relação estabelecida entre Pereira, Marina Scalassara, o acervo e as mensagens da exposição. Ao optar por deixar o depoente descrever as peças e o rancho, a entrevistadora possibilitou a fruição das memórias de Pereira. Portanto, a própria falta de perguntas, consciente ou não, ocasionou uma mediação mais livre entre o entrevistado e o espaço da exposição, resultando em um depoimento que (re)imagina o passado por meio do acervo e não que o enxerga como o passado propriamente dito.

Podemos dizer, então, com base nas ideias do historiador Bittencourt (2003), que, por meio da cultura material daquela exposição, Sebastião Pereira enxergou, e o Museu conseguiu mostrar, expressões das relações humanas e compreendeu as três dimensões em que os artefatos se moldam:

[...] uma espacial (a topologia das transformações naturais e seus resultados visíveis), uma cronológica (que se manifesta em termos de processos evolutivos) e uma terceira, social, que produz diferenças no interior de um mesmo conjunto humano, sendo possível observar níveis de cultura material que separam os grupos sociais. (BITTENCOURT, 2003, p.153)

A dimensão espacial, aparece quando Sebastião Pereira explica as diferenças entre os dois ranchos, do Paraná e de Minas Gérias. Sendo o rancho do primeiro estado constituído de madeira de palmito e o do segundo de “pau” – sem falar de sua especificidade. Só este fator já dialoga com a proeminente presença de árvores do palmito no norte do Paraná, as quais desempenharam um papel essencial “[...] servindo de alimento, construção de ranchos, cobertura, colchão, alimento de animais e bicas para a condução de água” (POZZOBON, 2006, p.75). A dimensão cronológica aparece na própria necessidade de ter de explicar os modos de fazer este tipo de rancho, o que significa que na década de 1970 essa tipologia de moradia não mais pertencia ao *hall* de habitações comuns. No que diz respeito à dimensão social, esta tem destaque no discurso de Pereira, seja na forma simples como as pessoas se organizavam em mutirões ou na maneira criativa que lidavam com o espaço em que viviam, como pode ser visto no seguinte trecho, em que o entrevistado explica a forma como os ranchos de Minas Gerais eram rebocados por dentro:

SP: [...] Agora ali as senhoras, aí é o serviço das senhoras, “não vou entrar lá enquanto não rebocar a minha casa por dentro”, certo?! Então elas vão rebocar por dentro com o barro da cor que elas querem, que lá tem o barro preto. Eu não expliquei pra senhora aquela hora, mas agora...

MS: É.

SP: Tem o barro preto, tem o barro meio cor de rosa, meio amarelado, certo?!

MS: Ah, que bonito!

SP: Então tem barro de todas as cores, mas eles preferem o branco, sabe? Então no quarto eles rebocam com o barro preto, sempre é usado o barro preto, certo?!

MS: Por que vai o preto no quarto?

SB: É pra ficar mais escuro, é que lá eles gostam muito de ficar, o quarto deles são muito escuro, sabe? (PEREIRA, 1977)

Essa parte dialoga tanto com a dimensão espacial, quanto com a social. Pereira descreve, mais uma vez, por meio da interpretação dos objetos e do rancho da exposição, a forma como as pessoas da região onde ele morava em Minas Gerais lidavam com o espaço onde viviam. O aproveitamento do reboco interno colorido do rancho, diz respeito aos tipos de terras que existem naquele lugar. Logo, de acordo com as perspectivas de Michel de Certeau (1998), o cotidiano é o lugar da invenção, onde as pessoas comuns têm criatividade ao produzir práticas, ajudando-as a interpretar o mundo de forma particular e a elaborar microresistências e

microliberdades que se opõem às estruturas de dominação da sociedade, agindo de forma engenhosa. Desta forma, Sebastião Pereira descreve a engenhosidade de um cotidiano comum, como a escolha de um barro mais escuro para o quarto, por ser um local mais reservado, destinado ao descanso, que, provavelmente, vai além do que era esperado segundo os padrões das classes sociais dominantes. Além disso, ao designar às mulheres o papel de rebocar o interior da casa, de acordo com as cores que desejassem, Pereira dá indícios de uma divisão sexual do trabalho, na qual à figura feminina era destinada as atividades domésticas, resultado de “[...] construções sociais e culturais que fazem que homens e mulheres sejam educados e socializados para ocupar posições políticas e sociais distintas” (SILVA; SILVA, 2009, p.166).

A entrevista de Peireira mostra, provavelmente de forma inconsciente, um museu mais próximo do que intentava a Mesa Redonda de Santiago de 1972, uma instituição que faça laços mais estreitos com a vida da comunidade (FRIN, 1972 apud NASCIMENTO JUNIOR; TRAMPE; SANTOS, 2012), superando o isolamento temporal e espacial em que os museus se encontravam naquele momento. Portanto, um dos receios daquele evento, de acordo com o diretor do ICOM, na ocasião da Mesa Redonda, era que,

[...] o museu, tal como acontece hoje [em 1972] com bastante frequência, imponha ao seu público um passado muitas vezes incompreensível para eles. A educação, por outro lado, deve significar libertação: o aluno não deve ser objeto de ensino, mas o sujeito da construção de novos valores para o homem. Estou seguro de que o museu ocupa um lugar privilegiado nessas formas de educação, já que nele os objetos expostos nas paredes e nas vitrines permitem que o visitante seja, mais facilmente que em outros locais, um verdadeiro sujeito. (VARINE, 1972 apud NASCIMENTO JUNIOR; TRAMPE; SANTOS, 2012, p.114).

Assim, se levarmos em conta as expectativas de Verine, acerca da função dos objetos para os visitantes, Sebastião Pereira se encaixa como um verdadeiro sujeito histórico, que interpreta e compreende seu próprio passado por meio daquele acervo. Para o depoente, a exposição não representa um passado incompreensível e não há diálogo com mitos fundadores, visto sua leitura acerca dos objetos e do rancho de palmito.

2.2.3 A autoridade do pioneiro: fez algo “histórico”?

A entrevista de Dilma de Oliveira Silva (1977) também é iniciada sem introdução. Como dito, existe a ênfase em citar nomes de personagens de destaque e de lugares centrais da cidade de Londrina, no início de sua formação:

DS: Sai a voz? Eu vim para Londrina em 1934, aqui era tudo mato. A cidade era bastante mato, tinha uma porção de mato na cidade. Ali, onde é a catedral hoje, tinha a primeira catedral. Era uma casinha de tábua muito pequeninha e que a gente sempre ia na missa ali. Eu conheci também o primeiro vigário da igreja aqui, ele chamava-se padre Carlos, agora quanto o..... é isso mesmo, mas eu não sei pronunciar o nome dele, sabe?! Desculpa, sabe?! E depois também aonde é a estação ali, da rodoviária, estação de estrada de ferro, papai matou muito passarinho ali também, sabe? E também tem ali, na onde eles construíram hoje aquele palácio da liberdade, ali na, onde é que era a antiga associação comercial?!

MS: Sei!

DS: Ali também, e eu estudei ali. Em 1936 eu estudei no grupo que estava ali construindo...

MS: Onde é o colégio mãe de Deus?

DS: Era onde é o colégio mãe de Deus. Nós fomos vizinha do colégio ali daquelas irmãs quando elas vieram em 1938 pra aqui pra Londrina. Depois então que elas construíram o novo colégio, aonde, ali de frente do bosque que tá até hoje ali.

MS: Certo! Então, dona Dilma, a senhora estudou no colégio mãe de Deus?

DS: Não, no grupo.

MS: No grupo?

DS: Que tinha encostado com o colégio.

MS: Funcionava perto do colégio mãe de Deus?

DS: Perto... é isso mesmo!

MS: Onde hoje está o palácio do comércio?

DS: É, onde tá construindo aquele palácio bonito do comércio, ali que eu estudei.

MS: Certo, certo. E em que lugar ficava o grupo?

DS: Ali, naquela rua ali... eu não me lembro daquela rua.

MS: É rua Minas Gerais! (SILVA, 1977)

Logo no início da fala de Silva, é possível identificar sua apropriação da exposição. A depoente enfatiza, três vezes seguidas, a existência de mato quando chegou a Londrina e, por duas vezes, o fato de ter conhecido a primeira catedral e o primeiro vigário. Logo, o depoimento de Dilma Silva, tende a lembranças relacionadas aos “primórdios” da cidade. Não podemos afirmar se Scalassara pediu por isso antes de iniciar a entrevista, mas o fato da depoente começar a relatar buscando por características do início da cidade pode ser indício de uma relação

recíproca entre entrevistada e entrevistadora: a primeira tinha informações desses “primeiros tempos” e a segunda buscava por informações desse tipo.

Essa ênfase em falar dos “primeiros” lugares ou personagens, é uma característica que segue toda a entrevista de Silva. Existe a repetição das palavras “primeiro”, “primeiros” e “pioneiro”, o que pode, de acordo com Alberti (2008), trazer importantes informações sobre a entrevista. Certos acontecimentos podem ser narrados de uma mesma forma, o que pode indicar memórias cristalizadas que ajudam o entrevistado a dar significado para o passado. Aí também podemos notar uma forte relação entre memória individual e coletiva, enquanto a segunda se amparava, no caso da cidade de Londrina, na década de 1970, em mitos fundadores, portanto, na importância dos “primeiros” ou “pioneiros”, a memória de Silva parece acompanhar o mesmo raciocínio, unindo o contexto daquela época às suas experiências ou a experiência de seu pai, como veremos mais adiante.

Durante a fala de Silva, a entrevistadora se inclina a perguntar a localização dos lugares citados e a relação da depoente com eles. Se unirmos essa característica de Marina Scalassara com a forma como ela conduziu a entrevista de Pereira (1977), suas intenções na produção dos depoimentos podem ser interpretadas. Como dissemos, na entrevista de Sebastião Pereira ela deixou, e ouviu com bastante atenção, que o entrevistado falasse dos modos de fazer rancho e de informações sobre o uso e funções das peças; na entrevista de Dilma Silva, ela tende a perguntas específicas, como a localização de lugares. Marina Scalassara trabalhou, antes de Conceição Geraldo, com Carlos Weiss, o qual, como vimos, voltava-se para a catalogação das peças. Por conseguinte, percebe-se em Scalassara uma possível intenção arquivística para com os depoimentos. Para ser mais claro, no primeiro capítulo abordamos as implicações da revolução documental na constituição de acervos orais, assim, Joutard (2006) indicou o compasso dos arquivistas com esse tipo de atividade, os quais deixaram de priorizar apenas a documentação física, visto a importância da atividade humana testemunhada para o contexto dos documentos, conseqüentemente, as fontes orais passam a ser instrumentos importantes para complementar acervos.

Sob esta observação, Scalassara aparenta produzir esta entrevista visando-a como futura fonte para contextualizar e pesquisar as peças do Museu. Assim, sua percepção de museu parece se aproximar da instituição museal como espaço de produção de conhecimento. Desta forma, enxergar os museus só por meio da

organização de peças em exposição é, segundo Meneses (1994), altamente problemático, pois marginaliza a produção do conhecimento dentro dos museus, o que reduz a memória em “um instrumento de enculturação de paradigmas a priori definidos e que circulam em vetores sensoriais” (MENESES, 1994, p.10). Levar a produção do conhecimento em consideração atualmente significa sustentar o museu em uma importante tríade, que ultrapassa o produto final, a exposição. O primeiro campo é a preservação, responsável por prolongar a vida útil dos bens culturais, garantindo o acesso futuro às suas informações. Já o segundo, a investigação, tem a função de aumentar a comunicação daqueles bens por meio da produção de conhecimento, que promove a visão crítica de contextos dos quais o acervo é testemunha. O último campo é a comunicação, que acontece quando o museu disponibiliza seu acervo ao público, estabelecendo a relação entre o homem e o bem cultural (CHAGAS, 1996).

A questão da pesquisa do acervo dos museus já era abordada como uma das funções das instituições museológicas desde a década de 1940. Em 1974, o ICOM elabora um estatuto que, de acordo com Poulot (2013), marcou uma reviravolta na definição de museus daquele período e alcança laços estreitos com a atualidade:

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que faz pesquisas relacionadas com os testemunhos materiais do ser humano e de seu ambiente, tendo em vista a aquisição, conservação, transmissão e, principalmente, exposição desse acervo com a finalidade de estudo, educação e deleite. (ICOM, 1974 apud POULOT, 2013).

Esta definição talvez possa dialogar com a produção de depoimentos orais em museus, no que diz respeito ao estudo do ambiente em que o ser humano está inserido, sendo os depoimentos potenciais reveladores de contextos. Marina Scalassara parece usar as entrevistas com finalidades próximas deste intuito, mas prioriza desvendar informações sobre os testemunhos materiais, deixando as experiências pessoais em segundo plano, como pode ser visto na forma como ela conduziu as entrevistas de Dilma Silva e Sebastião Pereira. Em outras palavras, a percepção de museu de Scalassara, pelo menos no que pôde ser visto na condução dos depoimentos, aparenta estar próxima do campo da investigação e da tentativa de potencializar a comunicação do acervo com base nas informações obtidas com os entrevistados – sobre a localização de lugares, nomes de pessoas e funções dos

objetos. Entretanto isso não parece significar uma tentativa de viabilizar a abordagem crítica do contexto da documentação, pois, no seguinte trecho da entrevista de Silva, Scalassara se aproxima muito dos discursos míticos que dão sentido à fundação da cidade.

MS: Certo! Mas agora, a senhora esqueceu de dizer o seu nome, de quem a senhora é filha?

DS: Meu nome é ... Eu sou filha de Belmiro Corrêa de Oliveira.

MS: Que chegou em Londrina no ano?

DS: Em 1934.

MS: Certo! E o seu nome?

DOS: Dilma de Oliveira Silva.

MS: Ótimo. O seu pai foi?

DS: [...] pioneiro daqui, né?! Porque nós, como eu já disse pra senhora, nós chegamos aqui em 1934.

MS: Certo. E o que ele fez de importante para Londrina?

DS: Ah... ele, acho que ele fez casas aqui em Londrina. Construiu casa, porque naquela época usava muita casinha de tábua, né...

MS: Certo. A profissão dele?

DS: Ele era carpinteiro.

MS: Carpinteiro.

DS: Era carpinteiro.

MS: E como carpinteiro ele fez algo histórico?

DS: Fez, inclusive aquela jardineirazinha que hoje tá lá no Garcia. Aquela lá é a recordação, é uma lembrança dele que ficou lá na empresa do Garcia.

MS: Certo. Quer dizer que ele fez o madeirame?

DS: É, aquela madeirame dela toda por cima foi feita pela mão do papai. (SILVA, 1977)

Percebe-se a busca por atuações importantes e “históricas” do pai de Silva, um “pioneiro”. E novamente aparece a coexistência entre a demanda pelo homem comum, um carpinteiro, misturada a demanda por atividades de destaque. Portanto, existe o reforço do mito fundador de pioneiros de destaque.

Acerca da fala da entrevistada, antes mesmo de dizer seu nome, Silva prefere se identificar como filha de Belmiro Corrêa de Oliveira, o qual é considerado pioneiro da cidade e tem seu nome cadastrado, atualmente, no Memorial do Pioneiro de Londrina (2006). Seguindo a mesma lógica, ao ser questionada sobre quem foi seu pai, a primeira resposta não se refere à sua profissão, descendência ou origem, mas sim em “pioneiro daqui”. Novamente, percebe-se a intenção da entrevistada em colocar a si mesma e a seu familiar como “pioneiros” da cidade, o que a “torna capaz” de relatar sobre o início de Londrina. Essa ênfase parece conferir um *status* a depoente, ela pode falar sobre o que aconteceu de mais “antigo” ou “importante” na cidade. Isso fica ainda mais claro, quando ela determina como histórico o fato de seu

pai ter feito o madeirame da jardineira de Celso Garcia Cid. Personalidade de destaque em Londrina, Garcia Cid era um dos que possuíam as características mais marcantes de pioneiro que “deu certo”, pois passou de ex-garçom a novo rico por meio de um empreendimento de transporte rodoviário, a viação Garcia, e se tornou uma das figuras simbólicas do progresso Londrinense (FERREIRA; SIMON, 1988).

Por conseguinte, percebe-se uma tentativa de imortalizar os feitos do pai de Silva no que diz respeito ao seu pioneirismo e feitos “históricos”. Não há perguntas sobre a vida pessoal de Dilma Silva, nem sobre sua profissão. Os assuntos que são aprofundados, quando não o são sobre personagens ou lugares da cidade, são apenas sobre o trabalho de seu pai. Essa busca pela imortalização do trabalho do pai, vai ao encontro do que Alice de Porciúncula Calmon fez na exposição em homenagem ao seu marido, Miguel Calmon, no MHL entre as décadas de 1930 e 1960. Como já abordamos, segundo Regina Abreu (1996), uma das intenções da viúva de Calmon era fazer com que o público daquele museu apreciasse e imortalizasse a figura pública de seu marido. Silva segue a mesma lógica, mas de forma bem mais modesta, por meio de um relato que dá ênfase na atuação positiva de seu pai em Londrina.

A percepção de museu de Dilma Silva está relacionada à preservação de “antiguidades”, o que soa confuso visto que Londrina é considerada uma cidade moderna e de (re)ocupação recente (LEME, 2013). Para uma melhor compreensão, como vimos, em seu relato buscou-se pelo que fosse mais antigo na cidade, isso é ainda mais reforçado quando ela responde o pedido de Marina Scalassara por doação de objetos.

MS: Nós recebemos qualquer peça [...]. Tanto relacionado com a sua família [...] como também a tipografia.

DS: Tá, mas eu acho que deve ter coisas da tipografia lá, peças de máquina que o papai usou [...]. Deve ter lá em casa, mas eu vou procurar saber direitinho com os meus irmãos, aí então eu falo com a senhora. Tinha uma coisa antiga lá de 1800 e pouco, mas eu acho que o dono da tipografia, ele pegou e vendeu pra uns caras da faculdade. Tinha uma prensa bem antiga lá, feita de 1822, não sei, daí ele vendeu a peça. (SILVA, 1977)

Dilma de Oliveira Silva enxergou como peças de museu objetos do século XIX, pois são as únicas referências de possíveis doações, na sua opinião. Portanto, ela percebe o museu como lugar do antigo, de objetos de períodos mais longínquos e de acontecimentos dos “primórdios” da colonização, lembrados como se

tivessem acontecido há muito tempo. Se fizermos uma digressão no tempo, no que diz respeito às funções dadas aos museus, essa percepção de Silva possui justificativas tanto longínquas como próximas a década de 1970.

Na conjuntura da Revolução Francesa, no final do século XVIII, os bens do Antigo Regime foram passados para a nova nação e usados segundo a demanda e apropriação dos novos usuários. Deixaram de ser, segundo Poulot (2009), restritos à nobreza e passaram a ser acessíveis ao povo e, conseqüentemente, ter utilidade social. Daí surge a concepção de museus modernos, abertos ao público. Entretanto, ser acessível não significa dialogar com as referências culturais da população. A intenção era ressignificar a mesma cultura material elitista e erudita do Antigo Regime, visando formar uma imagem de prosperidade para a nova nação, assim, o patrimônio “[...] inscreveu-se em uma vontade geral de criar conexões, o que marcou os séculos XIX e XX, em relação as representações hierárquicas e regulamentares do período precedente” (POULOT, 2009, p. 23). Em outras palavras, a intenção era formar a população por meio dos conhecimentos do passado, para alcançar a construção das nacionalidades. Essa busca de legitimidade no passado, deu à nova nação a característica de antiga (JULIÃO, 2006).

No contexto brasileiro, o MHN também visou essa legitimidade no passado, principalmente no que diz respeito à atuação positiva das elites vinculadas ao Brasil Império. Esse culto à tradição também influenciou a concepção de patrimônio do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937, oficializando a preservação de um patrimônio restritivo, visão que permaneceu por mais de 30 anos e que “[...] buscou conferir ao país um passado referenciado pelo século XVIII, pela cultura barroca e religiosa e pelo ciclo minerador” (JULIÃO, 2006, p.22).

Logo, a busca por legitimidade em um passado antigo e, conseqüentemente, enxergar os museus como lugares desse passado, era algo disseminado há muito tempo e, possivelmente, influenciou o senso comum de muitos visitantes, como é o caso de Dilma Silva. Mas, no que diz respeito às mudanças museológicas no Brasil, desde as décadas de 1950 e 1960, de acordo com Maria Cecília Londres Fonseca (2005), o modelo implantado pelo SPHAN sofria um desgaste progressivo, devido ao período desenvolvimentista brasileiro atrelado aos valores da modernização. Neste contexto o SPHAN teve que se adaptar, pois sua política de preservação colocava como opostos a continuidade e a tradição, e passa a tentar demonstrar a compatibilidade entre a preservação e o desenvolvimento. Segundo Fonseca (2005),

a insuficiência do SPHAN desencadeia a criação de outros programas e instituições, como é o caso do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), criado em 1975.

[...] as críticas dirigidas ao Iphan não se limitavam a suas carências operacionais. Também em termos conceituais, a ênfase dada aos monumentos da cultura do colonizador tornava problemática, nos anos 70, uma identificação social mais abrangente com o patrimônio. Para setores modernos e nacionalistas do governo, era necessário não só modernizar a administração dos bens tombados, como também atualizar a própria composição do patrimônio, considerando limitada a uma vertente formadora da nacionalidade, a luso-brasileira, a determinados períodos históricos, e elitista na seleção e no trato dos bens culturais, praticamente excluindo as manifestações culturais mais recentes, a partir da segunda metade do século XIX, e também a cultura popular. Essa atualização era a proposta do CNRC. (FONSECA, 2005, p.143).

Essa busca por manifestações culturais mais recentes, unida a valorização do desenvolvimento e da modernidade, são motivos que justificam a existência de museus em cidades recentes, como é o caso de Londrina. Além disso, encontramos importantes justificativas nas mudanças historiográficas do século XX. De acordo com Marieta de Moraes Ferreira (2000), a intensificação dos ritmos da história após as grandes guerras e a eclosão da Revolução Soviética, instigou o desenvolvimento da História do tempo presente, a qual, de acordo com Chartier (2006), não busca por almas mortas, mas sim pelo “[...] encontro com seres de carne e osso que são contemporâneos daqueles que lhes narra as vidas, recursos documentais inesgotáveis” (CHARTIER, 2006, p.215), fatores que, como vimos, também justificam o desenvolvimento da História oral. Consequentemente, esse novo tipo de abordagem possibilita o reconhecimento de discursos como os de Guariente, Pereira e Silva, dentro de um museu, relacionados ao cotidiano na lavoura de café, às moradias simples, construídas por meio de práticas culturais que davam sentido à vivência dos moradores, e ao trabalho, mesmo que mesclados à busca pelo “histórico” e pelo “importante”.

2.2.4 Entrevistar e narrar: um processo de negociação e de construção da imagem de si

Repetimos a importância de entender uma entrevista como fruto da relação tecida entre entrevistador e entrevistado, o que é enfatizada por vários autores que

se debruçaram sobre a análise de depoimentos orais (PORTELLI, 1997; ALBERTI, 2008, ARIAS NETO, 2003). E já abordamos indícios do processo de negociação entre ambos na relação recíproca que aparenta existir entre Scalassara e Silva (1977), na busca em construir uma imagem positiva do pai “pioneiro”, baseada em seus feitos históricos.

Este processo, na entrevista de Guariente e Geraldo (1977), reflete conflitos de opiniões, os quais têm como pano de fundo o contexto londrinense, principalmente relacionadas aos problemas ambientais gerados pela cultura cafeeira e pelo desmatamento.

CG: Mas seo Gerson, o senhor poderia aproveitar e descrever como era feita a queimada naquela época que o senhor se referiu agora pouco, a dificuldade de se fazer coivaras.

GG: Bom, pra falar das queimadas seria interessante contar das derrubadas.

CG: Excelente ideia!

GG: [...] nós chegamos a ver as derrubadas desses alqueires de mato que ainda restavam em torno de onde nós morávamos. E era normal eles fazerem uma derrubada por extensão, então eles picavam uma porção de arvores ao redor e deixavam uma maior pra cair sobre aquelas, então era uma derrubada total. Quando caía uma arvore sobre aquelas, a gente via todas as árvores caindo de uma vez só. Mas o fogo normalmente tinha uma época específica lá pra botar fogo. Quer dizer, se tudo corresse bem a queimada naturalmente tinha o maior êxito possível, e acontecia de, em seguida a essas queimadas serem aproveitadas já para plantação para o que deveria se plantar. Mas normalmente as queimadas não eram muito bem feitas e no aproveitamento também nem sempre era total. Então o que acontecia, havia brota, tinha que fazer a limpeza juntando com os galhos não bem queimados, os brotos. Então tudo era preciso fazer uma limpeza pra se poder, tamanho emaranhado dessas matas que havia sobrado, imagine como seria o mato original, né? Que era necessário promover a limpeza e eu participei muito disso. É lógico que eu não teria nem condições de descrever, o trabalho era brutal, é um negócio brutal, agora de lembrança saudosa, viu?! (GUARIENTE, 1977)

Guariente explica em detalhes os processos de derrubada da mata e de queimadas, conforme pede Conceição Geraldo, e dimensiona o quão “brutal” era o trabalho, devido à complexidade da mata; memória que evoca os “tempos difíceis” do início da colonização e, conseqüentemente, a valorização do trabalho árduo dos “pioneiros”. Ao falar da brota que acontecia, caso a área desmatada não fosse bem queimada, o depoente também dá indícios da fertilidade do solo da região antes do exaurimento provocado, a longo prazo, pelas mesmas queimadas, como vimos no

capítulo anterior. Entretanto, o entrevistado não interpreta essa experiência do ponto de vista da preservação da natureza ou dos problemas que isso gerou em um futuro próximo ao solo e a vegetação da região. Ele interpreta, novamente, por meio da nostalgia, intitulando este trabalho como uma “lembrança saudosa”. Esse saudosismo perante o desmatamento, estimula um conflito entre depoente e entrevistadora:

CG: E isso faz parte da nossa história, porque as matas foram todas exterminadas. Não é, seo Gerson?

GG: É. Do ponto de vista natureza em si, aquilo que nós tínhamos aqui propriamente nós vemos aí alguns resquícios, né? Algumas amostras muitos superficiais [...]. Agora a gente consegue ver, ainda ali na região de Cianorte, mais pra frente ou no sudoeste também consegue se ver. Mas aonde nós estamos, realmente foi um extermínio. Discutível se é para o bem ou para o mau, discutível isso ai, né?! O fato é que talvez a oportunidade de nós hoje estarmos falando sobre isso, se não tivesse havido o que houve nós não estaríamos falando, é possível até que num certo aspecto tenha uma compensação, não sei né. Não vamos entrar no mérito, né?!

CG: É a sua opinião.

GG: [Risos] certo! (GUARIENTE, 1977)

A divergência de pontos de vista entre ambos, aparece de forma sutil, mas, de qualquer forma, Geraldo não deixa de mostrar sua diferente interpretação ao dizer que as matas foram “exterminadas” e que isso faz parte da história de Londrina; não há uma referência nostálgica como a do depoente. Isso fica mais claro após a resposta de Gerson Guariente, o qual aparenta não ter pensado pelo lado dos problemas ambientais até ser questionado por Geraldo, o que mostra a importância em não omitir o que os entrevistadores colocam em termos na entrevista, pois os entrevistados não abordariam determinado assunto sem a condução do entrevistador e seus questionamentos (PORTELLI, 1997).

Logo, após o questionamento de Geraldo, Guariente constrói um discurso que negocia com o que a entrevistada esperava de seu relato. Ele assume que, do ponto de vista da natureza realmente houve um extermínio, mas não deixa de expressar sua opinião sobre isso, correndo o risco de não estar de acordo com o que Geraldo concebia como certo. Ao dizer que é discutível se o extermínio da natureza aconteceu pelo bem ou pelo mau, o depoente dialoga com o mito fundador acerca da necessidade de domesticar a natureza para progresso da colonização e, depois, da cafeicultura (ARIAS NETO, 2008). Ou seja, Gerson Guariente, como “pioneiro” da cidade de Rolândia, enxerga o desmatamento como algo necessário, e a exposição

do Museu do Café do Paraná e o momento da coleta do depoimento como resultado dos frutos deste extermínio da natureza, pois segundo o depoente a forma como o desmatamento aconteceu gerou “a oportunidade de nós hoje estarmos falando sobre isso”. A resposta de Conceição Geraldo ao raciocínio de Guariente é sintomática, porque ao dizer que essa é a opinião dele, indica que não é a dela.

Por conseguinte, esse sutil desacordo revela possíveis percepções de museu um pouco distintas. Ao dizer que o presente de 1977 é resultado do desmatamento e das queimadas, Guariente aparenta enxergar a exposição como resultado desse processo, o que faz sentido, pois ela aborda o cotidiano da cultura cafeeira. Em outras palavras, a própria representação de início da plantação de cafezais, como vimos na figura 3, é consequência da derrubada da mata, seguida da queimada do solo, técnica utilizada no norte do Paraná e que resultou em graves problemas ambientais, conforme abordamos no capítulo anterior, com base nas ideias de Cláudia Chies e Sandra Carbonera Yokoo (2012). Portanto, ao abordar a questão cafeeira, o Museu corre o risco do desmatamento ser interpretado como algo necessário para que aquele cotidiano da cafeicultura existisse. Entretanto, ao discordar dessa percepção e encarar de forma mais crítica o “extermínio da natureza”, Geraldo deixa um indício de lamentação pela perda do cotidiano da cafeicultura e a destruição da natureza, o que de fato foi um dos motivos que, ao mesmo tempo que deu a oportunidade de plantar cafezais, levou a ruína do Eldorado e, também, ao êxodo rural e suas consequências, entre outros desdobramentos (PRIORI et al, 2012; ARIAS NETO, 2008; BENATTI, 1996). Ambas as interpretações lançam luz a um contexto de mal-estar, no que diz respeito à perda de uma memória que aparentava ser cristalizada, a cafeicultura do norte do Paraná. Essa memória é então, devido ao mesmo incômodo contexto, enquadrada na exposição e geradora de apropriações diferentes.

A negociação entre entrevistador e entrevistado volta a aparecer na entrevista de Guariente, no que diz respeito a um dos motivos principais que levou Geraldo a coletar depoimentos: a busca pelo apoio da comunidade londrinense e norte paranaense ao Museu – mais especificamente, os pioneiros.

CG: O senhor que já faz parte da nossa diretoria do Museu do Café, eu gostaria que o senhor desse algumas sugestões. O que é que o senhor acha que nós devemos fazer de agora pra frente pra que realmente o Museu do Café vá adiante?

GG: [...] Sugestão? O que nós poderíamos sugerir? Cada vez mais procurar o maior acervo de coisas que possam reconstituir a história. Agora, como vamos fazer isso? Só o trabalho e o tempo que vai nos ajudar [...].

CG: Alguma coisa a mais, seo Gerson? Que o senhor queira deixar gravado?

GG: Dona Conceição, eu acho que só o agradecimento e da oportunidade [...]. E, obviamente, dentro das nossas poucas possibilidades, estamos à disposição pra continuar colaborando dentro do que for possível.

CG: Tá! Agradecemos muito e contamos então com essa sua colaboração. Muito obrigada, viu?! (GUARIENTE, 1977)

Percebe-se, no encerramento da entrevista, a estratégia da entrevistadora em estreitar laços com Gerson Guariente, no que se refere ao apoio e sugestões para a efetivação do Museu do Café do Paraná, colocando-o até como parte da diretoria do Museu, o que parece não ter acontecido de forma literal, pois em nenhuma documentação do Museu Geográfico e Histórico do Norte do Paraná daquele período encontramos vestígios sobre este tipo de atuação de Guariente no Museu. Entretanto, percebe-se que Geraldo usou dessas palavras para enfatizar a importância do depoente para o Museu do Café e aproximá-lo daquela instituição, sendo o depoimento um instrumento para conseguir isto. Portanto, a entrevista serviu como moeda de troca de apoio, o que também foi feito por Marina Scalassara na entrevista de Dilma de Oliveira Silva que, ao final, foi instigada a doar objetos de sua família ao Museu.

Ao utilizar a primeira pessoa do plural, “nós”, para indicar sugestões e apoio ao Museu, “O que nós poderíamos sugerir?”, o entrevistado demonstra a posição em que se localiza para narrar. De acordo com Portelli (2010), existem modalidades narrativas que expressam múltiplas camadas de experiência: a institucional, onde se usa a terceira pessoa do plural; a coletiva, caracterizada pela primeira pessoa do plural; e a pessoal, refletida pelo uso da primeira pessoa do singular. A modalidade intitulada pessoal, é a que mais se aproxima das lembranças afetivas do indivíduo, “eu”, seguindo para o grau de compartilhamento de memória entre grupos, “nós”, e o distanciamento ao usar o pronome “eles”. Guariente oscila, durante toda sua entrevista, entre as modalidades pessoal e coletiva; a primeira aparece quando ele relata suas experiências na lavoura de café e a segunda quando entra em cena sua vida profissional, seu emprego no Banco Noroeste. Neste trecho o depoente aparenta falar não só em seu nome, mas em nome da instituição bancária em que trabalhava, o que o coloca como representante daquele banco, portanto, ter o seu

apoio, significava ter o apoio do Banco Noroeste, fator que pode ter sido uma das intenções de Geraldo ao selecioná-lo como depoente.

O apoio para a implementação do Museu do Café do Paraná também foi buscado por Conceição Geraldo em outros momentos de sua gestão, o que mostra um dos interesses desta divisão relacionada à temática do café, como pode ser visto no ofício 15/78, emitido por Geraldo em nome do Museu do Café, em 14 de fevereiro de 1978, ao diretor geral do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN), Renato Soeiro. Ao saber que o IPHAN estava empenhado em criar um Museu Nacional do Café, a antiga diretora pede uma atenção especial daquela instituição no sentido de auxiliar a implementação do Museu do Café do Paraná com “[...] informações, orientações, troca de peças, estágio...” (OF.M 15/78).

Acerca da entrevista de Dilma de Oliveira Silva (1977), esta também apresenta traços de negociação e divergências entre entrevistadora e entrevistada. Como vimos no tópico anterior, Scalassara e Silva parecem ter uma relação recíproca acerca da figura do pioneiro e de sua autoridade para falar sobre os primórdios da cidade. Silva enfatiza em seu discurso os lugares e personagens centrais de Londrina, dando prioridade apenas à área urbana – como a localização de uma das primeiras escolas de Londrina, o Colégio Mãe de Deus, do prédio da Companhia de Terras Norte do Paraná, de praças, do prédio comercial da cidade, etc. – e a pessoas que foram “pioneiras” neste espaço, em alguma atividade – o primeiro prefeito, o primeiro vigário, o primeiro médico. É válido observar que o relato de Dilma Silva tende para a temática urbana devido ela ter vivido neste ambiente, fator que mostra sua vida, mais uma vez, ligada às atividades do seu pai, carpinteiro e, posteriormente, tipógrafo, que exerceu seu trabalho na área urbana de Londrina. Porém, sendo a entrevista coletada na exposição inicial do Museu do Café do Paraná, Zuleika Scalassara tenta, já no final, especular acerca da temática do café e de alguma experiência da entrevistada neste quesito, sem o resultado esperado:

MS: Sobre o café? A senhora chegou a conhecer algum cafeeiro aqui no Paraná, aqui em Londrina?

DS: Ah cheguei, também eu conheci também o médico doutor Gabriel Martins.

MS: Ah sim, primeiro médico de Londrina.

DS: Primeiro médico de Londrina também conheci ele, até aquela pracinha que tem ali, ele morou ali, do lado de baixo aonde que é hoje a Loja Americana.

MS: Hum, sei.

DS: Ele morou ali naquela rua. Então agora, hoje tem o nome dele, Praça Gabriel Martins foi feita em homenagem aquele doutor. (SILVA, 1977).

Scalassara tem a intenção de estimular a temática do café por meio de personagens que a entrevistada possa ter conhecido, mostrando, talvez, que já esperava ou sabia que Silva não possuía experiências diretas com a cafeicultura. Essa tentativa de Scalassara faz sentido, dado o contexto complexo de Londrina com a cafeicultura e a construção de lugares de memória, baseados em mitos fundadores, que Londrina vinha sistematizando desde seu Jubileu de Prata (LEME, 2013). O significado de estimular lembranças em um indivíduo por meio das experiências de outros dialoga, também, com um dos elementos construtivos da memória, de acordo com Michael Pollak (1992), os acontecimentos vividos por tabela, pelo grupo que a pessoa pertence, dos quais ela “[...] nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p.201). Dilma de Oliveira Silva aparenta fazer isso com as memórias do pai, de forma que a trajetória dele toma proporções mais importantes do que a sua, que acaba nem sendo citada. Entretanto, mesmo com o estímulo de Scalassara, que autoriza o uso de memórias herdadas na entrevista, Silva não dá a atenção esperada pela entrevistadora referente à temática do café.

A depoente manteve um padrão de relato, aquele pautado nos “primórdios”, nos lugares e nos “pioneiros” de alguma atividade da área urbana de Londrina. Esse padrão pode ser justificado pela ligação das experiências da entrevistada ao meio em que viveu, o perímetro urbano. Logo, podemos dizer, que o plano racional da constituição de Londrina pela CTNP e a instalação de seu pai, devido a suas atividades de prestação de serviços, localizadas no núcleo urbano da cidade (BENATTI, 1996), influenciou as vivências da entrevistada e construiu relações, memórias e identidades vinculadas ao centro, onde se localizavam

[...] as zonas do centro cívico, do comércio e da indústria, das residências nobres, coletivas e proletárias, cada qual observando suas próprias características na construção dos edifícios públicos, comerciais e industriais, residenciais e educacionais, de assistência social e hospitalar, dos cultos religiosos e dos centros desportivos. Circundando o núcleo urbano foi implantado o cinturão verde, de área muitas vezes maior, subdividido em chácaras de um a cinco alqueires, abastecedores das populações urbanas e rurais do município. (VIDIGAL, 1970, p.125 apud BENATTI, 1996, p.18)

Portanto, é compreensível que o relato de Silva se restrinja apenas a este espaço urbano e dê maior importância às atividades circunscritas nele. O que não significa que ela desconheça a importância da cultura cafeeira para Londrina, pois diz que chegou a conhecer cafeicultores quando questionada por Scalassara. Entretanto, selecionou memórias que mais convinham com a imagem que ela tinha ou quis mostrar de si.

Na entrevista de Sebastião Pereira (1977), como abordamos, não houve muitas perguntas, ficando o entrevistado livre na maior parte de seu depoimento. Portanto, não existem conflitos que possam ser percebidos, na relação entrevistado e entrevistadora, por meio do relato ou dos questionamentos. O que é perceptível diz respeito às entrelinhas, ao “não-dito” e às possibilidades. Em nenhum momento da entrevista há interesse, por parte de Scalassara, na história de vida do depoente ou de sua família, nem em Minas Gerais ou no Paraná, e nem há pedidos de doação de objetos ou de alguma forma de apoio ao Museu, como aconteceu nas entrevistas de Gerson Guariente e Dilma de Oliveira Silva. Informações sobre as vivências do entrevistado aparecem no decorrer das suas explicações e comparações de objetos e da habitação da exposição, por sua própria responsabilidade e não por meio de respostas a perguntas, pois aparenta utilizar os objetos como produtos e vetores de relações sociais das quais ele foi testemunha.

Logo, existem três possibilidades: a intenção da entrevistadora era apenas as explicações sobre o acervo, devido à sua preocupação em coletar informações sobre as peças do Museu, como abordamos; ou, devido Sebastião Pereira não ser considerado pioneiro de Londrina e de nenhuma outra cidade do norte do Paraná, sua trajetória de vida não tinha os requisitos necessários para ser registrada naquele momento, visto a importância dada por Scalassara, na entrevista de Dilma de Oliveira Silva, à atuação “histórica” dos “pioneiros”; ou, por último, ambas possibilidades coexistem. A segunda hipótese dialoga com a importância do “não-dito” em relatos orais.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa [...] uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p.9).

O que é silenciado ou “esquecido” depende do que pode ser dito em determinado contexto. A memória “coletiva” de Londrina se ancorava nos mitos fundadores e nos benefícios do Eldorado cafeeiro, pois, como abordamos no primeiro capítulo, na década de 1970, devido aos resultados da crise cafeeira entre outros motivos, a população tomou consciência da crise do Eldorado (ARIAS NETO, 2008) e perdeu o vínculo com um passado áureo, o qual passou a sobreviver apenas em suportes externos, como lugares de memórias. Portanto, essa conjuntura é favorável, no que aparenta ser a intenção de Scalassara, para registrar a memória dos “pioneiros” e seus feitos “históricos”. Em outras palavras, diferenciar “[...] entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado” (POLLAK, 1989, p.9).

Entretanto não podemos ignorar que a intenção de Marina Zuleika Scalassara não é unilateral, pois, do contrário, ela não teria selecionado Sebastião Pereira como entrevistado. Durante toda a entrevista, mesmo que ela não faça perguntas sobre experiências pessoais, profissionais, familiares, etc., a entrevistada ouve com atenção e curiosidade as explicações e episódios lembrados pelo depoente. Isso pode ocorrer devido à sua possível estratégia de potencializar as informações do acervo. Portanto, acreditamos que há a coexistência das possibilidades que indicamos. Mesmo que o depoente não tenha a autoridade do “pioneiro” para ter suas experiências registradas, ele tem a autoridade de saber detalhar os modos de fazer e usar o acervo da exposição.

2.2.5 A COEXISTÊNCIA DE PERCEPÇÕES DE MUSEU

De acordo com Alberti (2008), ao relatar suas experiências, o depoente transforma o que viveu em linguagem por meio de seleções e da organização dos acontecimentos, segundo determinado sentido que só tem lógica no momento da entrevista. Assim, o contexto da década de 1970, como abordamos em vários momentos, é complexo, constituído por diversas mudanças e continuidades relacionadas à sistematização da História oral, às mudanças museológicas e à conjuntura do norte do Paraná. As entrevistas da Mostra Inicial do Museu do Café, lançaram luz a toda essa complexidade: a tentativa dos museus em se aproximar da comunidade ao seu entorno, dificultada por lutas de poderes entre grupos sociais e memórias coletivas dominantes, assim como a intensa procura por lugares de

memórias, devido à aceleração do tempo presente; a História oral ainda dando seus primeiros passos no Brasil, sem métodos especificados, o que gerou entrevistas produzidas de forma “espontânea”, misturadas à teorias militantes e/ou elitistas; e a tomada de consciência dos norte paranaenses acerca do declínio do Eldorado cafeeiro e do cotidiano da lavoura do café, o que dialoga tanto com os herdeiros do legado dos “pioneiros”, quanto com pessoas simples, ligadas a vida rural.

Sob este contexto, podemos identificar diferentes percepções de museu, as quais justificam a complexidade de um período em processo de mudanças. Assim, os três depoentes enxergam os objetos da exposição do Museu do Café de formas distintas. Enquanto Gerson Guariente usa do sentimento nostálgico, o qual transforma a exposição em um túnel do tempo que aparenta dar a ilusão de acesso ao passado propriamente dito, Sebastião Bernardi Pereira (re)imagina o passado por meio da cultura material exposta e consegue entender e interpretar os artefatos como resultado e vetores de relações sociais. Pereira também percebe o Museu como lugar do cotidiano da zona rural e do homem comum. Já Dilma de Oliveira Silva, não faz referência aos objetos, mas entende, por meio da exposição, que suas lembranças deveriam se pautar nos primórdios da (re)ocupação da cidade de Londrina e na figura do pioneiro. O diálogo com mitos fundadores aparece, em especial, na entrevista de Silva, a qual busca relatar a trajetória positiva de seu pai, como pioneiro e detentor de atividades “históricas”. Também é possível ver essa relação com discursos míticos, no relato de Gerson Guariente, acerca do progresso do homem sobre a natureza do norte do Paraná, o qual enxerga isto como necessário para que o presente – a década de 1970 – fosse daquela forma, sendo a abordagem do cotidiano do trabalho nas lavouras de café também resultado do desmatamento e da falta de técnicas apropriadas para preservar e lidar com o solo. Entretanto, o discurso de Guariente não é unilateral e, conseqüentemente, não dialoga com percepções únicas; a nostalgia da sua infância e trabalho na roça do café conversam com o cotidiano comum de crianças que ajudavam nas atividades da lavoura.

Em outras palavras, a percepção de museu dos depoentes oscila entre: lugar onde se encontra a verdade do passado – Gerson Guariente; espaço que permite a (re)imaginação do real, por meio de fontes materiais e de sua análise – Sebastião Pereira; lugar de enquadramento dos mitos fundadores – Guariente e Dilma de Oliveira Silva; que aceita apenas objetos antigos e fatos “históricos” – Silva; local da

história do cotidiano e de homens comuns – Guariente e Pereira. Todas essas percepções dialogam com os reflexos da experiência do passado de cada depoente em suas situações no momento em que narram e o próprio contexto da cidade de Londrina. Enquanto Guariente e Pereira tiveram experiências na lavoura de café, moraram ou conheceram ranchos de palmito, Silva viveu na área urbana, com personagens centrais que tiveram alguma notoriedade na cidade de Londrina. Gerson Guariente foi “pioneiro” de Rolândia e vivenciou a necessidade do desmatamento para aquele período, posteriormente conseguiu certo destaque no Banco Noroeste – que fazia financiamentos para o desenvolvimento da cafeicultura no norte do Paraná – portanto, é compreensível sua visão sobre os resultados do desmatamento do norte do Paraná.

A forma como as entrevistadas selecionaram os depoentes, conduziram as entrevistas e as perguntas selecionadas influenciaram o discurso, as seleções de memória e as percepções de museu dos depoentes; ao mesmo tempo indicam suas próprias percepções de museu. Por serem funcionárias do Museu Geográfico e Histórico de Londrina e idealizadoras da mostra e do Museu do Café do Paraná, suas percepções podem ser interpretadas de várias maneiras.

Assim, como vimos no primeiro capítulo, Geraldo priorizou em sua primeira gestão a história dos “pioneiros” e tentou abordá-la pela temática do homem comum. Portanto, ao mesmo tempo que dialoga com as reformulações historiográficas, acerca da abordagem do cotidiano e do comum, e com as mudanças museológicas, sobre a democratização cultural dos museus e sua aproximação de contextos locais e regionais, Conceição Geraldo também dialoga com uma das partes do mito fundador do norte do Paraná, o início da epopeia dos “pioneiros” que se destacaram, marcado pela superação dos “tempos difíceis”. A mesma memória foi enquadrada na exposição do Museu do Café do Paraná por ela e Scalassara, mas a mensagem que desejaram mediar foi interpretada de várias maneiras, conforme o conceito de apropriação (CHARTIER, 1991) e como vimos nos relatos dos depoentes.

Na entrevista conduzida por Geraldo seu interesse pelo homem comum, sob a restrição de ter conseguido algum destaque como “pioneiro”, aparece na própria seleção do depoente: Gerson Guariente dialogou com a memória do “pioneiro” comum, que chegou ao norte do Paraná e enfrentou suas adversidades, para então alcançar algum destaque no Banco Noroeste. Entretanto, na mesma entrevista é possível ver uma análise mais crítica da ex-diretora acerca do processo de

desmatamento, chamado por ela de “extermínio” da natureza. Assim, ao mesmo tempo em que conversa com mitos fundadores, Conceição Geraldo também critica parte deles. Há em sua percepção de museu uma negociação entre os discursos míticos e as novas demandas da história e da museologia.

A percepção de museu de Marina Scalassara ficou mais evidente no que diz respeito ao papel dado por ela aos depoimentos. As entrevistas se constituíram aparentemente em instrumentos de investigação da documentação do Museu, mostrando uma percepção que enxerga as instituições museológica para além de suas exposições, mas como espaço de produção de conhecimento, mesmo que reduza a função dos depoimentos orais, o que é aceitável visto a época em que foram produzidos. Mas, assim como Geraldo, de forma um pouco mais visível, Scalassara enxerga o Museu como espaço do enquadramento da memória dos “pioneiros” que fizeram algo importante e “histórico”, característica que mostrou uma reciprocidade entre ela e a entrevistada Dilma Silva. Portanto, podemos dizer que não encontramos percepções homogêneas, nem diálogos unilaterais. O que tiramos de mais importante destas entrevistas é a coexistência de percepções de museu em uma mesma entrevista ou em depoimentos diferentes.

3 FIGURAS “ILUSTRES” E “TEMPOS DIFÍCEIS”: OS DEPOIMENTOS DA “EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO CINQUENTENÁRIO DA CHEGADA DA 1ª CARAVANA AO LOCAL ONDE SURTIU LONDRINA”

3.1 MEMÓRIAS SELECIONADAS: OS PRIMÓRDIOS DA COLONIZAÇÃO DE LONDRINA EM UMA EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA

Como abordamos no início do capítulo anterior, Conceição Geraldo, na entrevista concedida ao MHL em 2016, colocou como um dos marcos de sua primeira gestão, além do rancho de palmito da Mostra Inicial do Museu do Café, o recebimento do primeiro livro de registro do Hotel Campestre, primeiro hotel de Londrina, o qual foi doado pela primeira gerente, Frida Spenner Rohde. Na entrevista, Geraldo conta com bastante empolgação e ênfase a importância da doação deste documento.

CG: Eu não sei como que nós descobrimos que viria para Londrina a senhora que foi a primeira gerente do primeiro hotel da Companhia de Terras Norte do Paraná, que teve sua sede primária, primeira, onde está mais ou menos a Viação Garcia. E que ali, nas proximidades, a segunda construção foi o Hotel Campestre da Companhia, pra poder abrigar funcionários da diretoria e, também, os futuros compradores de terras de Londrina [...]. E que foi inaugurado em janeiro de 1930, porque o primeiro grupo de empregados da Companhia, os diretores, engenheiros, etc., que chegou aqui na nossa cidade para dar início a colonização. Zuleika, faço questão que você fale a data, porque a data é o dia do pioneiro, que a gente criou. MS: 21 de agosto de 1929. (GERALDO; SCALASSARA, 2016)

Percebe-se um fascínio com os primórdios da cidade, com a criação do primeiro hotel e a ênfase em datas que atestam pioneirismo aos primeiros funcionários da CTNP, aos primeiros compradores de terras e à primeira caravana enviada pela Companhia para fazer o reconhecimento do território e “dar início a colonização”. No momento do depoimento, Geraldo não era mais diretora do Museu Histórico de Londrina, mas, ao ser incentivada a falar sobre sua experiência naquela instituição, as representações do passado aparecem por meio de um discurso épico, que inclui o que de mais positivo foi feito em sua primeira gestão, como a criação do “dia do pioneiro” em comemoração à chegada da primeira caravana da CTNP, em 21 de agosto de 1929, data instituída oficialmente pela Lei Municipal nº 3.573/83, e a própria doação do livro de registros considerada por ela uma das doações mais

importantes recebida pelo Museu. Assim, segundo Portelli (1997), os narradores julgam o passado pela forma atual de sua consciência, gerando discursos, por exemplo, que enxergam o passado de forma irônica, pois pensam de forma diferente no presente, ou narrativas épicas, como é o caso de Conceição Geraldo, nas quais os depoentes são absorvidos pela totalidade do evento histórico que participaram.

Esse destaque dado ao “dia do pioneiro” é refletido na idealização da “Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Chegada da 1ª Caravana ao Local Onde Surgiu Londrina”, ocorrida entre os dias 21 de agosto a nove de setembro de 1979, realizada, de acordo com o relatório de 1979, na Sala Celso Garcia Cid, *hall* de entrada do Cine Teatro Universitário Ouro Verde:

[...] coroada do mais pleno êxito, atestado pelo comparecimento de milhares de visitantes, não só de Londrina como de outras cidades com as mais elogiosas manifestações sobre a mostra; chegou mesmo a alcançar repercussão nacional. A exposição proporcionou sensível aumento de visitantes e doações ao Museu, bem como de consultas e pesquisas. (RELATÓRIO, 1979)

A exposição foi idealizada ainda na primeira gestão de Geraldo, entretanto, sua abertura aconteceu na direção de Olympio Luiz Westphalen, sucessor de Conceição Geraldo. Portanto, os resultados encontrados no trecho do relatório acima, foram escritos na gestão de Westphalen. De acordo com Leme (2013), Geraldo saiu da direção do Museu Histórico de Londrina em março de 1979 e a exposição ocorre entre os meses de agosto e setembro do mesmo ano. Como é possível observar no relatório, essa exposição foi considerada um marco para o MHL por causa de sua ampla divulgação aos londrinenses, gerando mais visitantes, doações, consultas e pesquisas.

Sobre a idealização da exposição, já ficou claro seu diálogo com os mitos fundadores da cidade, acerca dos feitos positivos da CTNP na colonização de Londrina. A exposição chega para coroar e homenagear os 50 anos da chegada dos “primeiros colonizadores” e, conseqüentemente, “pioneiros”. Isso fica mais claro em um ofício expedido por Geraldo, em 17 de março de 1978, ao gerente geral da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) – nome dado à CTNP após sua nacionalização e a incorporação da Companhia Melhoramentos, na década de 1950 – Aristides de Souza Mello. O assunto do ofício era o auxílio da CMNP para que o Museu pudesse ter a documentação e objetos necessários para a constituição da exposição:

O Museu do Café do Paraná, em cumprimento às suas finalidades de recolher, classificar e expor os elementos sociais, artísticos e técnicos mais representativos da História do Paraná, resultante da economia cafeeira, se encontra, atualmente, elaborando um programa de atividades visando a comemoração do 50º aniversário do início da colonização das férteis terras roxas desta região pela Companhia de Terras Norte do Paraná, mais precisamente, da chegada do primeiro grupo de funcionários da referida Companhia, àquele local da floresta densa, no dia 21 de agosto de 1929, quando o saudoso engenheiro, Dr. Alexandre Rasgulaeff fincou o primeiro marco de madeira dizendo, “chegamos”, conforme depoimento do pioneiro Senhor Georg Craig Smith, em Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná. Embora o acervo do Museu se constitua de mais de 4.600 peças, verificamos não haver nenhuma relacionada aos ilustres cidadãos que criaram a grande empresa colonizadora e poucas de funcionários que deram início a esta nova civilização, modelo de organização, tenacidade e pujança. Necessitamos reconstruir a História da Companhia de Terras e do Patrimônio Três Bocas, tomamos a liberdade de recorrer aos préstimos de V. Excia., que tanto nos tem apoiado [...]. (OF.M 31/78).

O pedido de Conceição Geraldo é carregado de discursos míticos: ela coloca a história da Companhia e do início da (re)ocupação como um dos elementos mais representativos da história do Paraná; reforça o papel do eldorado cafeeiro; e enaltece as dificuldades encontradas pelos primeiros colonizadores. Ela também acredita na reconstituição da história de Londrina por meio dos documentos e peças relacionados à CTNP e seus funcionários “ilustres”. Esse discurso se aproxima do que significou o Museu de Versalhes para a França, no século XIX. A aproximação diz respeito a uma tipologia de museu, os Museus Românticos, de acordo com Poulot (2013). O Museu de Versalhes, visava apresentar à França todas as lembranças de sua história que fossem gloriosas à nação, com base na magnificência do rei Luís XIV, para celebrar a grandeza do país e da Coroa (POULOT, 2013). Assim, um museu romântico busca ilustrar as diferenças dos tempos por meio de uma “magnífica encadernação” da História e legar ao futuro os gloriosos anais da humanidade (POULOT, 2013). Claro que o Museu Histórico de Londrina exerceu suas intenções em um contexto regional e com um acervo de valor monetário muito menor que o Museu de Versalhes, entretanto, segundo a percepção de museu de Geraldo, que aparece no trecho do ofício, existe a tentativa de constituir os anais de um glorioso tempo, o início da colonização, e enaltecer personagens “ilustres” devido aos seus feitos e não às suas aquisições materiais. Mais uma vez, não se trata da exaltação de objetos magníficos de uma elite, mas sim de um culto dos primórdios da cidade, dos “tempos difíceis”.

Naquele momento, Conceição Geraldo precisava da ajuda da CMNP para montar a exposição do Cinquentenário, portanto, parece ter utilizado de uma estratégia, instrumentalizada por meio de elogios, para alcançar seus objetivos. Isso dialoga com o que Geraldo acreditava ao falar das intenções em produzir depoimentos e angariar peças para o Museu, na entrevista que cedeu em 1989:

CG: [...] convencê-la [a pessoa entrevistada] de que tudo que ela doar, ela estará preservando a sua própria história de vida, que poderá ser utilizada pelas gerações futuras, inclusive, pelos seus próprios descendentes. E com isso nós vamos estar despertando, nessas pessoas, muito da sua vaidade. E quando nós conseguimos mexer na vaidade da pessoa... trazer à tona essa vaidade, nós conseguimos tudo aquilo que nós desejamos da pessoa, pra que possamos realmente perpetuar a nossa memória histórica, a história da colonização do norte do Paraná. (GERALDO, 1989)

Portanto, acreditamos que os elogios feitos à CTNP e aos “primeiros” colonizadores, no ofício nº31/78, siga esse mesmo raciocínio da produção de depoimentos orais pelo Museu. A intenção aparenta ser despertar a vaidade da CMNP na comemoração dos 50 anos da CTNP em Londrina. A valorização de seu legado poderia resultar no auxílio com o empréstimo ou doações de peças importantes para a exposição e para uma das maiores intenções de Geraldo: alimentar a história da (re)ocupação do norte do Paraná. Essa característica nos faz enxergá-la como alguém consciente das lutas de poderes que geram a manutenção e o enquadramento de memórias em lugares de memórias. Além disso, ao citar no ofício o livro produzido pela CMNP, em 1975, “Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná”, a ex-diretora dá indícios de que conhecia a seleção de memórias disseminada pela Companhia, a qual se encaixa no “discurso de felicidade” sobre a história de Londrina (LEME, 2013; ADUM; 2013). Assim, o livro foi constituído para comemorar o cinquentenário da atuação da CTNP e seu discurso, como pode ser visto no seguinte trecho, dialoga com os argumentos utilizados por Conceição Geraldo no ofício nº31/78.

A publicação também constrói uma verdadeira apologia da atuação da CTNP/CMNP enquanto propulsora e gestora do processo que proporcionou à cidade de Londrina e demais cidades da região, estarem no estágio de desenvolvimento a que se encontravam. É claro que por ser uma obra produzida pela CMNP, herdeira da CTNP, os conflitos de terras, tanto com indígenas e caboclos, que habitavam as terras antes da chegada da Companhia, foram

omitidos. Ao mesmo tempo este livro se transformou em importante documento [...]. (LEME, 2013, p.88)

No que diz respeito à exposição, ela remete à memória da chegada dos “primeiros” colonizadores, em 1929, e aos seus feitos durante a década de 1930. O interesse por este período também é perceptível no empenho do Museu, meses antes da abertura da exposição, em adquirir o acervo fotográfico de José Juliani, fotógrafo publicitário, o qual, em 1934, “[...] foi contratado pela Companhia para registrar o desenvolvimento regional, fomentando o caráter propagandístico e (re)construindo antigas representações da natureza” (ANDRÉ, 2005, p.80). De acordo com Paulo César Boni (2013b), no momento em que Juliani começa o registro fotográfico da cidade,

Londrina já era um efervescente núcleo urbano. No final de 1934 emancipou-se como município e ganhou autonomia administrativa. Em decorrência dessa conquista política e econômica, várias obras de infraestrutura [...] foram contratadas e isso, evidentemente, contribuiria de maneira ainda mais decisiva para o sucesso do empreendimento da CTNP. Em outras palavras, seria prudente documentar toda essa efervescência urbana, econômica e administrativa: inauguração de casas residenciais imponentes, de casas comerciais importantes, de agências bancárias, de hotéis, de serviços coletivos, da organização de segmentos da sociedade, de visitas de políticos e autoridades do estado e do país, enfim tudo o que pudesse ser imgeticamente utilizado para a construção do imaginário coletivo de região próspera. (BONI, 2013b, p.133)

Portanto, parte das fotografias de José Juliani representam o desenvolvimento urbano de Londrina, a construção da imagem do progresso do homem sobre a natureza, algo muito positivo para a CTNP, principalmente para as propagandas de venda de terras. As fotografias de Juliani tornavam Londrina atraente aos olhos de potenciais compradores. Assim, a busca deste acervo pelo Museu mostra o quão longe esse imaginário coletivo de região próspera chegou, sendo as fotografias de Juliani fundamentais para mostrar as ações positivas da CTNP e dos “primeiros” colonizadores; e, sendo Juliani também um pioneiro, seu enaltecimento foi garantido na exposição do Cinquentenário, como pode ser visto na figura 4. O fotógrafo foi homenageado postumamente – pois morreu em 1976 – em uma das paredes do Salão Celso Garcia Cid, na qual se encontrava seu retrato, a vista panorâmica da região central de Londrina – que mostra uma cidade em desenvolvimento urbano – produzida por ele em 1934, além de outras imagens e da

sua câmera fotográfica dentro da vitrine. Quem observa a fotografia é Luiz Juliani, filho de José Juliani. Uma das possíveis intenções de registrar e preservar a fotografia deste momento, pode estar relacionada à tentativa de mostrar o Museu como espaço que preserva a memória dos “pioneiros” que se destacaram para a posteridade e para a família destes “primeiros” habitantes, mostrando um legado a ser herdado. Além disso, essa parte da exposição dialoga com as características do museu-memória, pois existem fotografias e um objeto do período que desejaram retratar e da pessoa que almejavam enaltecer. O saudosismo também aparece devido à exaltação do legado fotográfico de Juliani, não só neste espaço da exposição, mas também em outros, que utilizam sua fotografia para mediar a mensagem que o Museu pretendia construir naquele momento.

Figura 4 – Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Chegada da 1ª Caravana ao local onde surgiu Londrina. Entre 21 de agosto e 9 de setembro de 1979.



Fotógrafo desconhecido. Acervo do MHL.

A exposição também evidenciou, de acordo com Leme (2013), a participação de George Craig Smith, considerado pioneiro da cidade de Londrina, funcionário da CTNP, que chefiou a caravana que deu início à (re)ocupação da região. Smith era brasileiro, filho de ingleses e tinha 20 anos quando conduziu a “caravana dos desbravadores” junto aos outros funcionários, engenheiros, agrimensores e

trabalhadores braçais (BONI, 2013b, p.128). A relação de Smith com o Museu Histórico de Londrina foi um laço construído um pouco antes desta exposição e envolve outras pessoas consideradas pioneiras da cidade e um sentimento nostálgico para com aquele lugar de memória. Em uma entrevista produzida pelo Museu Histórico de Londrina, sobre o memorial daquela instituição, Marina Scalassara relembra a presença destes senhores no Museu, a partir da primeira gestão de Conceição Geraldo:

MS: Teve uma época que a gente estava ainda no porão. Aí tinha o senhor Kinutson [Gunnar Fritioff Knutson], que tinha trabalhado na Companhia de Terras [...], o seo George Smith ... Porque depois que o seo George Smith chegou em Londrina... Voltou pra Londrina [na década de 1970], aí foi um fervor! Porque ele levava todo mundo pro Museu, sabe? Então todo dia a gente tinha visita [...]. Então, aí tinha o seo Mário Kikuchi [colecionador de moedas e selos] e o seo Ohara [Haruo Ohara, fotógrafo]. Então eles combinaram assim: toda tarde eles iam no Museu. Aí eles iam contar, eles iam fotografar, eles iam... O senhor Ohara mesmo, fez muita... muitas fotos lá do Museu, de eventos que a gente fez [...]. Era a casa da comadre [risos]. Aí eles iam pra lá, de tarde, pra conversar [...], tomar café. Aí levavam pão... Combinavam: um levava o pão, outro levava isso, outro levava aquilo... Aí no fim a gente tomava café da tarde, lá no Museu, com eles. (SCALASSARA, 2015)

Scalassara conta, em detalhes, a relação afetiva destes senhores com o Museu Histórico da cidade. De acordo com Angelita Visalli (2010), por ser uma cidade nova, Londrina mobilizou, e ainda mobiliza, seus habitantes ao abordar a sua memória, “[...] pois qualquer referência ao passado lida com lembranças, saudades, sentimentos muito vivos de quem ‘viu’ e ‘conheceu’, e os muitos agregados à cidade vão somando um coro de defensores do seu patrimônio” (VISALLI, 2010, p.8). Ao mesmo tempo, devido à rápida modernização da cidade e à crise do Eldorado cafeeiro (ARIAS NETO, 2008), os habitantes corriam o risco de perder o vínculo com as memórias deste passado recente. Essa aceleração do tempo presente, como vimos em Nora (1993), gerou a ânsia por suportes externos da memória. Em diálogo com esta perspectiva, Françoise Choay (2006) diz que o patrimônio, neste contexto de crises, se torna um espelho narcisista, que serve para reafirmar e cultivar identidades que estão ameaçadas pela aceleração do tempo. As pessoas passam a acumular fragmentos de passados longínquos e recentes, que legitimem a identidade que se quer manter. De outro modo, a rapidez do transporte e da

telecomunicação nos faz perder o vínculo com o espaço e o tempo orgânicos e isso muda nossa forma de raciocinar e desestabiliza nossa identidade.

Ao estreitar laços com Museu Histórico os pioneiros tiveram a chance de relembrar um passado a caminho de se perder, não fossem os lugares de memória. Portanto, mais que uma relação de poder entre o que vai ser lembrado e esquecido em memórias “coletivas”, existe um sentido afetivo, gerado pela falta de estabilidade daquele presente. Para ser mais claro, utilizaremos uma crônica de Karnal (2016), a qual aborda, de forma muito didática, porque é importante levar em conta o contexto dessas lembranças. Uma jovem de 15 anos faz seu baile de debutante e, no dia seguinte, narra os detalhes a alguém. Aos 25, ela observa as fotos e acha as vestimentas ultrapassadas. Por fim, a mesma pessoa, aos 70 anos de idade, observa as fotos e ressalta o quanto era bonita (KARNAL, 2016). O que importa neste raciocínio não é qual memória é verdadeira, mas sim os porquês que levaram a pessoa a relembrar a festa de formas diferentes, em contextos distintos.

Os laços construídos entre o Museu e os pioneiros, em especial, com George Craig Smith, somam importantes pontos ao contexto da produção da exposição e da busca por constituir depoimentos naquele espaço e momento. O “chá dos pioneiros” no Museu, as conversas e as lembranças que saíram dali, muitas delas, provavelmente, relacionadas ao início da colonização e a aventura da caravana, foram enquadradas na exposição e gerou uma aproximação do Museu e da cidade. As lembranças de Conceição Geraldo vão ao encontro do que disse Scalassara e esclarecem mais ainda a relação do Museu e os “pioneiros”.

CG: Quando eu comecei, no primeiro ano eu dava aula também, né, Zuleika? [...]. A gente tinha tanta coisa pra fazer, tanta coisa pra fazer, que não conseguíamos fazer nada de tanta visita. Porque os visitantes e ela [Zuleika] conhecidíssima na cidade. Então a gente ficava o dia inteiro recebendo visita de idosos, de menos idosos, de pioneiros, de... E chegavam [...], sentavam... e só nós duas e a dona Jovina [zeladora], que já tava com a gente. (GERALDO, 2016)

As visitas dos “pioneiros” parece ter ajudado na divulgação do Museu para a comunidade, pois o fluxo de visitantes e o apoio àquela instituição aumentaram, algo que Geraldo buscou desde que iniciou sua direção. Portanto, podemos enxergar o Museu por inteiro como um produto e vetor de relações sociais. Estas relações parecem ter influenciado, por exemplo, a constituição de depoimentos orais durante a exposição do cinquentenário da caravana, centrada na seleção de depoentes

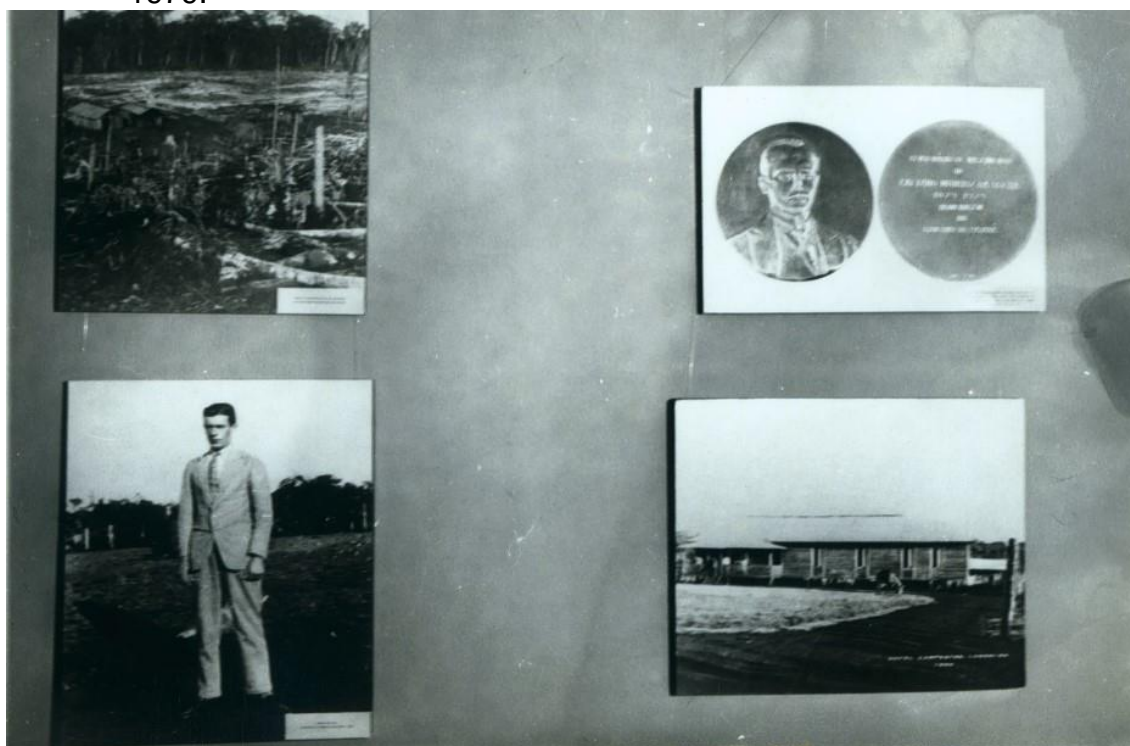
“pioneiros” indicados, em sua maioria, por George Craig Smith, como vamos abordar mais adiante.

Após a saída de Geraldo, em março de 1979, Westphalen assume o Museu e dá continuidade aos planos da antiga diretora, organizando de fato a exposição do Cinquentenário. Logo, Olympio Westphalen foi diretor do MHL entre os anos de 1979 a 1994 e professor de História da América da FEFCLL e, posteriormente, da Universidade Estadual de Londrina. Também ajudou na constituição de depoimentos do Arquivo Histórico da mesma Universidade, portanto, quando assumiu a direção do MHL, já possuía experiência na produção de entrevistas, fator que justifica a iniciativa de coletar depoimentos durante a mostra do Cinquentenário. Sua visão de passado é muito próxima do que Geraldo descreveu no ofício 31/78, acerca da epopeia da CTNP e dos pioneiros, pelo menos no que podemos observar na carta de agradecimento, escrita por Westphalen, em nome do Museu Histórico de Londrina, a George Smith, após o encerramento da exposição, em 20 de setembro de 1979.

Encerrada a Mostra Comemorativa do Cinquentenário da Caravana chegada ao local onde surgiu Londrina, caravana esta que constitui o marco inicial da épica marcha colonizadora de toda esta fabulosa região, conhecida como Norte Novo do Paraná, o Museu Histórico Pe. Carlos Weiss [...] vem à presença de V.Sa., mais uma vez, prestar a sua homenagem pela sua relevante participação na pioneiríssima expedição do extraordinário *development* desta dadivosa região. [...] Na oportunidade [...] fica expressa toda a nossa gratidão pela sua preciosa e indispensável colaboração, fator primordial do grande sucesso, obtido, prestada à Mostra em todos os seus momentos. (OF.M 330/79)

A valorização da “trajetória épica” da “marcha colonizadora” aparece mais uma vez, mostrando o interesse de ambos os diretores em relacionar o Museu com os primórdios da colonização. O agradecimento à atuação de Smith deixa claro sua grande proximidade ao Museu Histórico de Londrina, a qual ultrapassou visitas e “chás”, tornando-o um importante colaborador daquela instituição. Na exposição, sua atuação é exaltada por meio de suas fotografias, registradas desde de agosto de 1929, como pode ser visto na figura 5.

Figura 5 – Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Chegada da 1ª Caravana ao local onde surgiu Londrina. Entre 21 de agosto e 9 de setembro de 1979.



Fotógrafo desconhecido. Acervo do MHL.

Na primeira imagem, lado superior esquerdo, é possível ver uma das primeiras alterações do espaço onde seria Londrina, feita pelos membros da primeira caravana, registrada por George Craig Smith em agosto de 1929. No canto inferior esquerdo, existe um retrato de Smith na região de Londrina, mostrando a busca da exposição em enaltecer o discurso do pioneiro. Também existe a foto do Hotel Campeste no canto inferior direito. Essas três imagens, unidas à quarta, uma fotografia de Smith em estilo “negativo”, podem mediar a mensagem do progresso dos integrantes daquela caravana sobre a natureza, iniciativa que gerou o “*development* desta dadivosa região”, segundo Westphalen. A presença destas fotografias no Museu e naquela exposição temporária, revelam a intenção de imortalização da figura de Smith, antes mesmo de sua morte. Diferente de Miguel Calmon, imortalizado por sua esposa no MHN, com uma homenagem póstuma, George Smith, ao se aproximar do MHL, imortaliza a si mesmo por meio de tributo em vida, com a ajuda de um contexto de memórias desestabilizadas.

Portanto, Smith usa e é usado de exemplo para constituir um “discurso de felicidade” dentro do Museu. Não podemos esquecer que o aval e, também, a vontade de memória de Geraldo e Westphalen ajudaram diretamente nas seleções

do acervo e da mensagem da exposição. Soma-se a isso a constituição de outros lugares de memórias, que, desde a comemoração do Jubileu de Prata londrinense, já enquadravam e disseminavam estes mitos fundadores.

Entretanto, como vimos na análise das entrevistas da mostra inicial do Museu do Café do Paraná, a percepção de museu dos depoentes, suas apropriações, podem ir além da mensagem que o Museu buscou transmitir. Aquela exposição, mesmo que dialogasse com mitos fundadores, ao representar o cotidiano simples da lavoura cafeeira possibilitou abordagens mais plurais, devido, também, às experiências dos depoentes. Resta saber se o mesmo aconteceu no contexto da exposição do cinquentenário da chegada da primeira caravana a Londrina.

3.2 AS INFLUÊNCIAS E OS LIMITES DE MITOS FUNDADORES: AS ENTREVISTAS DA EXPOSIÇÃO DO CINQUENTENÁRIO DA CARAVANA

Do contexto da exposição do Cinquentenário²⁹ foram escolhidas duas entrevistas. A entrevistada Constância Vieira Gonçalves Sancevero nasceu em

²⁹ Aparentemente, segundo o que identificamos na base de dados do MHL, foram produzidas 15 entrevistas na exposição do Cinquentenário da Caravana, das quais seis estão com problemas de áudio que impossibilitam o entendimento integral. Optamos, assim, em trabalhar a partir daquelas que têm todos seus conteúdos compreensíveis. Logo, de nove entrevistas selecionamos duas que trouxeram percepções de museu representativas às demais. A seguir a categorização e características gerais das entrevistas que não selecionamos. 1) Gregório Wladeck, natural de Mallet-PR e considerado pioneiro da cidade de Londrina. Chegou em 1932 e foi entrevistado por George Craig Smith e Cezar Augusto Carneiro Benevides. Na década de 1930, trabalhou como carpinteiro e depois tornou-se dono de um escritório de representações de seguros. Na sua entrevista são abordadas questões relacionadas aos “tempos difíceis”, transformações urbanas e às demolições de prédios que ocorriam na década de 1970. 2) Joaquim Panizza, oriundo de Ribeirão Preto-SP, também é considerado pioneiro da cidade de Londrina, pois chegou em 1935. Assim como Wladeck, foi entrevistado por Smith e Benevides. Quando chegou a cidade trabalhou como pedreiro, mas sua profissão à época da entrevista não foi identificada. Seu depoimento se pauta na valorização dos “tempos difíceis”, de outros “pioneiros” e da atuação da CTNP. 3) Waldemar Gewehr veio do Rio Grande do Sul e chegou a Londrina em 1940, mas é considerado, pelos entrevistadores (Smith e Benevides), pioneiro da cidade. Quando chegou trabalhou na empresa Fuganti, uma “casa de secos-e-molhados, ferragens e ferramentas, armas e munições” (BONI, 2013, p.59), depois se tornou proprietário do Bar do Norte, Bar Marabá e Adega Riograndense. Seu relato valoriza mais Londrina nos “primeiros tempos” do que na década de 1970, portanto, ele faz algumas críticas veladas aos resultados negativos do “progresso” enquanto Smith os justifica. Gewehr também critica, estimulado por perguntas de Benevides, o crescimento urbano e a demolição de prédios considerados antigos. 4) Teodoro Telezin, um imigrante russo, chegou a Londrina em 1929 e é considerado pioneiro. Trabalhou na construção da estrada de ferro Londrina-Jataí e seu relato é centrado neste trabalho – não há informações sobre sua ocupação no momento da entrevista – e em memórias sobre o cotidiano e os moradores da cidade nos “primeiros tempos” e na atuação da CTNP. Ele foi entrevistado por Smith e Marina Zuleika Scalassara. 5) Entrevista de Manoel Gonçalves (entrevistado principal) com a participação de Osvaldo Gandorfi e Elias Abraão. Todos são considerados pioneiros. Não há muitas informações sobre os entrevistados secundários. Gonçalves nasceu em São Carlos-SP e veio para Londrina em

Paraguaçu Paulista-SP, chegou a Londrina em 1932, é considerada pioneira da cidade, costureira e, na década de 1930, ajudava a mãe no preparo de embutidos, pois o pai tinha um açougue na cidade. Sancevero foi entrevistada por Cezar Augusto Carneiro Benevides, à época aluno do curso de ciências sociais do Centro de Estudos Superiores de Londrina (CESULON) e colaborador no Museu Histórico de Londrina. A segunda entrevista é de George Craig Smith e João Olivir Gabardo, o segundo nasceu em União da Vitória-PR, era deputado federal do Paraná, professor de história e geografia e também lecionou e foi diretor da FEFCLL. George Craig Smith e João Olivir Gabardo se entrevistam mutuamente, portanto, não há como identificar um entrevistador e um entrevistado.

3.2.1 “Tempos difíceis” são nostálgicos?

A entrevista de Constância Vieira Gonçalves Sancevero é iniciada com introdução, na qual Cezar Augusto Carneiro Benevides explica à entrevistada os objetivos do depoimento, sobre quais assuntos ela deve falar e o método de condução de entrevistas utilizado por ele:

CB: Então o Museu Histórico do Padre Carlos Weiss tem a honra de trazer a senhora Constância, para fazer um pequeno depoimento sobre a sua vinda para Londrina. Prestando-nos dessa forma, um importante esclarecimento, de caráter histórico social, para que no futuro nós possamos escrever os anais da vida dessa região tão magnífica. Então dona Constância, a senhora se sinta a vontade, porque isso aqui é uma conversa informal né?! Mas que sem dúvida marcará a sua presença aqui no nosso museu e nós ficaremos eternamente gratos por essa oportunidade que a senhora está nos dando. Então a senhora trace assim um perfil desde quando a senhora chegou e tal, o que a senhora fez, como a senhora encontrou, o que a senhora pudesse lembrar, a senhora vai dizendo, tá, se precisar eu faço alguma pergunta pra incentivar. (SANCEVERO, 1979)

1933. Na década de 1930 ele era pedreiro, depois comprou um bar chamado Bar Avenida. Eles descrevem e são motivados a falar sobre os primeiros moradores, a estrutura da cidade, doenças, religião e lazer e transporte. Foram entrevistados por Cezar Augusto Carneiro Benevides. 6) Primo Fiori, imigrante italiano, chegou a Londrina em 1933 e é considerado pioneiro da cidade. Trabalhou na construção da estrada de ferro Londrina-Jataí e depois, respectivamente, tornou-se mecânico e dono de oficina, dono de uma agência de automóveis, posto de gasolina e serraria. Foi entrevistado por Olympio Westphalen e instigado a falar sobre sua vida nos “primeiros tempos”, o que inclui uma descrição sobre como era a cidade, a vida religiosa, habitações, transportes, assistência médica, etc. 7) Adolfo Oldemburgo, imigrante lituano, chegou a Londrina em 1929, considerado pioneiro da cidade. Era agricultor e em seu depoimento fala sobre características gerais de Londrina da década de 1930: plantações, estrutura urbana, assistência médica, atuação da CTNP, etc. Foi entrevistado por Benevides.

Neste trecho de apresentação, Benevides compartilha de uma percepção de museu voltada para o futuro e para a constituição dos anais de uma história “magnífica”. A primeira característica nos lembra o que os museus buscaram após a Revolução Francesa, que se pautava em educar a população para o futuro, uma função pedagógica de fazer com que as pessoas percebessem que o passado legitimava a construção de uma nacionalidade na França. A ideia era mostrar que, por meio da ciência e de personagens exemplares, eles caminhavam para o progresso. Era o passado que ajudava a entender isso; não era mais tão elitista, quanto no antigo regime, mas cultuava heróis e mostrava exemplos a serem seguidos (POULOT, 2009). No caso do MHL, a percepção de Benevides visa mostrar a importância dos “pioneiros” para o presente e a relevância de guardar isso para o futuro, para que possamos aprender com esses homens “comuns” a moral do trabalho, o quanto o esforço e as dificuldades que eles passaram ajudaram Londrina a crescer, portanto, também tem uma função pedagógica. A questão de “escrever os anais dessa região tão magnífica”, dialoga com a mesma percepção de museu romântico que apareceu na carta de Conceição Geraldo ao Gerente da CMNP (OF.M 31/78) e na carta de agradecimento de Olympio Westphalen a George Craig Smith (OF.M 330/79).

Ao pedir para que Sancevero trace um perfil de sua vida quando chegou a Londrina, percebe-se novamente o interesse nos primórdios da cidade e a intenção da seleção da entrevistada, que provavelmente foi escolhida por ser considerada pioneira, o que conversa diretamente com os objetivos da exposição. Além disso, Benevides usa de uma metodologia aberta de coleta de depoimentos, a qual não se restringe apenas a um roteiro condutor e nem a perguntas específicas, o que dialoga com uma das sugestões da História oral atual, no que diz respeito a usar perguntas abertas, que levem o entrevistado a discorrer sobre o(s) tema(s) da entrevista (ALBERTI, 2008).

Sancevero discorre, então, sobre a sua vida quando chegou a Londrina, em 1932, o trabalho do pai, as atividades da mãe, descrições de como era a cidade, das casas, dos transportes e das dificuldades de viver em um lugar com pouca estrutura. Percebe-se que tudo isso é apropriado de acordo com a relação estabelecida entre as experiências da entrevistada e as fotografias da exposição, como aparece no trecho a seguir:

CS: Tudo que eu olhei aqui, o matadouro antigo, essas coisas aqui, tudo é do meu tempo.

CB: A senhora reconheceu tudo com muita precisão?

CVG: Reconheci tudo. O doutor Willie Davids que foi o primeiro prefeito daqui.

CB: Primeiro prefeito eleito daqui.

CS: Ele morava aqui nessa esquina aqui da Fugante, ele tinha uma casa grande de madeira.

CB: De madeira, exato.

CS: É ele morou ai. E vários senhores ai, que alguns eu não me lembro os nomes da companhia de terra, todos conhecido. David Dequech foi o primeira loja boa que teve aqui, que é ali onde é o posto hoje, ele tinha de tudo no armazém dele. Agora o hotel Luxemburgo é ali onde é o Franz hotel hoje, era de madeira já era da Companhia de Terras. A Companhia de Terra oferecia um hotel bom, uma farmácia e um médico pra cidade porque não tinha mais, e médico até muito bom, inglês. (SANCEVERO, 1979)

Para entender os significados deste trecho, é necessário antes compreender que Sancevero era filha de um açougueiro e durante sua infância ela diz que: “[...] ajudava em casa a minha mãe, era muito serviço. A gente lidava com o resto da carne, fazia linguiça, aquela coisa, né?” (SANCEVERO, 1977). Portanto, assim como na entrevista de Dilma de Oliveira Silva, é compreensível que Sancevero tenha se identificado e se apropriado da exposição por meio da fotografia “do matadouro antigo”, primeiro matadouro de Londrina, pois este fazia parte do seu cotidiano e de seus familiares, devido ao abate de animais e, conseqüentemente, à venda de carnes e à produção de linguiças, citadas por ela, serem fonte de renda de sua família. É a partir da fotografia do matadouro que ela puxa o resto de suas lembranças e utiliza as imagens como fios condutores.

Ao descrever que Willie Davids, primeiro prefeito de Londrina “morava aqui nessa esquina da Fugante”, ela também indica estar explicando a localização a partir de uma fotografia. Não sabemos dizer se na exposição existia fotografias do comércio de David Dequech, o qual é lembrado por ela, mas existiam fotografias de hotéis, como é o exemplo do Hotel Campestre e da sede da Companhia de Terras Norte do Paraná – segundo as fotografias da exposição, que observamos durante o processo de pesquisa –, imagens que também a ajudaram a formar um raciocínio para explicar como era a cidade e atender às expectativas das perguntas do entrevistador. Portanto, a seleção de memória de Sancevero é influenciada pela relação entre as suas experiências mais marcantes, as seleções de fotografias e mensagens da exposição, e as expectativas de Benevides acerca de seu relato.

As imagens da exposição, por se centrarem no início da (re)ocupação, também estimulam lembranças voltadas para as dificuldades encontradas ao mudar para a região onde seria Londrina, a qual não tinha tanta estrutura quanto a cidade que a entrevistada morava no estado de São Paulo. Percebemos que Sancevero não lembra com nostalgia destes “tempos difíceis”, como acontece nos discursos baseados em mitos fundadores. Entretanto, nada impede que estes mitos utilizem essas dificuldades de forma nostálgica, mesmo que a entrevistada não enxergue da mesma forma. Essa característica do discurso de Sancevero é visível em vários trechos:

CS: Agora, quando nós chegamos aqui não havia arroz limpo, porque não tinha máquina, não tinha padeiro, não tinha nada. Não tinha leiteiro, porque não tinha pasto nem pra ter leite e nós sofremos muito, porque nós viemos de Paraguaçu Paulista, uma cidade boa. Nós morávamos numa casa muito boa e aqui nós fomos ficar um mês no rancho, no rancho de chão, de palmito e nós estranhamo muito. Eu e meu irmão mais velho, nós chorava de tristeza de estar aqui, mas hoje eu gosto de Londrina e não tenho vontade de sair.

[...]

CB: Sei. Como a senhora se sentia nessa selva, assim?

CS: Ah, não gostava.

CB: Não gostava, né?!

CS: Muito triste, achava muito triste chorava muito, porque lá da cidade que nós viemos, nós somos evangélicos, né? Somos presbiterianos independente. Aliás a minha igreja é da [rua] Mato Grosso.

CB: Ah sim.

CS: A primeira igreja na rua Mato Grosso.

CB: Ah sei.

CS: E nós deixamos uma igreja muito boa, lá. Nós tinha muita amizade, muito amigos, muito parente. Meu avô, que nós estimava mais, demais, ficou lá. Então eu tinha uma tristeza, eu não queria nem vim pra cá [...]. (SANCEVERO, 1979)

Percebe-se que o sentimento nostálgico está mais relacionado aos amigos, aos parentes e à igreja que precisou abandonar para vir para Londrina. Na comparação entre Paraguaçu Paulista, a alimentação e a estrutura de Londrina, a segunda cidade sai com a imagem um pouco depreciada. Isso muda, porém, quando se trata de Londrina após o período da colonização, marcada pelo “progresso”, como pode ser visto em outros momentos da entrevista:

CB: Sei. E como a senhora vê hoje, quer dizer, todo esse progresso de Londrina?

CS: Ah eu acho lindo, lindo, eu acho. Ainda outro dia eu dei uma volta muito grande e fui ali naquele prédio Ouro Preto, que ali mora uma sobrinha minha né.

CB: Sei.

CS: [...] Ainda falei assim: “mas Lis, como está bonito Londrina”, que dá uma vista muito linda ali no Ouro Preto.

CB: É! Exato!

CS: Eu falei como está bonita, quem que diz que está Londrina é aquela que nós chegamos, que só tinha mato [...]. (SANCEVERO, 1979)

Logo, a depoente se apropria positivamente do progresso Londrinense, fruto do Eldorado cafeeiro. Ao dizer, no trecho anterior a este, que ela e o irmão choravam de tristeza por estar aqui, mas que “hoje” gosta de Londrina e não tem mais vontade de sair, mostra uma mudança de percepção, não no que diz respeito a gostar dos “tempos difíceis”, mas sim devido ao “progresso” que a cidade encontrou em períodos posteriores. Entretanto, isso só acontece devido ao direcionamento do entrevistador ao perguntar sobre como ela vê “todo esse progresso de Londrina”. É ele quem instiga a depoente a selecionar essas lembranças e percebê-las de forma positiva. Esse direcionamento também acontece quando Benevides retoma o ônus do “progresso” e estimula a entrevistada a analisar criticamente a destruição de prédios “antigos”, de uma cidade recente, que estava acontecendo na década de 1970, o que mostra a consciência do entrevistador acerca dos problemas gerados pelo rápido desenvolvimento urbano da cidade (ARIAS NETO, 2008; LEME, 2013).

CB: E quanto as edificações, os edifícios, isso que a gente vê na rua, que a maior parte daquilo, edifícios antigos, estão sendo derrubados. Como que a senhora vê isso?

CS: Alguma coisa eu fico triste, como a prefeitura, eu fiquei triste de acabar com a prefeitura. Qual é o outro prédio ai também que eu?

CB: Da Associação Comercial também né.

CS: É, outro prédio que a gente fica triste, né? Que é bem antigo.

CB: Lembra do passado. (SANCEVERO, 1979)

Neste trecho é possível ver uma valorização do patrimônio edificado de Londrina por ambos devido à perda de prédios “antigos” em prol da modernização, assim, de acordo com Choay (2006), o culto que se faz ao patrimônio histórico pode revelar condições e questões de uma sociedade. A importância dada à demolição do prédio da prefeitura³⁰ de Londrina, nos lembra a noção de patrimônio descrita por

³⁰ Paço Municipal de Londrina, o qual abrigou a prefeitura até a década de 1970, foi demolido no final da mesma década e o terreno foi vendido para a construção de uma agência do Banco Bradesco (BONI, 2013).

Poulot (2009), que implica em um conjunto de posses identificadas como transmissíveis, pois mobilizam um grupo humano a reconhecê-las como sua propriedade. Tal propriedade estava se perdendo junto com a historicidade presente na morfologia da cidade (CHOAY, 2006), como vimos no primeiro capítulo, o que dialoga com o risco de perda das memórias enquadradas na exposição do Cinquentenário, acerca dos vestígios do início da (re)ocupação. Porém, essa preocupação com o patrimônio edificado, contradiz a própria valorização do progresso, vista na entrevista de Sancevero, mostrando que a depoente e o entrevistador transitavam entre duas lógicas distintas: valorizar o “progresso” e discordar da demolição de prédios “antigos”. Mas essa confusão de memórias é compreensível, devido ao contexto de crise de identidades, sendo a valorização do patrimônio um dos meios de manter a continuidade do que estava se perdendo (CHOAY, 2006). Além disso, um depoimento oral é resultado de perguntas e contextos, portanto, sua coerência é diferente da encontrada em textos escritos. Uma mesma entrevista pode ter contradições, repetições de memórias, conflitos entre entrevistado e entrevistador, etc., pois tudo vai depender do momento em que as lembranças estão sendo evocadas (ALBERTI, 2008).

3.2.2 O orgulho da “história viva”

A introdução da entrevista de George Craig Smith e João Olivir Gabardo é feita por Olympio Westphalen, o qual aparece apenas neste momento, apresenta os depoentes e explica os objetivos de coletar aqueles depoimentos:

OW: Salão Celso Garcia, onde está sendo realizada a exposição comemorativa do cinquentenário da entrada da primeira caravana da nossa cidade. Nesse momento estamos com a presença aqui, muito grata para nós, do professor João Olivir Gabardo, ilustre deputado federal representante do nosso estado. Nessa oportunidade queremos aproveitar a presença do senhor George Craig Smith, integrante da primeira caravana, para manter um diálogo com o professor Gabardo e entrevistá-lo e ver suas impressões sobre a realização dessa exposição comemorativa. Dou a palavra para o senhor João Olivir Gabardo e em seguida o senhor George Smith. (SMITH; GABARDO, 1979)

Percebe-se uma entrevista com características diferentes das analisadas até aqui. A proposta é um diálogo entre duas pessoas julgadas por Olympio Luiz Westphalen como importantes e “ilustres”. No decorrer da entrevista, não há um

único entrevistado ou um único entrevistador. João Olivir Gabardo e George Craig Smith expressam as impressões positivas que tinham um do outro, dialogam e a partir disso falam de suas experiências e impressões da exposição. Não há um roteiro. Mesmo sendo um diálogo, os depoentes constroem raciocínios em relatos compridos, até serem interrompidos ou questionados um pelo outro. Ambos possuem a característica monóloga ao narrar (PORTELLI, 2010).

JG: É uma satisfação muito grande para nós, como londrinenses, estarmos aqui hoje assistindo a história de Londrina praticamente ao vivo com a presença do senhor George Smith, no Salão Celso Garcia, onde se apresenta aqui Londrina nos seus 50 anos, com seus primeiros pioneiros. Eu realmente fiquei impressionado, senhor Smith, com algumas fotografias que encontramos aqui. A primeira delas, datada de 1929, em que o senhor se encontra ao lado dessa fotografia [possivelmente estão olhando para as fotografias da figura 5] e nós, como professor de geografia, professor de história, quando podemos constatar ao vivo uma realidade dessa, a impressão que se tem é muito boa, muito grata, muito gratificante. E eu que já vivo há muitos anos em Londrina e que fui professor da nossa Faculdade de Filosofia, fui diretor e que sempre me preocupei com alguns colegas em guardar um acervo da história de Londrina, hoje eu vejo com muita satisfação, porque a Universidade, ao lado de seus pioneiros, o senhor mesmo entre esses pioneiros, como um dos grandes pioneiros de Londrina, porque foi o que abriu a primeira picada, que aqui chegou primeiro, já ter conseguido este acervo fotográfico, inclusive alguns materiais como o teodolito e tantos outros materiais, máquinas fotográficas usadas aqui nos seus primeiros dias de Londrina. E quando cheguei aqui o senhor não se encontrava presente, né? Aí o Olympio, o professor Olympio foi que me disse que o senhor estava por aqui e vinha quase todos os dias. Então eu fiquei muito satisfeito ao vê-lo e poder entrar nesse contato... (SMITH; GABARDO, 1979)

João Gabardo inicia sua fala dizendo o quanto é importante para “nós”, os londrinenses, visitar aquela exposição na presença de George Smith. Logo, percebe-se, por meio do uso da primeira pessoa do plural (PORTELLI, 2010), a tentativa de colocar a atividade dos “pioneiros” como algo importante para a memória de todos os habitantes de Londrina. Gabardo utiliza as fotografias da exposição como instrumentos para legitimar a atuação positiva de Smith e enxerga aquele espaço, devido à seleção do acervo e à presença do chefe da primeira caravana, como a realidade do passado ou, mais ainda, como uma história viva. Após as reformulações museológicas e a Nova Museologia, vigente desde a década de 1980, existe a crítica sobre a tentativa de expor a história nos museus, pois, de acordo com Meneses (1994), a história não pode ser visualizada:

A História não é algo que possa ser apreendido sensorialmente - modo padrão de estímulo na exposição. Exclui-se, portanto, da responsabilidade do museu histórico preservar ou restituir o passado - quaisquer que sejam as motivações. Tudo que se fizer nessa direção estará, inelutavelmente, permeado de ideologia e mascaramentos. (MENESES, 1994, p.38)

Portanto, ao tentar restituir o passado, os museus apenas conseguem selecionar memórias, o que dialoga com a função simbólica dos lugares de memória em representar uma maioria por meio da experiência de uma minoria (NORA, 1993). Segundo Meneses (1994), a história só aparece nos museus em forma de conhecimento. A comunicação dos documentos feita nas exposições, permitem encaminhar inferências sobre o passado, sobre a dinâmica da sociedade, tudo isso sob aspectos delimitados que dependem de problemas históricos e não da história propriamente dita. Entretanto, por ser um raciocínio possível apenas a partir da década de 1980, não há como cobrar que Gabardo, Smith ou qualquer um dos diretores ou entrevistadores daquele período enxerguem o museu da mesma forma que Meneses (1994), fator que justifica a percepção de museu de João Olivir Gabardo e a década de 1970 como um período de mudanças e não de rupturas drásticas. A “história viva” relatada pelo depoente é, então, carregada de ideologias, mitos fundadores e de um contexto propício para este pensamento.

Gabardo também utiliza a entrevista para formar uma imagem de si mesmo, como professor de geografia, história e diretor da FEFCLL, característica que parece buscar justificar sua preocupação com a preservação da história de Londrina. Em outras palavras, ele se descreve como um dos responsáveis pela preservação do acervo da história de Londrina devido às funções que desempenhou na Faculdade, o que o coloca como alguém importante no contexto daquela exposição.

Acerca da percepção de museu de George Smith, esta está profundamente ligada às suas experiências na Companhia de Terras Norte do Paraná, o que o faz enaltecer a CTNP em várias partes da entrevista. No seguinte trecho, é possível ver essa percepção, a forma como ele enxerga a exposição, seu companheiro de entrevista e a si mesmo:

GS: É muita satisfação tê-lo aqui conosco. O senhor naturalmente, como professor de história, também deve ter um interesse mais profundo do que a maioria dos visitantes, que estão nos visitando aqui e conhece bem a história de Londrina. Portanto, essa exposição fotográfica foi com o objetivo principal de conscientizar a população do que foi, como foi o início dessa cidade maravilhosa, que eu chamo

cidade maravilhosa, porque o crescimento dessa cidade é realmente fenomenal. Quando a Companhia de Terras Norte do Paraná desenhou os primeiros planos para essa cidade, eles calculavam uma população máxima, máxima mesmo, de 30 a 40 mil pessoas e ninguém esperava um crescimento tão rápido e tão maravilhoso. Portanto, hoje nós, vendo a cidade como é, eu que vi o início disto tudo, eu estou realmente também maravilhado com o progresso de Londrina. (SMITH; GABARDO, 1979)

Smith caracteriza Gabardo como alguém autorizado a falar do passado, por este ser professor de história e, aparentemente, “ter um interesse mais profundo”. O significado implícito nesta “nomeação” possivelmente diz respeito aos dois concordarem com a importância dos “pioneiros” para a história de Londrina. Ao ver alguém com uma formação acadêmica, selecionando os mesmos acontecimentos que ele considerava importante para a história da cidade, Smith aparenta ter suas próprias intenções legitimadas pela fala do primeiro depoente. O chefe da primeira caravana também enxerga de forma positiva o discurso de Gabardo na exposição, ao dizer que o objetivo principal daquela foi conscientizar a população sobre o início e crescimento “fenomenal” dessa “cidade maravilhosa”. A responsabilidade destes feitos é dada a Companhia de Terras Norte do Paraná, o que indica um discurso velado. Em outras palavras, ao enaltecer o papel da CTNP na formação de Londrina, Smith parece exaltar a si mesmo, pois é considerado nos escritos históricos e lugares de memória, que disseminam “discursos de felicidade”, o responsável pela “caravana dos desbravadores”, que deu início à cidade e ao “progresso” londrinense. Portanto, ele representa a CTNP em pessoa, ele fala por ela, conta seus feitos e faz elogios.

Sendo a exposição objeto de conscientização sobre uma colonização positiva, uma possível interpretação é que George Smith também enxergou o Museu como espaço da história propriamente dita, pois, se é preciso conscientizar a população apenas sobre os aspectos positivos daqueles episódios, possivelmente significa que, para Smith, eles são a verdade. Além disso, dizer que é necessário conscientizar alguém, pode significar que existiam memórias em disputa sobre a atuação positiva da CTNP, pois, como já vimos, a crise do Eldorado trouxe reflexões sobre os problemas ambientais e sociais gerados pelo processo de (re)ocupação das terras. Enaltecer a CTNP também pode indicar a exaltação de “homens ilustre”, dignos de compor os anais da história, uma percepção romântica de museu.

Entretanto, não podemos perder de vista que as lembranças de Smith estão relacionadas a um contexto que o fez enxergar o passado com muita nostalgia e o presente – o “progresso” – com muito encantamento. Isso está relacionado aos rumos que sua vida tomou em 1937. Smith chegou a Londrina em 1929. Em 1937, ele foi para São Paulo e voltou a visitar Londrina apenas 30 anos depois. Na década de 1970, George Craig Smith retornou à cidade para a morar. Em uma entrevista feita pelo Arquivo Histórico, no início da década de 1970, George Smith relata sobre estes acontecimentos:

GS: Eu fui para São Paulo... Aliás saí daqui de Londrina muito doente, com difteria e a minha intenção era de ir aos Estados Unidos em nome da Companhia para arranjar compradores e imigrantes italianos, juntamente com o doutor Hugo *Tominote. Mas, em vista de minha enfermidade fiquei em São Paulo e depois me desliguei da Companhia de Terras. Fiquei trabalhando durante alguns anos em São Paulo. E somente depois de 30 anos que voltei a Londrina para visitá-la novamente. E tal foi meu assombro de ver esta maravilha que eu não conhecia mais nada. Nenhum dos Marcos originais não existiam mais. (SMITH, 1973)

Este trecho justifica o encantamento de George Craig Smith com o “progresso” Londrinense, o que também explica os elogios feitos à CTNP. O chefe da primeira caravana viu Londrina em momentos muitos distintos: no início da (re)ocupação e no auge do Eldorado. Portanto, devido às suas experiências, é compreensível ele colocar a Companhia como a principal responsável deste progresso. Isso também esclarece o sentimento nostálgico para com os “primórdios” da cidade. Quando ele volta, não existiam mais vestígios do início da colonização, devido à modernização acelerada. Assim, frequentar o Museu e colaborar com a exposição eram algumas das formas de o aproximar de um passado no qual ele teve destaque.

3.2.3 As relações entre exposição e experiências

As entrevistas que selecionamos da exposição do Cinquentenário mostram as influências e os limites da intenção da exposição nas percepções de museu dos depoentes e entrevistadores. Constância Vieira Gonçalves Sancevero e George Craig Smith se apropriam da exposição por meio de suas experiências na primeira fase da (re)ocupação londrinense. Sancevero, diferente da mensagem que a

exposição buscou construir, não possui sentimentos muito nostálgicos para com os “tempos difíceis” dos “pioneiros”, mas enxerga com bons olhos o “progresso” por causa da indução estratégica de Benevides. Ao mesmo tempo, a depoente, também por influência do entrevistador, lamenta a demolição dos prédios “antigos” o que mostra, mais uma vez, uma crise identitária vinculada a um passado cada vez mais distante, devido à aceleração do tempo. Na sua percepção, o museu parece ser o lugar de rememorar os “primórdios” da colonização, momento para ela marcado por incômodos e não por legados épicos.

Já para George Craig Smith, devido ao seu destaque na (re)ocupação londrinense e ao fato de ter ficado 30 anos sem ver a cidade, as importâncias dos “tempos difíceis” e do “progresso” têm o mesmo peso, sendo o Museu o local adequado para preservar essas memórias positivas e divulgá-las aos londrinenses. Ao mesmo tempo, Smith percebe, um museu-memória, pois a história de Londrina é submetida ao poder do afetivo e a dialética da lembrança e do esquecimento presente na sua memória (SANTOS, 2006).

Cezar Augusto Benevides enxerga a função pedagógica do museu e das entrevistas como suportes de preservação de memórias que merecem ser conhecidas no futuro. De acordo com Nora (1993), quanto menos a memória é vivida no interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores, o que gera uma obsessão por arquivos, característica da contemporaneidade. Como não podemos preservar o passado e o presente de forma integral, utilizamos seleções. No caso de Benevides, a memória que merece ser levada ao futuro é a dos “pioneiros”, alimentando a noção de um museu romântico, pautado nos aspectos memoráveis das sociedades.

Não encontramos muitas informações sobre esse entrevistador, mas por ele ter sido colaborador do Museu durante a gestão de Westphalen e também por ter tido contato com Smith, até mesmo na produção de entrevistas – na mesma exposição – é possível que ele tenha sido influenciado pelo discurso daqueles. Essa valorização do progresso e de “pioneiros” é algo que Smith e Westphalen também exaltavam. Entretanto, o entrevistador talvez já compartilhasse dessas percepções antes de entrar no Museu.

A percepção de João Olivir Gabardo, enxerga a história dentro do museu, como se ela fosse apreendida sensorialmente. Entretanto, o que Gabardo concebe como história é o culto a um passado positivo, como se este representasse a todos

os londrinenses. De acordo com Choay (2006), a partir do final do século XVIII a história se constitui como disciplina e passa a ter a aparência de memória viva. Entretanto, as reformulações historiográficas mostraram que a história é feita pelo afastamento do olhar e não da busca por ressuscitar o passado por meio do culto.

Essas entrevistas não contam com conflitos entre os entrevistadores e entrevistados, mas existe uma forte relação de influências. Conforme vimos, Sancevero poderia não ter falado do “progresso” londrinense se não fossem as motivações de Benevides, o que não significa que recebeu este estímulo de forma passiva, pois ela tinha experiências relacionadas ao “progresso” e às selecionou e se apropriou quando foi encorajada. Isso mostra que o discurso de História oral é formado por duas partes que não podem ser analisadas separadamente. O mesmo acontece com a entrevista de George Smith e João Gabardo. Devido ao conhecimento que um tem sobre a “importância” do outro, o qual foi induzido por Westphalen, se trata de uma entrevista ponderada e estratégica. Eles aparentam reforçar o que já conhecem do outro, pautado em estereótipos, do que aprofundar experiências.

As influências do conteúdo da exposição e da intenção dos entrevistadores em produzir entrevistas naquele espaço são fortes. A busca por construir fontes para escrever os “anais da vida dessa região tão magnífica”, conforme disse Benevides (SANCEVERO, 1979), ou a demanda pela “história viva” presente na entrevista de Smith e Gabardo, vão ao encontro da proposta da exposição, tanto da sua temática como do seu público alvo, os “pioneiros”. Porém, assim como as entrevistas da mostra do Museu do Café, os depoimentos produzidos na exposição do Cinquentenário da Caravana mostraram representações e apropriações que não são homogêneas e passivas. Existe, por exemplo, a crítica velada de Sancevero aos “primeiros tempos” e a tentativa de Benevides em mostrar o ônus do “progresso” por meio da demolição de prédios “antigos”. João Gabardo e George Smith reforçam estereótipos, mas isso acontece por meio de suas condições sociais e prestígio na sociedade, é deste lugar social que eles interpretam o passado, e não por meio do consumo passivo de uma exposição. Ainda, de acordo com Alberti (2008), a coleta de entrevistas de grupos sociais proeminentes não implica que será feita uma história “não-democrática”. O uso de entrevistas da História oral pode nos ajudar a entender as representações sociais de diversos grupos, mostrando as formas como

o indivíduo enxerga determinado elemento de sua cultura ou sociedade de acordo com a posição social e visões de mundo do grupo ou dos grupos a que pertence.

E ressaltamos que é possível compreender essa exposição para além de uma abordagem elitista, pois por mais que esta tenha aberto suas portas para os discursos consagrados, o cotidiano e o comum ainda podem ser abordados e o são. Interpretamos que a exposição em questão não se parece com a de Miguel Calmon, que situa-se na primeira fase do MHN, no que diz respeito à representação do universo mental e material das elites e no valor monetário da coleção exposta (ABREU, 2006). Assim, procuramos destacar a existência do trânsito entre o comum e o que era considerado “ilustre”, entre o reforço de discursos positivos e os seus limites na década de 1970, no contexto regional. Em outras palavras, ressaltamos mudanças e continuidades em detrimento de rupturas e contextos estáticos.

4 MEMÓRIAS EM DISPUTA: IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO NO CONTEXTO LONDRINENSE

4.1 MEMÓRIAS E IDENTIDADES: ALGUNS ESCLARECIMENTOS

Propomos neste capítulo analisar três entrevistas produzidas pelo Museu Histórico de Londrina, entre os anos de 1977 e 1979, em dois momentos e espaços diferentes daqueles onde foram produzidos os depoimentos analisados no segundo e terceiro capítulos. O primeiro é referente às entrevistas agendadas, as quais aconteciam na casa dos depoentes, com data e hora marcadas. O segundo diz respeito às entrevistas feitas nas dependências do Museu Histórico de Londrina, ainda no porão do Grupo Escolar Hugo Simas, que ocorriam conforme potenciais depoentes, os “pioneiros”, visitavam o MHL. Em ambos contextos, os depoimentos foram produzidos com características menos improvisadas que aqueles feitos nas exposições temporárias.

O objetivo deste capítulo é identificar as seleções de memórias presentes nos depoimentos para entender a forma como os entrevistados e entrevistadores constroem identidades, pois, de acordo com Verena Alberti, a memória “[...] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, continuidade e coerência – isto é, de identidade” (ALBERTI, 2008, p.167). Em outras palavras, a memória é essencial a um grupo, pois está ligada à sua construção de identidade. Entretanto, não pretendemos trabalhar apenas com a dimensão da auto-referência da identidade. De acordo com Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, a identidade também é “[...] mecanismo de exclusão, de estabelecimento de fronteiras e de busca de diferenças e incompatibilidades para legitimar interesses ou defender-se de ameaças” (MENESES, 2003, p.266). A identidade é, portanto, assim como a memória, mutável, adaptativa e objeto de disputa.

Paul Ricoeur (2007) aborda o nível prático da memória, chamado de memória manipulada. Logo, a memória é instrumentalizada e é um exercício de lembranças, pois lembrar não é uma recepção de imagens do passado, mas uma ação de interpretação do que já aconteceu. Essa dimensão prática da memória está relacionada, segundo o autor, à problemática da identidade, ou melhor, à fragilidade da identidade frente à pergunta “quem sou eu?”. Tal vulnerabilidade é composta por

outras três. Primeiro, a identidade possui uma relação complicada com o tempo, pois não é fixa e, por este motivo, a memória é utilizada como recurso/instrumento temporal da identidade. A segunda fragilidade diz respeito à ameaça do outro, do diferente; pode ser uma alteridade mal tolerada que desencadeia rejeição e exclusão. A terceira vulnerabilidade da identidade está relacionada à herança da violência fundadora, pois o que comemoramos “[...] com o nome de acontecimentos fundadores, são atos violentos [...] legitimados, no limite, por sua própria antiguidade [...]” e que “[...] podem significar a glória para um e a humilhação para o outro” (RICOEUR, 2007, p.95). Essa terceira fragilidade pode justificar o confronto com o outro/diferente e gerar abusos de memórias ou de esquecimentos.

Por conseguinte, Ricoeur (2007) enfatiza que a manipulação da memória é paralela à ideologia. A segunda visa a distorção da realidade, a legitimação de um sistema de poder e de um mundo comum por intermédio de sistemas simbólicos que influenciam as ações humanas. Dessa forma, a memória acaba se tornando um instrumento de edificação de identidades e um recurso que seleciona e forma narrativas ideologizadas. Assim, “[...] a configuração narrativa contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da própria ação.” (RICOEUR, 2007, p.98).

A fim de aprofundar a discussão sobre a relação entre memória e identidade, outra interpretação, não muito distante de Ricoeur (2007), é de Joël Candau (2011). O antropólogo francês diz que as identidades se fundam por intermédio de duas ancoragens: a origem – que pode ser associada aos mitos fundadores que abordamos nos outros capítulos – e o acontecimento. Elas asseguram a estrutura identitária de um grupo, pois são balizas temporais que viabilizam a identificação e podem estar relacionadas ao que o autor chama de “memória forte”, aquela que estrutura identidades, porque é capaz de organizar sentidos em “grandes narrativas”. Entretanto, um grupo pode compartilhar dos mesmos marcos memoriais sem, porém, dividir das mesmas representações do passado e do mesmo grau de identificação (CANDAU, 2011). Em outras palavras, a memória não é transmitida e a comunicação de memórias não tem a capacidade de promover os mesmos sentidos em todo um grupo, portanto, a memória social nem sempre é coletiva.

Por meio desse raciocínio, percebe-se que a memória é manipulada/instrumentalizada de formas plurais. Mesmo que existam marcos memoriais fortes, como os mitos fundadores e os “grandes” acontecimentos, e que

estes sejam potenciais recursos ideológicos, as maneiras como um indivíduo, um grupo ou uma sociedade exercitam suas lembranças dependem de apropriações e das subjetividades daqueles que interpretam o passado - isto não significa inexistam disputas no processo de seleções de memórias e da formação de identidades.

Assim, podemos, mais uma vez, adotar a noção de apropriação como parâmetro para os nossos objetivos. De acordo com Michel de Certeau (1998), “assimilar” não significa, obrigatoriamente, “tornar-se semelhante” ao que absorvemos, mas sim “[...] ‘torná-lo semelhante’ ao que se é, fazê-lo próprio, apropriar-se ou reapropriar-se dele” (CERTEAU, 1998, p.261). Portanto, o autor questiona a suposição de consumo passivo, pois “[...] um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que espera do leitor [aquele que se apropria] o seu sentido” (CERTEAU, 1998, p.263).

Por conseguinte, a definição de subjetividade usada por Kathryn Woodward (2009) ajuda a entender a construção de uma apropriação. Conforme a autora, a subjetividade é relativa a percepção que temos sobre o nosso eu e está imersa em um contexto social que dá significado às nossas experiências e no qual adotamos uma identidade. Esse contexto oferece discursos que podem nos recrutar como sujeitos e “As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (WOODWARD, 2009, p.55). Assim, a apropriação é relacional à subjetividade de cada um. Qualquer discurso ou narrativa formados a partir de seleções de memórias que visam a edificação de identidades, por mais ideológicos que sejam, não serão transmitidos, mas sim mediados e apropriados de acordo com intensidade que atraem nossas posições de sujeitos e com o que nos identificamos.

Além disso, trabalhar por meio do conceito de apropriação permite que nos afastemos de uma perspectiva essencialista de identidade. De acordo com Woodward (2009), a identidade sob a compreensão essencialista é vista como cristalizada, um fenômeno que não muda com o passar do tempo. As entrevistas e as reflexões feitas nos capítulos anteriores mostraram, porém, que as identidades de habitantes de Londrina e de outras regiões do norte do Paraná, do MHL e de discursos que circulavam pela cidade passaram por um momento de crise devido, especialmente, à instabilidade do “eldorado cafeeiro” e às mudanças no campo da museologia. Portanto, podemos dizer que utilizamos uma definição não-essencialista de identidade, a qual focaliza “[...] as diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas [...]” (WOODWARD, 2009, p.12). Então, entendemos que as

identidades são mutáveis, marcadas pela diferença, historicizáveis e dizem tanto sobre o que é compartilhado como o que não é (HALL, 2009).

Abordar a identidade como algo fixo, de acordo com Stuart Hall (2009), pode partir de um senso comum, pois a identificação é vista apenas como a construção de uma origem comum, de características partilhadas, como a base da solidariedade e da fidelidade de um grupo. De acordo com o autor, por meio de uma abordagem discursiva é possível ver,

[...] a identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre “em processo”. Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, “ganhá-la” ou “perdê-la”; no sentido que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada. Embora tenha suas condições determinadas de existência, o que inclui os recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-la, a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência. Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença. (HALL, 2009, p.106).

De outro modo, a identificação depende do contexto em que é articulada, o qual permite mudanças, negociações, a diferença e a coexistência de identidades, mesmo que existam recursos materiais e simbólicos que busquem impor seus sentidos literais. E é por meio da associação dos raciocínios que abordamos aqui, acerca da memória e da identidade, que pretendemos instrumentalizar nossa análise. Visamos articulá-los na construção dos depoimentos selecionados para este capítulo – na narração dos depoentes e nos questionamentos e posições dos entrevistadores. Para ser mais claro, na dimensão do relato oral, a memória será analisada como recurso e instrumento temporal da(s) identidade(s). Também buscamos: discernir se a(s) identidade(s) construídas por esses sujeitos permitem negociações, mudanças e tolerância – ou não – frente às diferenças, e verificar se esses depoimentos refletem o complexo contexto identitário regional e a lógica de “grandes narrativas” e de “memórias fortes”. Desta forma, tomamos como pano de fundo o contexto de crise de identidades do norte do Paraná, na década de 1970 – o qual abordamos nos capítulos anteriores. Acreditamos que a compreensão da forma como as identidades se constituíram, pode revelar as disputas e a coexistência de memórias daquele período (ARIAS NETO, 2008).

Um último esclarecimento sobre nossa análise. Utilizaremos um dos níveis da memória, que parece ir ao encontro do exercício de memória feito pelos depoentes

em uma entrevista de História oral, chamado por Candau (2011) de metamemória. Segundo o autor, esse nível é responsável pela representação que cada sujeito faz de suas próprias lembranças, o que não acontece de forma simplista e nem por meio de transmissões, mas sim por intermédio de interpretações do passado e da construção identitária de cada indivíduo. Essa memória pode ser também social, mas isso não acontece por causa de abstrações vazias (MATHEUS, 2011). Podemos dizer, então, que existe uma manipulação da memória por aquele que lembra, aos moldes da reflexão de Ricoeur (2007). Entretanto, trata-se de lembranças exercitadas por indivíduos, deste modo, mesmo que estas possam dialogar com discursos ideológicos – que se esforçam para ser “coletivos” – nos importa mais a forma como o entrevistado busca, através de sua narrativa, “[...] tornar-se o ideólogo de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência” (BOURDIEU, 2006, p.184-185). Logo, é por meio de seleções de memória que os indivíduos dão sentido as suas experiências, e essa eleição de lembranças evidencia a forma como os depoentes querem ser vistos, ou melhor, como querem mostrar sua identidade – e a do outro. Por último, ressaltamos que a identidade só faz sentido em relação ao outro, à diferença, em vista disso a identificação de um sujeito pode dizer sobre relações sociais complexas.

4.2 A COEXISTÊNCIA DE IDENTIDADES CONSAGRADAS E PLURAIS: UMA SEGUNDA ABORDAGEM SOBRE AS ENTREVISTAS PRODUZIDAS PELO MHL

As entrevistas que analisamos neste capítulo foram produzidas durante as gestões de Conceição Aparecida Duarte Geraldo e Olympio Luiz Westphalen. Conforme vimos no terceiro capítulo, Westphalen assume a direção do MHL após a saída de Geraldo, em março de 1979, e dá continuidade a produção de depoimentos orais. O novo diretor já possuía experiência na produção de entrevistas, pois ajudava o Arquivo Histórico da UEL na constituição deste tipo de documento.

Essas entrevistas³¹, como as outras que analisamos, não foram conduzidas apenas pelos diretores, mas também por funcionários e colaboradores do Museu.

³¹ Para maiores esclarecimentos, identificamos que foram produzidas nove entrevistas pelo MHL, além daquelas elaboradas em exposições temporárias. Entretanto, dessas entrevistas duas estão com problemas de áudio. Das seis restantes, como foi dito, escolhemos três para analisar neste

Assim, selecionamos três depoimentos. A primeira entrevista, feita em 1977, na casa da depoente, é de Carlota de Melo Peixoto Davids, considerada pioneira de Londrina, paulista e esposa (viúva) de Willie da Fonseca Brabazon Davids. Seu marido “[...] veio para Londrina como diretor técnico da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), no início da década de 30, e, em 1935, tornou-se o primeiro prefeito eleito do recém-emancipado município.” (BONI, 2013a, p.29). Carlota Davids foi entrevistada por George Craig Smith e adiantamos que as seleções de memória da depoente e do entrevistador dão ênfase à atuação pública de Willie Davids e à CTNP.

O segundo depoimento é de Helena Revensky e Vladimir Revensky (1978). Ela era uma imigrante alemã, dona de casa, considerada pioneira de Londrina e ele era um imigrante russo, funcionário da CTNP, também considerado pioneiro da cidade. O casal foi entrevistado, na mesma ocasião, por Conceição Geraldo com a participação de George Smith. A entrevista aconteceu na casa dos depoentes e trata-se de um depoimento denso em informações que reforçam tanto mitos fundadores quanto relações sociais complexas.

O último depoimento analisado é de Francisco Adam (1979), imigrante estadunidense, carpinteiro, considerado pioneiro da cidade. Ele foi entrevistado por

capítulo, segundo o critério de saturação. A seguir algumas informações sobre as entrevistas que não selecionamos para a análise. 1) Gordon Fox Rule foi entrevistado por George Craig Smith, em 22 de novembro de 1977. A entrevista foi agendada e realizada no Escritório da CMNP, em São Paulo. É um depoimento encomendado pelo MHL na ocasião de uma de viagem de Smith à São Paulo. Rule, de ascendência inglesa, é considerado pioneiro de Londrina, pois chegou a cidade em 1931. Começou a trabalhar no escritório da CTNP em 1926 e, na data da entrevista, com 79 anos, continuava como procurador da CMNP e era considerado o funcionário mais antigo daquela Companhia. A entrevista se pauta em memórias compartilhadas por entrevistador e entrevistado acerca dos “tempos difíceis” e da atuação positiva da CTNP. Esse depoimento não foi selecionado, pois as construções de identidade se aproximam bastante da entrevista de Carlota de Melo Peixoto Davids – primeiro depoimento que analisamos neste quarto capítulo. 2) Manoel Flores foi entrevistado por Marina Zuleika Scalassara, nas dependências do Museu Histórico de Londrina, em 21 de setembro de 1929. Ele chegou a Londrina em 1933 e é considerado pioneiro da cidade. Não identificamos seu local de nascimento ou ascendência. Quando jovem ele trabalhou como entregador de telegramas da estação ferroviária e depois no Banco Noroeste de Londrina e Rolândia, respectivamente, como caixa, escriturário e gerente. Sua entrevista se pauta na descrição da cidade de Londrina no início da “reocupação” – traz seleções de memórias bastantes parecidas com as que encontramos na análise do depoimento do casal Revensky. 3) Vitório Herick foi entrevistado por Olympio Westphalen, em 4 de dezembro de 1979, nas dependências do MHL. Chegou no distrito da Warta (Londrina) na década de 1930 e é considerado pioneiro da cidade. Ele tem ascendência polonesa e nasceu em Santa Catarina. No início da (re)ocupação, Herick trabalhava na derrubada da mata e na limpeza de terrenos, depois comprou um sítio e se tornou agricultor de café. Seu depoimento se pauta na descrição de como era a cidade nos “primeiros tempos”, sobre a atuação da CTNP e as primeiras habitações, escolas, etc. – vai ao encontro da entrevista do casal Revensky, analisada neste capítulo.

Westphalen no MHL e traz um relato mais tímido e que não reforça muitos aspectos positivos da (re)ocupação da cidade de Londrina.

4.2.1 A “viúva do saudoso e sempre lembrado primeiro prefeito eleito de Londrina”

A entrevista de Carlota de Melo Peixoto Davids foi gravada em 19 de novembro de 1977 na casa da depoente, localizada na cidade de São Paulo. A forma como George Smith escolheu a entrevistada diz sobre a seleção de memórias que ele buscava e, conseqüentemente, suas estratégias como entrevistador. Se trata de uma entrevista agendada por ele e “encomendada” pelo MHL em razão de uma viagem de George Craig Smith à capital do estado de São Paulo. Pelo que podemos observar no acervo de depoimentos orais do MHL deste período, o líder da primeira caravana da CTNP, George Craig Smith, aproveitou dessa ocasião para entrevistar Davids (1977) e Gordon Fox Rule (1977). A entrevista de Carlota Davids aparenta ser uma consequência da visita de George Smith à casa de uma amiga de longa data, o que fica visível logo na introdução do depoimento.

GS: Alô, Alô. Hoje é dia 19 de novembro de 1977 e estamos em São Paulo [...], residência da dona Carlota Melo Peixoto Davids, dama paulista e viúva do saudoso e sempre lembrado primeiro prefeito eleito de Londrina, doutor Willie da Fonseca Brabazon Davids. Esta entrevista está sendo feita pelo senhor George Craig Smith, também pioneiro de Londrina, em nome e para os arquivos históricos do Museu do Café do Paraná em Londrina. O senhor Smith é velho amigo da família Davids desde quando trabalhava na Fazenda Caiuá, de propriedade da *Brazil Plantation Syndicate*, nos anos de 1925 a 28, e visitava, frequentemente, a Fazenda União, de propriedade da família Davids que era quase vizinha. Portanto, vamos agora ouvir essa valorosa pioneira, senhora Carlota Mello Peixoto Davids. Senhora Carlota, vamos agora ter esta palestra íntima e a senhora vai lembrar com saudades daquele tempo antigo, quando eu morava na Fazenda Caiuá e a senhora e a família moravam lá na Fazenda União. Essa Fazenda União é de saudosa memória, porque nós sempre íamos lá passear com grupos de moças de São Paulo, né? E sempre recordamos com saudade daquele tempo. Quando é que a senhora foi a primeira vez lá para a Fazenda União? (DAVIDS, 1977)

O entrevistador se refere ao depoimento como “palestra íntima” e, ao longo de sua fala, deixa claro o quanto conhece e a proximidade que tem com a entrevistada. Além da intimidade entre ambos, é possível ver o apreço de George Craig Smith à “valorosa pioneira”, “dama paulista” e viúva do “saudoso” primeiro prefeito eleito de

Londrina. Nesses adjetivos, usados para se referir à depoente, as primeiras seleções de memórias e construções de identidade começam a aparecer. Trata-se de uma entrevista que dá ênfase à primeira década de formação da cidade de Londrina e, em especial, a atuação de Willie Davids neste período.

Essas seleções dão indícios de uma elaboração da identidade de Carlota Davids feita, num primeiro momento, não por ela, mas pelo entrevistador. Por conseguinte, percebe-se uma identidade organizada por meio da diferença: a depoente é “pioneira”, portanto, sabemos o período que ela chegou à cidade e as implicações desta característica na formação de discursos criados *a posteriori*, logo, subentende-se uma marcação de distinção frente aos que não são considerados “pioneiros”, aos que não chegaram a cidade de Londrina nos primeiros 10 anos da (re)ocupação; a diferença também se manifesta pelo adjetivo “dama”, palavra de duplo significado que pode se referir tanto a uma mulher casada como a mulheres de “bons” modos, educação e de família “distinta” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2008). Assim, por se tratar da esposa de Willie Davids – o qual teve destaque na cena política e econômica de Londrina, com títulos e cargos de notoriedade – entende-se que Smith utiliza de ambos os significados da palavra “dama” e que eles são constituídos comparados à ideia de uma “não-dama”, uma mulher solteira e/ou sem prestígio social. Por último, se referir à entrevistada como viúva do “saudoso”, “sempre lembrado” e “primeiro prefeito” é um indicativo da importância do marido na seleção da depoente, pois ter sido cônjuge deste personagem de destaque aponta uma diferenciação frente a outras “damas” e mulheres que também poderiam ter sido entrevistadas, mas não foram.

Além disso, George Smith também começa a dar sinais de identificação ao atribuir a si mesmo a característica de “também pioneiro de Londrina” e se colocar como “velho amigo da família Davids”, fatores que reforçam as lembranças que ele diz compartilhar com os Davids devido à proximidade dos locais onde moravam. Percebe-se que o entrevistador tinha bastante estima por essas lembranças, chamadas por ele de “saudosa” memória. Portanto, não se trata de uma entrevista aos moldes da História oral que conhecemos hoje. Aqui o entrevistador não é um pesquisador ou alguém interessado em utilizar este depoimento para fins acadêmicos, mas sim um sujeito que sente saudades de momentos específicos do passado e utiliza da ocasião da entrevista para rememorar-los junto à uma amiga e entrevistada. Não há como negar, porém, a existência de uma situação de entrevista

mais organizada que aquelas produzidas em exposições temporárias. Ela foi agendada com antecedência e acontece na casa da depoente, em um ambiente sem ruídos, e é conduzida com bastante calma e com uma introdução detalhada.

Reforçamos que a intenção de Smith em recordar “com saudade daquele tempo” também pode estar relacionada ao seu retorno a Londrina na década de 1970, momento em que, conforme abordamos no terceiro capítulo, ele se encantou com o “progresso” da cidade e não escondeu a nostalgia que sentia acerca dos “primeiros tempos” de Londrina. Esses sentimentos parecem guiar o depoimento e é aqui que ressaltamos uma característica importante de Smith, a qual se alastra por toda a entrevista. O entrevistador, ao mesmo tempo em que faz perguntas a depoente, sugere respostas e compartilha lembranças.

GS: E a senhora nunca mais voltou para Londrina?

CD: Fui diversas vezes, cada vez que há uma homenagem a ele eu vou.

GS: E o que que achou de Londrina agora?

CD: Ah, cresceu muito [...] um progresso.

GS: Quem esteve em Londrina desde o começo, na pequena mata virgem, hoje acha uma coisa espetacular, extraordinária mesmo, e graças a Deus foi tudo construído por esses bravos pioneiros, grande parte paulistas, e muitos ingleses também e hoje nós temos naquela região uma verdadeira civilização, né?

CD: Que orgulho, né? Ter contribuído tudo isso. (DAVIDS, 1977)

A curiosidade de Smith em saber o que Carlota Davids achou de Londrina nas vezes que retornou à cidade³² acaba sendo um estímulo para ele falar de suas próprias impressões. Instigado pela resposta da depoente, principalmente, pela palavra “progresso”, o entrevistador acaba reforçando os fortes marcos memoriais da cidade de Londrina, os quais são chamados por Candau (2011) de memórias fortes. Podemos ressaltar na fala de Smith quatro importantes indicadores dessa hipótese: “mata virgem”, “tudo construído por esses bravos pioneiros”, “muitos ingleses” e “verdadeira civilização”. De acordo com Tomazi (1997), esses marcos memoriais são um conjunto de ideias e imagens constituídas pelo ponto de vista de quem domina. Por meio desse discurso “A simples enunciação, ‘Norte do Paraná’, faz com que venham à tona todas essas ideias/imagens, funcionando assim como uma espécie de ‘identificação’ presumível para todos aqueles que vivem na região [...]” (TOMAZI 1997, p.8). Ressaltamos, porém, que Smith, chefe da primeira

³² De acordo com a depoente, saíram de Londrina, Willie Davids e ela, em 1942.

caravana da CTNP, considerado um dos mais importantes “pioneiros” da cidade, não é alguém influenciado de forma passiva por esse discurso, mais que isso, ele é construtor dessa versão e a defende por meio de suas experiências. Ele é, então, chamado a tomar uma posição de sujeito diante de um discurso que gera identificação para ele (WOODWARD, 2009). Logo, Smith utilizou o nível da metamemória, pois se apropriou do próprio passado, selecionou lembranças e gerou uma imagem de si e da (re)ocupação da cidade por meio de um discurso idealizado (CANDAUI, 2011).

Ainda sobre o discurso encontrado na fala de George Smith, ele traz, novamente, uma delimitação de diferenças para reforçar identidades. A ideia de “mata virgem” remete “[...] à alegoria da mata enquanto uma mulher. Ela é virgem enquanto não for ‘penetrada’” (TOMAZI, 1997, p.295). Isso se relaciona ao entendimento de um “vazio demográfico” no local onde Londrina se constituiu e, também, na região comprada pela CTNP no norte do Paraná, assim, subtende-se um espaço inóspito, sem nenhum tipo de atuação humana. Essa é uma ideia controversa, pois antes da (re)ocupação “[...] o território [...] já era conhecido e esquadrihado por engenheiros, agrimensores, viajantes e que ademais viviam índios e caboclos que conheciam e habitavam este espaço. (TOMAZI, 1997, p.295). Portanto, dizer que existia uma “mata virgem” seguida da afirmação que “tudo foi construído por esses bravos pioneiros”, principalmente “ingleses”, constrói uma identidade marcada pela diferenciação com esses outros que já habitavam essas terras. O “pioneiro” e a CTNP são figuras exaltadas e colocadas como responsáveis pela “civilização”. Nessa visão, a ação humana que já existia nesse espaço pode ser interpretada como selvagem e não digna de reconhecimento. Desconsiderar a demarcação territorial feita por outras iniciativas também mostra uma diferenciação: para esta versão da (re)ocupação, o que o outro fez não é tão importante quanto o que a CTNP fez. Assim, percebe-se uma delimitação de identidades por meio do que os “pioneiros” e a Companhia são e o outro não é.

Devido à instabilidade do Eldorado, como também do desenvolvimento urbano e do grande crescimento populacional que gerou uma diversidade cultural e a “desordem” dos primeiros planos que idealizaram a organização e os moradores da cidade de Londrina e do espaço adquirido pela CTNP (BENATTI, 1996), houve uma reorganização – disputa – de memórias e identidades para preservar a coerência do discurso encontrado na fala de George Smith, em lugares de memórias

e escritos históricos. Portanto, foi necessário o reforço da figura do “pioneiro” e da atuação positiva da CTNP. Porém, mais uma vez lembraremos que existe o teor afetivo na fala de George Smith, devido ao seu retorno à cidade e ao seu encantamento com os “frutos” do seu trabalho na Companhia. A ideologia coexiste, então, com a nostalgia de um senhor que não estava mais na fase áurea de sua vida. Por isso, não podemos perder de vista que prevalece a apropriação e não a recepção vazia de discursos ideológicos.

Acerca do relato da depoente, ele se pauta em três eixos: 1) a vida pública de Willie Davids, 2) a chegada do casal a Londrina e descrições e impressões dos “primeiros tempos” da formação da cidade, 3) saída e impressões após o “progresso”. A entrevista é um diálogo e as perguntas e respostas parecem surgir de acordo com a interação entre entrevistador e entrevistada. Portanto, o depoimento não parece seguir um roteiro fixo. Podemos dizer, porém, com base nas perguntas de Smith, que há um grande interesse na vida pública de Willie Davids e uma curiosidade menos intensa acerca da vida da depoente. Ela não fala e não é questionada sobre sua vida e família antes do casamento, assim como os marcos temporais não remetem a nada anterior à época em que conheceu Smith, nas fazendas citadas por ele no primeiro trecho. Portanto, entendemos que, nesta ocasião, não houve interesse na história de vida de Carlota Davids, houve curiosidade, por parte do entrevistador, apenas no que ele já sabia sobre a depoente, apenas em memórias compartilhadas por ambos.

A entrevistada, na maioria das vezes, delimitou suas respostas dentro dos marcos temporais e espaciais colocados por Smith. Ela também não falou muito de si, houve mais lembranças sobre os feitos do marido. Sua identidade foi construída então, por ela e por George Craig Smith, em boa parte da entrevista, por meio da imagem do seu cônjuge, em outras palavras, através da relação com outro indivíduo. É a viúva que fala sobre a atuação pública do marido que não está mais presente e, logo, não pode falar por si.

GS: E como é que entrou em contato a primeira vez com os ingleses? Qual foi o contato do doutor Willie com os ingleses? E quem convidou ele para ser diretor técnico da Companhia de Terras?

CD: Em uma das viagens que o Lord Lovat fez, ele em uma reunião lá da Companhia... [esforço para lembrar]

[...]

GS: Companhia Agrícola Barbosa.

CD: Agrícola Barbosa, o Lord Lovat convidou o Willie pra ser o diretor técnico lá das terras, né? E em 30 fomos pela primeira vez, saindo de Cornélio Procópio, de automóvel pra conhecer Londrina. Fomos hospedados então naquele primeiro hotel todo de plantas que tinha, quando chovia quase que...

GS: No patrimônio três bocas.

CD: Três Bocas, isso mesmo, chegamos lá. Dormimos, ficamos conhecendo e o Willie me convidou para ver o lugar onde ia ser a Londrina e eu fiquei maravilhada com a majestade da floresta que estava ao lado daquela construção, né? Eu pensei que fosse um buraco [...], uma depressão, porque as árvores eram tão grandes que pensei que nenhum suor iria arrancar o tronco [...].

GS: E de fato é, né? É, isso foi em 1930, não? Mais ou menos.

CD: 30.

GS: Então ele já chegou a Londrina como diretor ou foi a primeira visita apenas?

CD: Não. Essa foi a primeira visita pra ver se gostaríamos de ir pra lá, né? E dois anos depois é que fomos, em 32.

GS: Ele comprou terras também lá?

CD: Comprou uma fazenda, plantou café.

GS: Fazenda Binel, se não me lembro. Chegou a plantar café, né?

CD: Sim, até deixou o café grande [restante da frase incompreensível].

GS: E a senhora tá lembrada dos primeiros anos lá, que foram morar? Ainda morava no hotel da Companhia ou foram diretamente para sua casa?

CD: Nós moramos no hotel que havia lá, né? Hotel Luxemburgo, até acabar a casa, receber rede elétrica, com todo o conforto. (DAVIDS, 1977)

Nesse trecho da entrevista, George Smith fez várias referências a “ele”, Willie Davids. Praticamente todas as perguntas buscaram informações do marido de Carlota Davids. Apenas no último questionamento ele mencionou a depoente, ao interrogar se ela lembrava dos primeiros anos em que moraram na cidade, e, mesmo ao perguntar diretamente sobre ela, Smith ainda buscou incorporar Willie Davids na construção da pergunta por meio das palavras “moraram” e “foram”, logo, ele se referia ao casal.

As perguntas de George Craig Smith e as respostas de Carlota Davids trazem as duas ancoragens fundadoras de identidades: as origens e os acontecimentos marcantes (CANDAU, 2011). A repetição de “ingleses” na fala de Smith e a busca por saber a relação de Willie Davids com estes, levaram a depoente a citar Lord Lovat, investidor inglês, integrante da Missão Montagu³³. Essa ênfase em ingleses

³³ Essa missão chegou ao Brasil em 1923 e retornou à Inglaterra em 1924. Ela buscava “[...] analisar a situação institucional e operacional de implementação das políticas monetária e fiscal que dessem garantias [à Inglaterra] de pagamento do empréstimo solicitado [pelo Brasil]” (TOMAZI, 1997, p.181) naquele período. Após essa missão os ingleses criaram a *Brazil Plantations Syndicate Limited*, citada por Smith no primeiro trecho analisado, tendo em vista plantar algodão e suprir a indústria de

também é vista nos mitos fundadores da cidade e nos discursos da CTNP, devido ao vínculo da criação e do capital desta Companhia à Inglaterra. Assim, pode-se dizer que existe uma sobrevalorização dos imigrantes ingleses³⁴ em detrimento de outros (LEME, 2013), o que também aparece no depoimento de Carlota Davids, principalmente nas perguntas feitas por Smith.

As “origens” da cidade surgiram no relato da depoente por meio da descrição do local que encontrou quando chegou ao espaço onde Londrina começou a ser construída. Para detalhar a forma como a cidade era, a depoente ultrapassou a pergunta de Smith sobre como Willie Davids foi convidado a trabalhar na CTNP. Se trata de uma memória forte, também representada em muitas fotografias e grandes narrativas da cidade. A descrição se pauta em um tom de encantamento frente a “majestade da floresta” e ao início da derrubada das árvores. Essa seleção de memória mostra, por meio da admiração da depoente, uma construção de identidade que, mesmo que pareça sem pretensão, a coloca como alguém autorizada a falar daquele período, como a mulher do “pioneiro”, logo, ela forma uma imagem de si.

Seguindo a análise desse trecho, em 1932, Carlota e Willie Davids se mudaram para Londrina, onde o marido comprou terras e plantou café. Além disso, ela relata que moraram, inicialmente, em um hotel e, posteriormente, em uma casa confortável, com rede elétrica. Com essas informações é possível perceber uma seleção de memória que também marca uma distinção social e uma construção de identidade. Para ser mais claro, antes precisamos entender o início da geração de energia elétrica na cidade:

tecelagem na Inglaterra. Segundo Tomazi (1997), a CTNP construiu um discurso no qual a criação da Companhia era resultado do fracasso daquele plano de plantações de algodão. Entretanto, de acordo com o mesmo autor, “[...] a constituição da Companhia de Terras Norte do Paraná foi realizada para desenvolver um projeto imobiliário e não tinha nenhum interesse em plantar algodão [...]” (1997, p.183). A implementação desse projeto imobiliário precisava de um elo com o governo paranaense. É nesse contexto que entra Willie Davids, à época fazendeiro e ex-prefeito da cidade de Jacarezinho (PR) e, também, havia sido deputado estadual por três legislações (TOMAZI, 1997), fatores que mostram uma estratégia na sua escolha como diretor técnico da CTNP e primeiro prefeito eleito da cidade de Londrina, em 1935.

³⁴ De acordo com o relatório, feito em 1935, sobre o número lotes vendidos pela CTNP e a nacionalidade dos compradores entre os anos de 1930 e 1935, foram vendidos cerca de seis lotes a ingleses, enquanto a 1266 foram comprados por brasileiros, 479 por alemães, 476 por italianos, 434 por japoneses, e vários outros lotes a outras nacionalidades. (FOLHA DE LONDRINA, 1975) Tais números mostram a existência de poucos ingleses nesta região, apesar do vínculo da CTNP com a Inglaterra, o que mostra uma sobrevalorização destes imigrantes nos discursos daquele empreendimento colonizador.

Nos primeiros anos de Londrina, a Companhia de Terras Norte do Paraná se responsabilizou por praticamente todas as obras de infraestrutura e serviços de interesse coletivo da região, inclusive a geração de energia elétrica. A primeira iniciativa nesse sentido foi a instalação, em 1933, de um gerador movido a óleo cru no Ribeirão Cambé, no local onde hoje está instalado o Parque Arthur Thomas. A quantidade de energia gerada era muito pequena, mal dava para iluminar o escritório da empresa e as residências de seus diretores e principais funcionários. Não era possível, ainda, instalar uma rede de iluminação pública, pode-se dizer que a energia produzida era para consumo privado. A iluminação pública propriamente dita, ainda obtida de motores a vapor, foi inaugurada dia 11 de junho de 1938, num trecho do atual Calçadão, entre as atuais Avenida São Paulo e Rua Minas Gerais. (BONI, 2013a, p.107)

Assim, percebe-se que, no início da década de 1930, a instalação de energia elétrica em Londrina era precária e restrita, chegava apenas ao escritório da CTNP e às casas de seus principais funcionários, como é o caso da residência de Carlota e Willie Davids localizada na área urbana e central da cidade. Portanto, a lembrança da depoente dá indícios de uma distinção social, pois, em Londrina, naquele período, moravam muitas outras pessoas, nas zonas rural e urbana, as quais não compartilhavam do mesmo conforto. Além de uma hierarquização social, é possível ver uma organização de identidade marcada por essa distinção, pois, ao mesmo tempo em que a depoente relata sobre uma cidade que estava se formando em meio a “majestade da floresta”, existe a construção de sua casa confortável e iluminada, mostrando que sua classe social é diferente daqueles que viviam em ranchos de palmito e enfrentavam os “tempos difíceis” do início da (re)ocupação ou então daqueles povos indígenas e caboclos que não compõem as grandes narrativas. Não podemos afirmar que essa tenha sido a intenção da depoente, até porque não sabemos se ela tinha conhecimento sobre esses “outros”. Entretanto, não podemos negar que, visto o contexto precário de geração de energia elétrica e a falta de estrutura do início da formação de uma cidade, que a fala da depoente indica uma distinção social e uma identidade construída de acordo com esta.

Para finalizar nossa análise, falta entender as intenções do Museu do Café do Paraná – o MHL –, ou melhor, de sua diretora ao solicitar que George Craig Smith entrevistasse Carlota Davids. Já abordamos a relação do entrevistador com o Museu e a busca de proximidade daquela instituição com os “pioneiros” da cidade e, também, seu interesse em coletar objetos para o acervo. Adiantamos que a solicitação dessa entrevista parte das mesmas intencionalidades. A diretora, em

1977, era Conceição Geraldo e em uma carta de agradecimento enviada por ela à Carlota Davids, em nome do Museu, na data de 11 de janeiro de 1979, é possível ver, mais uma vez, Geraldo utilizando de estratégias para angariar objetos e documentos.

[...] recorreremos [George Craig Smith] ao amigo para transmitir a Vossa Excelência nossos agradecimentos pela gravação de seu depoimento que veio enriquecer o acervo deste museu e ao mesmo tempo solicitar que a Excelentíssima Senhora faça doações, a este Museu, de documentos, fotografias e objetos pessoais do ilustre Dr. Willie da Fonseca Brabazon Davids, seu saudoso esposo e vulto histórico deste Norte do Paraná [...]. (OF.M 03/79)

A estratégia de Conceição Aparecida Duarte Geraldo aparece através da tentativa de criar um lugar próprio para o Museu em relação ao outro. Assim, ela coloca o MHL como uma instituição que valoriza os “pioneiros” e passa a gerir uma relação com o seu alvo, a esposa de Willie Davids, a qual já colaborou com o seu depoimento e agora pode doar objetos de seu “ilustre” marido. Por conseguinte, Geraldo capitaliza para o Museu vantagens que já vinham sendo conquistadas (CERTEAU, 1998): doações de objetos e documentos de “pioneiros”, sejam “ilustres” ou comuns. Ela percebe isso porque tem a visão do todo, já mostrou, em outras ocasiões, conhecer os discursos da CTNP e os que valorizam a figura do “pioneiro” e sabe o quão são importantes para seus objetivos como diretora. Chamar a depoente de “Vossa Excelência” também indica uma estratégia. Esse pronome de tratamento é utilizado a pessoas com alta autoridade como, por exemplo, políticos. Desta forma, utilizá-lo pode compor uma estratégia para atingir o objetivo de receber as doações esperadas. Por último, pedir os documentos apenas de Willie Davids reforça a identidade de Carlota Davids como esposa do “pioneiro”, o que, novamente, a coloca como interlocutora do marido.

4.2.2 A simultaneidade em um discurso

A entrevista de Helena Revensky e Vladimir Revensky aconteceu em 28 de setembro de 1978 e cinco de outubro do mesmo ano. A entrevistadora foi Conceição Aparecida Duarte Geraldo e contou com o auxílio de Smith, que não fez muitas interferências, mas ajudou os depoentes a lembrarem de nomes de pessoas, lugares e alguns acontecimentos da década de 1930, e de Jean Marie Breton,

professor de francês e, à época, chefe do Laboratório de Línguas da UEL, o qual parece ajudar com o manuseio do gravador, parte técnica da entrevista. O depoimento também conta com a participação, no primeiro dia de entrevista, de Freya Schultheiss, filha de Helena Revensky em seu primeiro casamento.

Acerca dos entrevistados, Helena Revensky chegou a cidade em 1931, comprou três datas próximas à atual Avenida Paraná (CASTRO, 1994) e abriu uma das primeiras padarias deste local. Ela viveu a década de 1930 com a filha, Freya Schultheiss, e o marido, Frederico Schultheiss. Após o falecimento do esposo, Helena se casou com Vladimir Revensky, em 1942, o qual era almoxarife da Companhia de Terras Norte do Paraná (CASTRO, 1994) e também chegou à cidade no início da década de 1930 (REVENSKY; REVENSKY, 1978). A condição social dos pioneiros aparenta ser positiva, pois tiveram condições de comprar terras em lugares centrais e um sítio para plantar café. Além disso, à época da entrevista, Vladimir Revensky era um dos diretores e representante da CMNP em Londrina. Por meio dessas características iniciais do depoente podemos antecipar que se trata de uma entrevista que também dá ênfase ao “pioneirismo” e à CTNP, entretanto, é um depoimento bastante denso em informações, pois, diferente de Smith, a estratégia de Conceição Geraldo não buscou apenas por memórias que ela também compartilhava com os depoentes. Essas informações, ou melhor, memórias selecionadas permitem construções identitárias mais complexas e plurais que a entrevista anterior.

Percebe-se, por meio dos questionamentos da entrevistadora, que o depoimento é separado em 11 eixos temáticos que buscaram memórias sobre “os primeiros tempos” da cidade de Londrina, ou seja, sobre o início da (re)ocupação: 1) a atuação da CTNP, com ênfase nas garantias oferecidas na compra de terras; 2) o lazer, as formas como as pessoas se distraiam e se divertiam, concertos musicais, etc.; 3) a educação, primeiras escolas, primeiros professores, entre outras questões; 4) a assistência médica, o que inclui hospitais, farmácias, médicos, curandeiros, parteiras e tipos de doenças; 5) a vida religiosa, com perguntas relacionadas ao número e tipos de igrejas; 6) os tipos de plantações; 7) a alimentação: tipos de alimentos consumidos e como eram adquiridos; 8) a habitação, com ênfase nas primeiras edificações; 9) as características das vestimentas; 10) a política: prefeitos que mais contribuíram para o progresso da cidade, etc.; 11) as impressões dos depoentes sobre a cidade de Londrina.

Essa entrevista também não vai ao encontro da metodologia de História oral que conhecemos hoje, mas é um pouco mais sistematizada que aquelas que analisamos nos capítulos anteriores. Assim como a entrevista de Carlota Davids, o local é silencioso, pois acontece na residência dos depoentes, e Conceição Geraldo parece seguir um roteiro, mas percebe-se que não são perguntas que engessam a fala dos entrevistados. Mesmo que a entrevistadora preze por atender os questionamentos do roteiro, ela permite devaneios, idas e voltas temporais na fala dos depoentes e sempre aproveita de algo que foi dito, e que achou interessante, para puxar mais assunto e buscar mais informações. Essa característica de Geraldo como entrevistadora é justificada no seu depoimento de 1989.

[...] com informações que a gente procurava coletar com outras pessoas que conviveram com a pessoa que nós iríamos entrevistar, nós elaborávamos um roteiro de perguntas, mas bem mais resumido, sabe? [...] nós percebíamos que, nas visitas que nós fazíamos aos futuros entrevistados, e... a gente sentia que era difícil interrompê-los pra fazer perguntas, que eles se entusiasmaram tanto em relatar suas histórias de vida, que quando nós interferíamos pra fazer alguma pergunta ou ele desviava ou ele não nos dava ouvidos e continuava falando. E pode observar nas gravações que nós temos, já feitas, que quase sempre ocorre isso. Eles não nos ouvem e continuam falando. [...] Então, em razão disso, vocês perguntam qual é a metodologia, né? [...] o único referencial que nós tínhamos era o trabalho feito pela Maria Dulce e o professor Donato e alguns xerox de alguns trabalhos publicados em algumas revistas especializadas sobre a História oral, sem técnica nenhuma, tudo na base do empirismo, do idealismo e da boa vontade. (GERALDO, 1989)

Novamente, o contexto da História oral no Brasil, na década de 1970, aparece e justifica os problemas metodológicos daquele período. Além disso, nesse trecho é possível ver que os funcionários do Museu procuravam por informações dos depoentes antes de iniciar a entrevista, algo que nas entrevistas analisadas nos segundo e terceiro capítulos acontecia de forma bastante precária, visto a forma improvisada que os depoentes eram selecionados. Assim, o casal Revensky foi entrevistado em dois dias, e o primeiro foi usado para angariar informações sobre os depoentes, provavelmente, para, no segundo dia de entrevista, Conceição Geraldo ter um conhecimento mais apurado da vida dos entrevistados e ter ideia do que perguntar. Essas perguntas, como dissemos, não engessaram a fala de Helena e Vladimir Revensky, talvez por causa do entendimento de Geraldo do quão pode ser difícil interromper o raciocínio do relato do entrevistado para fazer perguntas.

A entrevista não conta com introdução, as informações sobre a data e o local do depoimento ficam por conta dos agradecimentos, no final. Vamos começar a análise, então, por meio de perguntas e respostas relacionadas a alguns dos eixos temáticos da entrevista, as quais trazem seleções de memórias e construções de identidades. Assim, acerca do lazer no início da (re)ocupação da cidade:

CG: [Depois de observar fotos de um álbum de Helena Revensky] Interessante é que as mulheres participavam também de todas as festas, todas as solenidades, né, dona Helena?

HR: Sim. Sempre, sempre. Ia junto. O marido não ia sozinho, então. [...]

CG: [...] É, nós estávamos falando àquela hora sobre os concertos. E eu me lembrei de perguntar qual é, qual o tipo de divertimento da época dos primeiros tempos? O que é que as pessoas faziam pra se divertirem?

VR: Trabalhar, trabalhar e trabalhar.

CG: [...] Mas tinha que ter uma hora de folga em que se fazia outra coisa qualquer.

VR: Eu não me lembro do que que a gente fazia. [...]

GS: Então, é, o divertimento principal é a gente fazer visitas uns aos outros.

HR: É, é.

GS: Visitava, tomava um chopps, tomava uma...

VR: Chopps já tinha, cerveja, tomava uma pinga. [...]

GS: E de vez em quando a gente organizava um baile, não é?

HR: Ah, sim.

VR: Juntava-se lá no...

HR: A mocidade, a mocidade.

GS: Lá no Redondo. [...]

VR: Lá fazia-se, construíram uma... barracão redondo e chamava-se de redondo. Lá se fazia quermesse. No pátio tinha barraquinha, vendia... Pipoca, tudo essas coisas, juntar dinheiro.

CG: E juntava muita gente?

VR: Juntava. [...]

CG: E as mulheres participavam também, dona Helena, dessas festas?

VR: Lógico! [...]

VR: Quem organizava ali já tinha certo a organização da dona Carlota Davids, era...

CG: Ah, então ela participava dessas?

HR: É, a esposa do prefeito. (REVENSKY; REVENSKY, 1978)³⁵

Nesse trecho, além de seleções de memórias que colocam os depoentes e George Smith como “pioneiros” da cidade, autorizados a falar dos “primeiros tempos”, existem outras interpretações. Por exemplo, existe o interesse de Conceição Geraldo na participação das mulheres nas festas – característica que também aparece em outros momentos da entrevista. Assim, percebe-se que os

³⁵ CG: Conceição Geraldo; HR: Helena Revensky; VR: Vladimir Revensky; GS: George Smith.

entrevistados exercitam suas memórias sobre a presença e atuação das mulheres por intermédio das perguntas de Geraldo. Isso, inclusive, possibilita maiores informações sobre Carlota Davids que em sua entrevista falou mais das características e atuação do marido na cidade de Londrina. Compreende-se aqui, que a esposa do primeiro prefeito eleito se envolveu na organização de bailes e festejos. Seja isso verdade ou não, o que importa é a construção de uma identidade que ultrapassa a de apenas esposa de Willie Davids para os que a conheceram.

As perguntas de Geraldo sobre a presença feminina são sintomáticas, pois o contrário não acontece, portanto, existe a construção da identidade do feminino através da distinção com o masculino. Não há curiosidades como, por exemplo, “os homens participavam disso?”, pois não há dúvidas sobre isso, a participação dos homens é um padrão. Isso significa que existe uma negociação de identidades, mesmo que a memória “coletiva” dê ênfase à presença masculina no período da (re)ocupação do espaço, nos funcionários homens da CTNP e suas “ilustres” atuações. Para ser mais claro, de acordo com Woodward (2009), as identidades não são unificadas, existem contradições no seu interior e estas podem gerar negociações. Essas negociações também foram impulsionadas, por exemplo, pelas reformulações historiográficas dos *Annales*, quando a oralidade passou a ser um dos instrumentos para abordar a história da vida cotidiana, das mulheres, etc. (JOUTARD, 2006). Há, então, um conhecimento de Geraldo sobre a importância histórica das memórias de mulheres – e também de práticas cotidianas, como o lazer – e a tentativa de abordá-las na entrevista. As características da depoente também ajudam nesse objetivo, pois Helena Revensky é bastante ativa em sua fala, conta de acontecimentos da cidade, mas se insere como sujeito histórico e não como a coadjuvante do marido.

No trecho citado também é possível ver a utilização da criatividade diante de imposições sociais. Após ser questionado sobre “o que as pessoas faziam para se divertir”, Vladimir Revensky seleciona memórias apenas sobre o trabalho e diz que não lembra do que faziam, além de trabalhar. Essa seleção dialoga com o estereótipo da identidade do “pioneiro”, aquele que “venceu” as dificuldades dos “primeiros tempos” por meio do seu trabalho. Entretanto, com a ajuda de George Smith outras lembranças são estimuladas, falam de bebidas, bailes e, em outros momentos da entrevista, de concertos musicais. Assim, há uma apropriação do discurso do trabalho que permite o lazer e o divertimento, mostrando que as

imagens que os depoentes e Smith constroem de si mesmos, ao lembrar daquela época, ultrapassaram a trivialidade de “trabalhar, trabalhar e trabalhar”.

O mesmo também acontece quando começam a falar sobre a assistência médica na década de 1930, em Londrina. Ressaltamos que existe o interesse pelos “primeiros” médicos, hospitais e farmácias, portanto, persiste a busca pelas “origens” e pelo que é mais “antigo”. Porém, coexistem junto a esse interesse perguntas relacionadas às práticas de cura não oficiais, como curandeiros, e também há memórias sobre tratamentos alternativos de doenças, conforme o seguinte trecho:

HR: [...] depois que eu fui pra São Paulo com a minha filha, que estava doente em trinta e dois. E fiquei lá até que meu marido liquidou o emprego dele e ele veio junto. Aí já viemos em três. Aí já começou outra vida já, sabe? Ele pegou representações, ele começou trabalhar. Mas ele ficou muito doente. Ele ficou tão doente, ferida na sola do pé que ele não conseguia andar, ficava sempre sentado na cadeira.

CG: E era moço ainda?

HR: Sim. Mas ele... veio um caboclo e disse “a senhora não sabe remédio?”, “eu não sei não”. O médico veio e disse “eu também não sei”. Então o caboclo foi buscar erva do mato e me deu e eu fiz chá e ele sarou. [...]

CG: Mas nessa época já tinha farmácia aqui?

HR: Não, farmácia da Companhia. [...]

GS: [...] do próprio hospital da Companhia.

CG: Ah, por que quando se construiu o hotel da Companhia, e o escritório também, já se construiu o hospital?

GS: Pouco depois. [...]

CG: Sim. Ah, então já havia remédios na...

GS: Na própria Companhia.

HR: Na farmácia da Companhia.

CG: Sim, e havia o médico também da Companhia que atendia? [...]

HR: Sim. Eu chamei o médico e ele disse “a senhora sabe melhor do que eu”. Veio um caboclo, ele me deu um chá e eu sarei o meu marido. Mas eu não sabia [risos]. Ele disse “a senhora sabe melhor do que eu o que fazer, faça” [risos]. E assim, na base disso. Tudo [ênfase], tudo começou assim nesta base viu. Olha em trinta...

GS: O médico era o doutor Kurt Müller. [...]

CG: Esse que é vivo ainda?

GS: Ainda é vivo. Esse tá na Alemanha atualmente. (REVENSKY; REVENSKY, 1978)

É possível observar a curiosidade na assistência médica no início da formação da cidade após Helena Revensky contar sobre a ferida no pé de seu primeiro marido. Assim, percebe-se nas lembranças da entrevistada a coexistência de assistência médica formal e alternativa. Segundo a depoente, já existia médico e farmácia em Londrina, porém, também contou com práticas de cura diferentes,

sugeridas por um caboclo local. Na primeira vez em que cita a sugestão do caboclo, a entrevistada acaba sendo interrompida por perguntas sobre a existência de remédios e farmácias. Dessa maneira, Geraldo aparenta entender, ao perceber que Helena optou por “erva do mato” e um “chá”, que a assistência médica era precária, portanto, pergunta “já tinha farmácia aqui?”. Essa mudança de assunto não impossibilita que a depoente retorne ao seu raciocínio, logo depois, mostrando o quão importante foi poder “sara o marido” e que suas lembranças não se organizam apenas para enfatizar a atuação da CTNP na assistência médica local, o que aconteceu quando ela e George Craig Smith lembraram da farmácia da Companhia e do doutor Kurt Müller, um dos médicos precursores em Londrina, contratado pela Companhia (NOGUEIRA, 2012). Pode-se dizer que existe nessas lembranças uma organização identitária da assistência médica em Londrina baseada nas “origens”, porém, essa construção não é estática e nem definitiva (MENESES, 1993) a partir do momento em que a entrevistadora insere práticas médicas alternativas em seu discurso.

Entretanto, não podemos deixar escapar um importante detalhe. Ao se referir à pessoa que a ensinou o “chá”, Helena Revensky o chama de “caboclo” e isso indica uma identidade construída por meio da diferença, pois, se este indivíduo estava na cidade, na década de 1930, por que não é identificado como “pioneiro”? Ou melhor, a depoente não se identifica em nenhum momento como cabocla, mas identifica o outro como tal, o que é sinal de uma distinção.

Assim, de acordo com o Dicionário da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras (2008) a palavra *caboclo* pode significar mestiço de branco com índio. Essa definição parece apropriada ao contexto londrinense, visto que existiam caboclos e povos indígenas na região de Londrina, antes do início da (re)ocupação da CTNP, de migrantes e imigrantes (LEME, 2013; TOMAZI, 1997). É importante lembrar que, na entrevista de Carlota Davids, Smith fala dos “pioneiros” que trouxeram a “civilização” para esse local da “mata virgem”, desconsiderando atuação de outros. Helena Revensky, por sua vez, usa um tom mais ameno ao marcar a diferença entre os “pioneiros” e os outros que aqui viviam. Assim, de acordo com Woodward (2009), a diferença pode partir de uma construção negativa do outro, excluindo e marginalizando os “forasteiros”, mas ela também “[...] pode ser celebrada como uma fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora” (WOODWARD, 2009, p.50).

Essa heterogeneidade de identidades também aparece mais ao final da entrevista, quando Conceição Geraldo pergunta sobre a existência de curandeiros na cidade. Esse questionamento estimula as lembranças de Vladimir Revensky e faz o relato ultrapassar aquelas memórias fortes e ancoragens da identidade descritas por Candau (2011).

CG: E... Curandeiros, nos primeiros tempos, dona Helena, tinham os curandeiros?
 HR: Não. Cada caboclo [interrompida].
 CG: Os benzedores?
 HR: Cada caboclo sabia o, a erva do mato que era boa. Pra mim mesmo [interrompida].
 VR: Eu conheci um curandeiro pra animais, ele curava animais sem nem chegar perto. [...]
 CG: Hum, e o senhor se lembra o nome dele?
 VR: Ah, não lembro.
 HR: Não, não.
 CG: E realmente curava, seu Revensky?
 VR: Curava.
 HR: Curava, curava, até nosso cachorro ele curou.
 VR: O bicho só de olhar pra ele, “pode ir pra casa, pode chegar, não tem mais bicheira”. E não tinha mais bicheira, não sei como ele fazia.
 CG: Então o senhor teve a oportunidade de, é, ver, observar.
 VR: Observar. Tinha curandeiro.
 HR: Tinha mesmo.
 VR: Mas pra animas, pra gente eu não sei, eu nunca procurei. (REVENSKY; REVENSKY, 1978)

Aqui, e também no trecho anterior, há indícios de táticas utilizadas pelos habitantes da região no trato da saúde. De acordo com Certeau (1998), a tática é uma ação calculada e determinada pela ausência de um lugar próprio, ela joga em um terreno imposto por aqueles que têm uma visão do todo e sabem como atacar um inimigo ou alcançar um alvo. A CTNP era detentora dessa visão, pois fazia parte do seu plano de colonização oferecer assistência médica à população (NOGUEIRA, 2012), mas isso não aconteceu de um dia para o outro e nem todos tinham acesso a hospitais e médicos.

Cada grupo trouxe seus saberes étnicos e tratou de adaptá-lo a esta terra e a suas condições, mas, para os trabalhadores mais pobres e as pessoas marginalizadas, [...] os recursos para curar os males e doenças do cotidiano estavam na medicina alternativa, praticada pelos especialistas populares: benzedoras e erveiros que somavam conhecimento empírico com o saber sagrado. (ANDREI, 2012, p.75).

Essa citação mostra a astúcia – a tática – de curandeiros e daqueles que os procuravam para superar os problemas impostos pela precária assistência médica. A fala do senhor Revensky vai ao encontro disso, porém, ele diz não ter utilizado dessas práticas para si, mas para o cachorro. Isso pode estar relacionado ao seu vínculo com CTNP e sua classe social que permitiam o acesso à médicos e hospitais. Entretanto, se levarmos em consideração a fala de Helena, percebe-se que a condição social e a assistência médica não impediam o uso de práticas de cura, como é o caso do chá que ela diz ter curado o marido e outras receitas caseiras citadas por ela ao longo da entrevista. A fala de Vladimir Revensky pode, então, estar relacionada à construção de uma imagem de si, pois falar das práticas de cura lhe davam a oportunidade de relatar algo diferente sobre o início da (re)ocupação, algo que Geraldo queria ouvir, mas, a partir do momento em que ela questiona se ele também compartilhava dessas práticas, ele parece se distanciar, criando outra imagem.

Ressaltamos que esse relato permitiu enxergar a coexistência e negociação de identidades, o que pode ser consequência da complexidade da década de 1970 diante de crises identitárias – que colocavam em cheque identidades fixas –, mudanças e continuidades de visões de mundo, de museu, de história, etc. A relação entre entrevistadora e entrevistados também viabilizou essa coexistência. Conceição parece ter consciência da importância dos assuntos cotidianos, da atuação das mulheres e das práticas populares àquele período e ao Museu, por isso transita entre esses assuntos e aqueles delimitados por memórias fortes, grandes narrativas e discursos ideológicos. Por exemplo, há uma grande curiosidade da entrevistadora em saber da garantia que a Companhia oferecia aos compradores de terras, o que acabou desencadeando e reafirmando discursos nos quais a CTNP é vista como assistencialista, ocultando seus interesses lucrativos, o que é característica de um discurso ideológico forjada pelos funcionários e dirigentes daquele empreendimento (TOMAZI, 1997). A escolha dos entrevistados também é sintomática, pois trata-se de “pioneiros” com todos os estereótipos consagrados: pessoas que chegaram no início de 1930, cresceram social e economicamente, plantaram café e tiveram uma relação próxima à CTNP. Não há como afirmar que sejam membros de uma elite, mas também não estamos falando de pessoas anônimas.

Destacamos que não buscamos esgotar as possibilidades de construção de identidades a partir das seleções de memória dessa entrevista – e nem das outras. O depoimento do casal Revensky é um dos mais longos e com assuntos mais diversificados do acervo da década de 1970. Portando, existem várias outras alternativas de análise como, por exemplo, o eixo da vida religiosa em Londrina, quando Helena Revensky, membro da Igreja Luterana, responde a Geraldo se frequentava a primeira Igreja Católica da cidade: “Eu vou quando tem um batizado, casamento, eu vou em todas as igrejas, mas eu não frequento uma igreja se não é a minha.” (REVENSKY; REVENSKY, 1978). Há aqui uma construção identitária que permite a diferença, é tolerante e, ao mesmo tempo, mostra a diversidade religiosa na cidade e uma construção da imagem de si por meio da identificação com o luteranismo.

Acerca das intenções de Geraldo com essa entrevista, percebe-se uma tentativa de aproximar esses depoentes ao MHL, ter apoio e conseguir doações. Helena Revensky recorreu, em vários momentos da entrevista, ao uso de fotografias que, segundo Alberti, “[...] podem ser úteis para reavivar a lembrança sobre acontecimentos passado” (ALBERTI, 2008, p.179), e despertaram o interesse de Geraldo. Por exemplo, ao falarem dos alunos da primeira escola alemã de Londrina, Helena diz ter uma fotografia e Geraldo logo indaga: “Ah, a senhora, e tem essa fotografia? Nossa! Pro Museu é muito importante, dona Helena! Pelo menos a cópia dela, se a senhora quiser emprestar pra gente fazer a cópia.” (REVENSKY; REVENSKY, 1978). Os reflexos dessa busca por doações e aproximação do casal ao Museu aparecem, depois, em 1979, na gestão de Olympio Luiz Westphalen,

[...] temos a satisfação de expressar nossos agradecimentos pela valiosa doação, que nos chegou às mãos, por intermédio do querido e sempre prestativo amigo Sr. George Craig Smith, representada por onze exemplares da revista “A Pioneira”, compreendendo os números de maio de 1948 a dezembro de 1954, importante documento da evolução histórica de Londrina e região [...]. Assim o ilustre casal Revensky, mais uma vez, torna-se credor da gratidão do Museu [...] que os considera, além de sua relevante posição histórica, um dos pontos altos da galeria de seus amigos e benfeitores. (OF. M 360/79)

Essa carta enviada por Westphalen ao casal Revensky, em sete de novembro de 1979, indica os frutos esperados por Conceição Geraldo ao fazer a entrevista em 1978. Helena e Vladimir doaram vários exemplares de uma das primeiras revistas

que circulou em Londrina, em meados dos anos 1940, *A Pioneira*, a qual era “[...] veículo de propaganda do norte do Paraná” (KOMARCHESQUI; BONI, 2013, p.4). Além disso, percebe-se uso da estratégia por Westphalen ao se referir ao casal como “ilustre”, “amigos” e “benfeitores” do Museu. Esse diretor continuou com os objetivos idealizados por Conceição Geraldo, como vimos no terceiro capítulo, quando ele deu continuidade a montagem da exposição do cinquentenário da caravana.

4.2.3 Um visitante “precioso” e um relato atípico

A última entrevista que iremos analisar traz o relato de Francisco Adam, carpinteiro e imigrante estadunidense que chegou ao Brasil, em 1916, para trabalhar em lavouras na cidade de Birigui, em São Paulo, segundo o cadastro de pioneiros do Museu Histórico de Londrina. Adam veio a Londrina, pela primeira vez, em 1934; voltou para Birigui, se casou, e em 1936 retornou para a cidade com a família (ADAM, 1979). Trata-se da entrevista de um trabalhador braçal que cortava madeira na mata, mas não há em sua entrevista indícios de contrato com a CTNP. Na ocasião do depoimento, Adam estava acompanhado de seu filho, Luís Adam, que participou em poucos momentos. O depoimento foi feito em 10 de julho de 1979 e o entrevistador foi o ex-diretor do Museu, Olympio Luiz Westphalen, que acabara de assumir a direção daquela instituição e compartilhava dos mesmos interesses de Conceição Geraldo acerca da importância dos “pioneiros”.

O local da entrevista é silencioso, aconteceu no Museu Histórico de Londrina, quando este ainda se localizava nos porões do Grupo Escolar Hugo Simas. Westphalen parece seguir um roteiro dividido entre os seguintes eixos: 1) quando, com quem e por qual razão o depoente se mudou para Londrina; 2) quais atividades ele exerceu; 3) descrição da floresta; 4) perguntas pessoais sobre quantidade de filhos, data de casamento, parentes; 5) política; 6) descrição da vida nos “primeiros tempos”. Entretanto, apesar de ser uma entrevista mais organizada, o entrevistado foi escolhido de surpresa, o que parece ser consequência de uma visita ao Museu, mostrando a continuidade do improvisado. No seguinte trecho é possível vermos a forma como o entrevistador enxerga o depoente e os motivos de sua seleção repentina:

OW: Neste momento temos a satisfação de receber nesta casa [Museu Histórico de Londrina] o senhor Francisco Adam, pioneiro da nossa cidade, que se faz acompanhar de seu filho Luís Adam. Nesta oportunidade, em que recebemos tão preciosos visitantes, vamos procurar obter do senhor Francisco algumas informações sobre seus primeiros tempos em nossa cidade. Primeiramente, senhor Francisco, queremos saber quando o senhor chegou a Londrina? Em que data? A mais aproximada possível, né? (ADAM, 1979)

De acordo com Olympio Westphalen, Francisco Adam é um “pioneiro” da cidade de Londrina que, na ocasião, estava visitando o MHL acompanhado do filho. É interessante notar que não há registro no acervo de outros depoimentos produzidos neste mesmo dia, 10 de julho de 1979, ou no mesmo mês. Em outras palavras, Francisco Adam não foi escolhido apenas por estar visitando o Museu naquele momento, pois é presumível que outras pessoas também o tenham visitado naquele dia e mês, mas não foram contempladas com entrevistas. Provavelmente, o diretor do Museu, ao perceber que estavam recebendo “preciosos visitantes”, aproveitou o momento para registrar informações sobre os “primeiros tempos” de Londrina. O interesse em entrevistar um “pioneiro” fica ainda mais claro quando Westphalen inicia as perguntas questionando quando o depoente chegou a Londrina, ao invés de começar pela data de nascimento ou informações sobre a história de vida de Adam antes de chegar a cidade. Percebe-se que em nenhum momento da entrevista Westphalen faz perguntas aprofundadas sobre a vida do entrevistado antes de se mudar para a cidade ou após a década de 1930, mostrando, assim, que suas intenções se pautaram em registrar informações sobre o início da formação de Londrina.

Assim, mais uma vez, existe a construção da identidade do “pioneiro” a qual chega a desconsiderar outros aspectos da vida do depoente, gerando uma visão limitada das experiências daquele sujeito. Entretanto, algumas partes do relato de Adam desconstruem estereótipos de mitos fundadores e dos padrões colocados aos “pioneiros”.

OW: Senhor Francisco, qual era o propósito que o senhor tinha ao se dirigir a esta região do norte do Paraná?

FA: Eu tava com vontade de comprar um terreno aqui em Londrina, no fim comprei mesmo, mas não deu certo, atrapaçou aí...

OW: O que o senhor... O seu propósito era adquirir um terreno para se dedicar a lavoura?

FA: É.

OW: Que tipo de lavoura?

FA: Café.

OW: Café. E infelizmente não deu certo, né? E o senhor se desfez do terreno?

FA: [Não entendeu a pergunta].

OW: Vendeu o terreno que havia adquirido?

FA: Vendi.

OW: Senhor Francisco, então o senhor passou a exercer qual atividade?

FA: Comecei com madeira, no mato.

OW: Cortando madeira no mato?

FA: Fiquei 33 anos no mato [muito baixo]. (ADAM, 1979).

Nesse trecho, percebe-se que os objetivos de Adam, ao comprar um terreno e tentar plantar café na década de 1930, não foram alcançados, o que indica uma quebra de padrão da figura do “pioneiro” e do discurso de felicidade da CTNP. Portanto, há uma segunda organização de identidade que ultrapassa discursos prontos e ideológicos, pois o seu exercício de lembrança não constrói uma imagem positiva do passado e, conseqüentemente, mostra uma diferença frente ao discurso de outros “pioneiros”. Esse rompimento de padrões aparenta ir ao encontro do discurso de Geraldo, que analisamos no primeiro capítulo, quando ela diz que mais importante que o destaque na sociedade, era a participação das pessoas no desenvolvimento da cidade, por meio de trabalhos comuns (GERALDO, 1989).

Outro detalhe desse trecho diz respeito à condução da entrevista. Há uma característica de Adam que precisamos ressaltar. Talvez, por ter sido entrevistado de surpresa, o depoente não parece à vontade e, em vários momentos, utiliza respostas curtas, fazendo a entrevista andar depressa. Isso pode remeter tanto a uma característica retraída do depoente como a um problema no roteiro ou ao imprevisto da entrevista, que é justificável devido ao período em foi feita, “tecla na qual já batemos” e saturamos, mas, para maiores esclarecimentos, segundo Alberti (2008), em uma entrevista de História oral é necessário utilizar perguntas abertas que levem o entrevistado a refletir sobre o tema e que não possam ser respondidas apenas com “sim” ou “não”.

Essa dificuldade de comunicação entre entrevistador e entrevistado fica ainda mais clara no seguinte trecho:

OW: Senhor Francisco, nós tivemos grande satisfação de recebê-lo aqui em companhia de seu filho Luís e nos sentimos bastante orgulhosos, né? Em poder conviver com um dos pioneiros de nossa cidade e, nessa oportunidade, agradecendo a sua presença, o convidamos para voltar sempre para o nosso museu e também a participar no próximo mês de agosto, dia 21 de agosto, a partir do dia 21 de agosto, a mostra que iremos fazer relembrando, comemorando

o início da colonização e a primeira expedição que chegou aqui a este rincão do Paraná, do Brasil. E nessa oportunidade também queremos ouvir, né? Um pouco da palavra do seu filho Luís, né? Antes das nossas despedidas finais.

LA: Eu agradeço é, também, em nome do meu pai, essa oportunidade e pena que foi pego de surpresa senão ele poderia ter tentado lembrar de algum fato, algum fato que merecesse assim um registro. De qualquer forma o meu muito obrigado.

OW: A respeito dessa surpresa eu digo ao Luís que não é problema, porque poderemos ter outra oportunidade, né? O senhor Francisco poderá preparar as suas lembranças, suas memórias, né? Para que em outra oportunidade possamos fazer uma entrevista, né? Maior, né? Com um relato mais circunstanciado do seu tempo e sempre será uma satisfação para que possamos ter aqui esta... mais esta lembrança dos primórdios de nossa cidade. Muito obrigado e até a próxima oportunidade. (ADAM, 1979)

Percebe-se que o filho de Francisco Adam, Luís Adam, percebeu o retraimento do pai na entrevista e justifica isso pela surpresa do depoimento. Essa justificativa também pode ser um indicativo de que o depoente não tenha atendido às expectativas do entrevistador no que diz respeito às experiências que se esperava ouvir de um “pioneiro”. Entretanto, Westphalen não deixa de utilizar de estratégias para aproximar este sujeito ao Museu, ele ressalta o prazer em “poder conviver com um dos pioneiros” e ainda o convida para a exposição do Cinquentenário da Caravana feita, em especial, para este público. Também existe nesse trecho a consciência de Olympio Westphalen sobre os problemas em fazer uma entrevista de surpresa, principalmente, quando ele fala que em outra oportunidade o depoente poderá ter um “relato mais circunstanciado do seu tempo”.

Ainda acerca das expectativas do entrevistador para com o relato, o próximo trecho também parece apontar uma certa falta de compasso entre ambos e a desconstrução de um discurso positivo acerca da estrutura da cidade na primeira década da (re)ocupação:

OW: O senhor tem algum fato curioso ocorrido nos seus primeiros tempos aqui em Londrina?

FA: Hum, tem. Que nem em uma ocasião, esse finado meu irmão quase ficou em baixo de umas tora, foi no carregar de um caminhão, nós tava ajudando até o chofer lá e arreberto o carro e as tora vortou e pegou meu irmão em baixo, mas graças a Deus não aconteceu nada.

OW: É o senhor, quantos filhos o senhor possui?

FA: Nove. [...]

OW: O seu irmão deixou descendência?

FA: Tem. Tem sete filhos.

OW: O senhor Caldana ainda é vivo? (ADAM, 1978)

Olympio Luiz Westphalen pergunta sobre um “fato curioso” do depoente nos “primeiros tempos” da cidade. Entretanto, depois de respondida a pergunta, não há maiores interesses ou reflexões sobre o assunto o que pode indicar o não atendimento de uma expectativa de Westphalen ou a pressa em terminar o depoimento ou, ainda, a ânsia do entrevistador em coletar informações sobre a família do entrevistado. A última opção também reforça a busca de Westphalen pela aproximação entre o Museu e os “pioneiros” da cidade, uma vez que ele pergunta sobre o irmão de Adam, de nome não identificado, e sobre o cunhado, João Caldana, ambos vieram junto com o depoente para Londrina, na década de 1930.

A curiosidade contada por Adam também indica um dos problemas do processo de (re)ocupação, relacionado a acidentes de trabalho, e a seleção de uma memória que, mais uma vez, não reforça discursos positivos. O depoente lembra com nostalgia em poucos momentos da entrevista, como quando Westphalen pergunta “E o que é que o senhor me diz da floresta, do perobal e de outras madeiras existentes na época?” e Adam responde “Foi muito bom, era divertido [risos]” (ADAM, 1978). Entretanto, não podemos esquecer que os “primeiros tempos” também são vistos como os “tempos difíceis”, portanto, há a valorização dos “pioneiros” tanto por seu destaque social e econômico quanto por terem “vencido” as adversidades daquele período, segundo discursos consagrados. A questão é que Adam não reforça estereótipos em sua fala, ele não busca por isso, quem faz isso é Westphalen ao utilizar, por exemplo, as frases: “preciosos visitantes” e “nos sentimos bastante orgulhosos [...] em poder conviver com um dos pioneiros da nossa cidade” (ADAM, 1979). O depoente não constrói a imagem de um “pioneiro vencedor”, não traz nome de figuras de destaque, não fala da CTNP e, por último, não organiza uma imagem de si por meio de aspectos positivos como aconteceu em outras entrevistas analisadas neste capítulo. Ele apenas responde às perguntas e seleciona as memórias que mais o marcaram. Em outras palavras, ele não reforça mitos fundadores e, até quando lembra de “tempos difíceis”, não usa essas lembranças para organizar uma imagem positiva de si.

4.2.4 Crises identitárias e memórias instrumentalizadas

As entrevistas lidam com a dimensão prática da memória, categoria discutida por Ricoeur (2007), pois nos depoimentos as memórias são instrumentalizadas para

gerar uma interpretação do passado. Como vimos, essa dimensão da memória é concernente à construção de identidades. Porém, as identidades são vulneráveis ao tempo uma vez que “[...] os conteúdos novos não são facilmente absorvidos quando a identidade está em causa [...] o novo representa, aí, descontinuidade do referencial, logo, ameaça, risco” (MENESES, 1993, p.208).

Isto posto, percebe-se que nas entrevistas analisadas neste capítulo existe um certo medo do novo, geralmente, por parte dos entrevistadores. Para ser mais claro, nos três depoimentos existe a busca por relatos dos “primeiros tempos”, os quais quase não ultrapassam experiências na década de 1930 em Londrina. Não ultrapassam, principalmente, porque os entrevistadores não priorizaram por isso, pois, conforme abordamos em vários momentos desta pesquisa, um depoente poderia não dizer as mesmas coisas se não fossem os questionamentos daqueles que os entrevistam (PORTELLI, 1997; ALBERTI, 2008).

Este receio do novo está relacionado a um momento de crise de identidades, pois “A identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe fixo, coerente e estável é descolado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, 1990, p.4 apud WOODWARD, 2009, p.19). O “progresso” de Londrina foi colocado em cheque devido à crise do Eldorado e, também, a vários outros problemas urbanos e sociais. Compreende-se, assim, que as pessoas que falavam em nome do Museu Histórico de Londrina, ou seja, os entrevistadores, e os depoentes tinham o presente como referência, pois, de acordo com Meneses (1993), a identidade se fundamenta nas necessidades do presente, mesmo que faça apelos ao passado este é usando para atender aos interesses do presente.

Entretanto, não podemos desconsiderar a existência de negociações e de uma certa tolerância de identidades, principalmente no depoimento do casal Revensky. A inserção de perguntas e dúvidas sobre a presença e atuação de mulheres, assim como a coexistência de práticas de cura alternativas e assistência médica e a presença de caboclos na região mostraram relações sociais mais complexas referentes aos anos 1930 e a década de 1970. O período em que a entrevista foi gravada, devido às incertezas de uma época de transição – e não de rupturas –, foi propício para que essas memórias vissem à tona e fossem problematizadas.

O depoimento de Francisco Adam também fugiu do padrão das grandes narrativas, mesmo que Westphalen priorizasse memórias fortes e consagradas.

Como vimos, o depoente não visou ressaltar aspectos positivos de suas experiências na década de 1930. Portanto, é uma identidade que permite a quebra de modelos, algo sintomático para a década de 1970, momento de grandes questionamentos tanto para o nível local e regional, como para os museus e a História oral.

O depoimento de Carlota Davids também mostra a complexidade dos anos 1970, pois é o que mais reforça narrativas ideologizadas e memórias fortes disseminadas, principalmente, pelos discursos da CTNP. O entrevistador é o principal responsável por essa característica. Ao mesmo tempo em que George Craig Smith percebe a diferença, ressaltando a importância dos “pioneiros”, e não de outros, para a construção de uma “civilização” em Londrina, ele também obscurece a presença destes “outros”, pois a afirmação de uma identidade, segundo Woodward (2009), pode omitir diferenças.

Essas entrevistas também mostram as estratégias daqueles que representavam o Museu e buscavam alcançar a proximidade entre os “pioneiros” e a instituição museológica. Conforme abordamos, as entrevistas de Carlota Davids e do casal Revensky garantiu essa aproximação e, depois, doações estimadas pelos diretores. Portanto, além das construções de identidades organizadas pelos próprios depoentes, existia uma sistematização identitária dentro do Museu, voltada à figura do “pioneiro” e à tentativa de constituir uma instituição que preservasse a identidade destes, logo, um reforço de mitos fundadores. Entretanto, essa construção viabilizou tanto os discursos consagrados como identidades mais plurais, voltadas para a presença de mulheres, práticas de curas alternativas e a permissão de depoimentos como o de Adam.

Assim, podemos ressaltar, mais uma vez, o trânsito de memórias consagradas e plurais. Essa coexistência é reflexo de um complexo contexto identitário local e regional e, por conseguinte, de identidades marcadas pelas diferenças que às vezes são tolerantes e outras nem tanto. Essas identidades também mostram que não possuem lógicas fixas, pois podem reforçar o raciocínio de grandes narrativas ao mesmo tempo que fazem o contrário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, a década de 1970 se mostrou um período de mudanças e de coexistência de percepções sobre as funções de um museu, sobre os usos e os objetivos da História oral e sobre as memórias e identidades que deveriam ser preservadas na cidade de Londrina. É nesse contexto que o MHL, naquela época Museu Geográfico e Histórico do Paraná, iniciou a coleta de depoimentos orais, influenciado pelos objetivos do Arquivo Histórico em realizar entrevistas com pessoas consideradas pioneiras do norte do Paraná, especialmente de Londrina.

De acordo com Verena Alberti (2008), os depoimentos orais, voltados para a história, podem lançar luz sobre contextos. Portanto, ao longo da análise das entrevistas foi possível perceber que a utilidade das fontes orais está na forma como “[...] revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar as entrevistas e a narração em seu contexto histórico” (PORTELLI, 1997, p.33). Os depoimentos lidam com representações do passado que foram apropriadas de acordo com o contexto em que a pessoa está inserida e com o reflexo do passado na situação atual do depoente. O que existe nas entrevistas são as autorepresentações dos narradores, entendimento que torna as seleções de memórias e o “não-dito” mais compreensíveis (SHEER, 2015).

Podemos ver, por meio dos depoimentos, todo aquele complexo contexto de mudanças e coexistência de percepções de museu e identidades. Ao identificar e problematizar as percepções de museu dos depoentes, percebemos que os entrevistados se apropriaram das exposições por meio de suas próprias experiências, as quais não são homogêneas, o que gerou percepções de variados tipos. A mensagem que as exposições, segundo as intenções de sua concepção, buscaram mediar foi ultrapassada pelas apropriações. Podemos dizer que na exposição do Museu do Café do Paraná, devido aos objetos simples, voltados para o cotidiano de trabalho nas lavouras de café, a maioria dos depoentes alcançaram lembranças de um cotidiano comum e enxergaram o museu como espaço desta temática. Entretanto, também há vestígios de mitos fundadores nas percepções de museu, que enxergam aquele espaço como lugar de histórias épicas. As percepções se pautaram em sentimentos nostálgicos, que enxergam o Museu como o lugar do passado propriamente dito, em análise de objetos como produto e vetores de

relações sociais e naquele espaço como a oportunidade de falar e abordar os primórdios e os feitos “históricos” dos “pioneiros”.

As entrevistas da exposição do Cinquentenário da Caravana, mostraram percepções mais de acordo com os mitos fundadores, mas, também, não foram passivas ou uniformes. A presença do chefe daquela caravana, George Craig Smith, na organização e durante a exposição influenciou a percepção de museu de outros visitantes, como é o caso de Gabardo (1979), que enxergou, por meio de Smith, o museu como lugar da “história viva”. Entretanto, mesmo que a exposição buscasse reforçar os “tempos difíceis” e os primórdios da (re)ocupação como o período do início de uma epopeia, Sancevero (1979) possui percepções mais críticas acerca daquele momento. As percepções mostraram, então, que as exposições são leituras possíveis e não um conhecimento acabado (MENESES, s/d apud RAMOS, 2001).

As percepções dos entrevistadores também não são homogêneas. Na exposição do Museu do Café, Conceição Aparecida Duarte Geraldo buscou pela temática do homem comum no contexto regional, tanto na exposição quanto no direcionamento da entrevista de Guariente (1977). Ao mesmo tempo ela viu, naquele momento, a oportunidade de levantar críticas sobre o “extermínio da natureza”, consequência do processo de (re)ocupação. Entretanto, Geraldo usa estratégias quando ressalta destaque do “pioneiro” que escolheu como depoente, Guariente (1997), devido este ser naquela época gerente do Banco Noroeste e ela, futuramente, vir a precisar de seu apoio para dar continuidade ao Museu do Café. Já Marina Zuleika Scalassara, possui uma percepção de museu voltada para a produção de conhecimento. Sua estratégia pareceu ver as entrevistas como uma forma de angariar informações sobre os documentos do museu, facilitando a investigação. Entretanto, ao perguntar sobre os feitos históricos do “pioneiro”, pai de Silva (1977), mostrou um compasso com o enaltecimento destes e, consequentemente, com mitos fundadores. Na exposição do Cinquentenário, Cezar Augusto Benevides enxerga a função pedagógica dos museus, em preservar, para o futuro, as memórias selecionadas no presente e, no caso da sua percepção, essas memórias são aquelas vinculadas a exaltação dos pioneiros.

Acerca das seleções de memórias e construções de identidades presentes nos depoimentos que analisamos no quarto capítulo, percebemos que o contexto de crise identitária de Londrina e do norte do Paraná propiciou tanto identidades que

dialogaram com discursos consagrados como outras que reforçaram táticas, a construção da imagem de outros sujeitos históricos e aspectos não só positivos e nostálgicos do início da (re)ocupação. Por exemplo, percebe-se a construção de identidades de mulheres marcada pela figura do marido ou pela atuação no contexto regional. Davids (1977) tem sua identidade construída pelo entrevistador, Smith, como a mulher e viúva do primeiro prefeito eleito de Londrina, enquanto na entrevista do casal Revensky é possível perceber que a entrevistadora e os entrevistados mostraram a atuação feminina de outra forma. O diálogo de discursos consagrados aparece, especialmente, na fala de George Craig Smith, ao entrevistar Davids (1977), acerca da atuação positiva dos “pioneiros” e da CTNP, ambos responsáveis pela construção de uma “civilização”. Mas também existe, no relato de Helena e Vladimir Revensky (1978), a presença de prática de curas alternativas e de caboclos o que acaba por construir uma identidade de Londrina para além de discursos oficiais. Logo, são lembranças que às vezes toleram as identidades de “outros”, mas também podem silenciá-las.

Assim, identificamos e problematizamos a coexistência de percepções de museu e de construções identitárias e não rupturas entre o novo e o consagrado. Além disso, as circunstâncias em que as entrevistas foram produzidas e os métodos utilizados, mostraram a falta de uma metodologia sistematizada, o que faz todo sentido segundo a História oral da década de 1970. Em linhas gerais, levar o contexto da produção dos depoimentos em consideração ajudou a perceber relações sociais complexas, identidades que não são fixas, variadas percepções de museu e a forma como a História oral se desenvolveu antes de sua consolidação.

REFERÊNCIAS

Fontes principais:

ADAM, Francisco. **Francisco Adam**: depoimento oral [10 jul.1979]. Entrevistador: WESTPHALEN, Olympio Luiz. Londrina: MHL, 1979. 1 fita cassete (cópia em CD). Entrevista concedida ao MHL. Acervo MHL.

DAVIDS, Carlota de Melo Peixoto. **Carlota de Melo Peixoto Davids**: depoimento oral [19 nov. 1977]. Entrevistador: SMITH, George Craig. São Paulo: residência da entrevistada, 1977. 1 fita cassete (cópia em CD). Entrevista concedida ao Museu do Café do Paraná. Acervo MHL.

SANCEVERO, Constância Vieira Gonçalves. **Constância Vieira Gonçalves Sancevero**: depoimento oral [ago. 1979]. Entrevistador: BENEVIDES, Cezar Augusto Carneiro. Londrina: MHL, 1979. 1 fita cassete (cópia em CD). Entrevista concedida ao MHL. Acervo MHL.

GUARIENTE, Gerson. **Gerson Guariente**: depoimento oral [abr. 1977]. Entrevistadora: GERALDO, Conceição Duarte. Londrina: Museu do Café do Paraná, 1977. 1 fita cassete (cópia em CD). Entrevista concedida ao Museu do Café do Paraná. Acervo MHL.

PEREIRA, Sebastião Bernardini. **Sebastião Bernardini Pereira**: depoimento oral [abr. 1977]. Entrevistadora: SCALASSARA, Marina Zuleika. Londrina: Museu do Café do Paraná, 1977. 1 fita cassete (cópia em CD). Entrevista concedida ao Museu do Café do Paraná. Acervo MHL.

REVENSKY, Helena; REVENSKY, Vladimir. **Helena Revenky e Vladimir Revenky**: depoimento oral [28 set. 1978 e 05 out. 1978]. Entrevistadora: GERALDO, Conceição Duarte. Londrina: residência dos entrevistados. 1 fita cassete (cópia em CD). Entrevista concedida ao MHL. Acervo MHL.

SILVA, Dilma de Oliveira. **Dilma de Oliveira Silva**: depoimento oral [abr. 1977]. Entrevistadora: SCALASSARA, Marina Zuleika. Londrina: Museu do Café do Paraná, 1977. 1 fita cassete (cópia em CD). Entrevista concedida ao Museu do Café do Paraná. Acervo MHL.

SMITH, George Craig; GABARDO, João Olivir. **George Craig Smith e João Gabardo**: depoimento oral [ago. 1979]. Entrevistadores: _____. Londrina: MHL, 1979. 1 fita cassete (cópia em CD). Entrevista concedida ao MHL. Acervo MHL.

Fontes complementares:

Depoimentos orais

GERALDO, Conceição Duarte. **Conceição Duarte Geraldo**: depoimento oral [23 out. 1989]. Entrevistadoras: PEREIRA, Adriana Lacava Ruffato; ZANOVA, Maria. Londrina: residência da entrevistada, 1989. Fita cassete (cópia em CDs). Entrevista

concedida ao Projeto Aparelhamento e Organização do Núcleo de História Oral. Acervo NDPH.

GERALDO, Conceição Duarte; SCALASSARA, Marina Zuleika. **Conceição Duarte Geraldo e Marina Zuleika Scalassara**: depoimento oral [mar./abr. 2016]. Entrevistadora: SILVA, Taiane Vanessa da; GARCIA, Thiago Machado. Londrina: MHL, 2016. Cópia em DVDs. Entrevista concedida ao MHL. Acervo MHL.

SCALASSARA, Marina Zuleika. **Marina Zuleika Scalassara**: depoimento oral [out. 2015]. Entrevistadora: NOGUEIRA, Amelia Tozzetti; SILVA, Taiane Vanessa da. Londrina: residência da entrevistada, 2015. Cópia em DVDs. Entrevista concedida ao MHL. Acervo MHL.

SMITH, George Craig. **George Craig Smith**: depoimento oral [1973]. Entrevistadores: GOTTI, Maria Dulce; PARISOTTO, Donato. Londrina: local desconhecido, 1973. Fita cassete (cópia em CD). Entrevista concedida ao Arquivo Histórico. Acervo NDPH.

WESTPHALEN, Olympio Luiz. **Olympio Luiz Westphalen**: depoimento oral [29 out. 1979]. Entrevistador: REIS, José Cesar. Londrina: Estúdio de gravação do Laboratório de Línguas do CCH, 1979. Fita cassete (cópia em CD). Entrevista concedida ao Arquivo Histórico. Acervo NDPH.

Artigos de Jornais

MAGALHÃES, Antônio Vilela. Relatório de 1935 da CTNP. **Folha de Londrina**, Londrina, 29 abr. 1975. Acervo do MHL.

Mostra Inicial do Museu do Café do Paraná. **Jornal Folha de Londrina**, Londrina, 01 abr. 1977. Caderno 1, s/p. Acervo do MHL.

Museu da UEL. **O Perobal**, Londrina, fev. de 1978, p. 16. Acervo do MHL.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal**: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

ADUM, Sônia Maria Sperandio Lopes. Historiografia norte paranaense: alguns apontamentos. In: ALEGRO, Regina Célia. et al. (Org.). **Temas e questões para o ensino de história do Paraná**. Londrina: Eduel, 2013. p.01-26.

ALBERTI, Verena. Obras coletivas de história oral. **Tempo**, Revista do Depto. de História da UFF, Rio de Janeiro, v.2, nº 3, p.206-219, jun. 1997.

ALBERTI, Verena. **O acervo de história oral do CPDOC**: trajetória de sua constituição. Rio de Janeiro: CPDOC, 1998. 18f.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla. et al. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p.155-202.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. Um contexto, dois olhares: fotografias de natureza segundo José Juliani e Haruo Ohara. **História Social**, Revista dos pós-graduandos em História da Unicamp, Campinas, n.11, p.75-94, 2005.

ANDREI, Elena Maria. Práticas e rituais de cura: memórias das populações negras em Londrina. In: ALEGRO, Regina Célia. (Coord). **Cuidar, curar, lembrar**: memória da saúde em Londrina. Londrina: UEL, 2012. p. 74-75.

ARIAS NETO, José Miguel. Pioneirismo: Discurso Político e Identidade Regional. **História & Ensino**, Londrina: UEL, v. 1, p.194-208, 1995.

ARIAS NETO, José Miguel. João Cândido 1910-1968: arqueologia de um depoimento sobre a Revolta dos Marinheiros. **História Oral**, Revista da ABHO, v.6, p.159-185, 2003.

ARIAS NETO, José Miguel Arias. **O Eldorado**: Representações da política em Londrina 1930-1975. 2ª ed. rev. Londrina: EDUEL, 2008.

BARROS, José D'Assunção. A expansão da História. In:_____. **A expansão da História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.13-38.

_____. O lugar da História Local. In:_____. **A expansão da História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.165-187.

BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. **Família e força de trabalho no colonato**: subsídios para compreensão da dinâmica demográfica no período cafeeiro. Campinas: Núcleo de Estudos de População, UNICAMP, 1986.

BENATTI, Antônio Paulo. **O centro e as margens**: boemia e prostituição na capital "mundial do café" (Londrina: 1930-1970). 1996, 237 f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In:_____. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119.

BITTENCOURT, José. Cada coisa em seu lugar. Ensaio de interpretação do discurso de um museu de história. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.8-9, p.151-174, 2003.

BONI, Paulo César. (Org.). **Memórias fotográficas**: a fotografia e fragmentos da história de Londrina. Londrina: Midiograf, 2013a.

BONI, Paulo César. A história de sorte de Londrina com a fotografia. **Revista**

Brasileira de História da Mídia, Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, Porto Alegre/São Paulo, vol.2, n.2, p.127-137, jul./dez. 2013b.

BONI, Paulo César; KOMARCHESQUI, Bruna Mayara. O retrato do norte do Paraná: a fotografia na revista A Pioneira (1948-1954). In: Encontro Nacional de História da Mídia, 9., 2013, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: UFOP, 2013.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.183-191.

BURKE, Peter. Conceitos Centrais. In:_____. **História e teoria social**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002. p.67-144.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTRO, Rosimeire Aparecida Angelini. O lugar e a imagem das mulheres na memória da cidade e no cotidiano de seus habitantes. In:_____. **O cotidiano e a cidade: práticas, papéis e representações femininas em Londrina (1930-1960)**. 1994, 330 f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHAGAS, Mário. **Museália**. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996. p.46-47.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Trad. Maria Manuela Galhardo. Algés: Difusão Editorial SA, 1988.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP, São Paulo, v.5, n.11, p.173-191, 1991.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). **Usos & Abusos da História Oral**. 8.ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.215-218.

CHIES, Claudia; YOKOO, Sandra Carbonera. Colonização do Norte paranaense: avanço da cafeicultura e problemas decorrentes desse processo. **Revista de Geografia, Meio Ambiente e Ensino**, Campo Mourão: FECILCAM, v.3, n.1, p. 27-44, 2012.

CHOAY, Françoise. O patrimônio histórico na era da indústria cultural. In:_____. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Liberdade & Unesp, 2001. p. 205-258.

DUARTE, Alice. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda Inovadora. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro: Unirio, v. 6, n.1, p. 99-117, 2013.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FERREIRA, Antonio Celso; SIMON, Cristiano Biazzo. Tensões da modernidade em Londrina: a ferrovia e a nave. **História: Questões e Debates**, Revista da APAH e do PPGHIS-UFPR, Curitiba, v.9, n.17, p. 340, dez. 1988.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun. 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: VAINFAS, Ronald; CARDOSO, Ciro. (Org.). **Novos domínios da História**. [S.l.]: Elsevier Brasil, 2012.

_____. História oral: velhas questões, novos desafios. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro. (Org.). **Novos domínios da História**. Elsevier Brasil, 2012. p. 169-186.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2.ed, Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc/IPHAN, 2005.

FREITAS, Sônia Maria de. Prefácio à edição brasileira. THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.14-19.

GINZBURG, Carlo. Distância e mentira. In:_____. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 42-84.

GOMES, Angela Maria de Castro. A representação de classes na Constituinte de 1934. **Revista de Ciência Política**, Rio de Janeiro, v.21, n.3, p. 53-116, jul./set. 1978.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p.103-133.

HARTOG, François. Regime de historicidade. In:_____. **Regime de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 37-42.

HILDEBRANDO, Gilberto. **O museu e a escola**: memórias e histórias em uma cidade de formação recente – Londrina/PR. 2010, 96 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós- Graduação em História Social, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). **Usos & Abusos da História Oral**. 8.ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.43-62.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do Museu. In: NASCIMENTO, Silvania Sousa do. (Coord.). **Caderno de Diretrizes Museológicas I**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. p. 17-30.

KARNAL, Leandro. Lembrar e esquecer ou a vida entre Dory e Funes. **Estadão digital**, São Paulo, 31 jul. 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

LE GOFF, Jacques. História. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. vol.1. p. 240-241.

_____. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p.28.

LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória: o Museu Histórico de Londrina: 1959-2000**. 2013, 276 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Assis.

LOPEZ, André Porto Ancona. Documento e História. In: MALERBA, Jurandir. (Org.). **A velha história: teoria, método e historiografia**. Campinas, SP: Papirus, 1996. p.15-36.

MANHART, Christian. Mesa-redonda de Santiago do Chile. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos. (Org.). **Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972**. Brasília: Ibram/Minc/Programa Ibermuseos, 2012. p.104-105.

MARTINEZ, Cláudia Eliane P. **Entre palavras e imagens: famílias negras no Museu Histórico de Londrina/PR**. Manuscrito, 2017, 20p.

MATHEUS, Letícia. Memória e identidade segundo Candau. **Revista Galáxia**, São Paulo, n.22, p.302-306, dez. 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Desafios da história oral latino-americana: o caso do Brasil. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. (Org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC-FGV, 2000. p.85-98.

MELLO, João Cardoso de; NOVAIS, Fernando. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCWARCZ, Lilia Moritz. (Org.). **História da Vida privada**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. v. 4, p. 559-659.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.1, n.1, p.207-222, jan./dez 1993.

_____. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.2, p.9-42, jan./dez 1994.

_____. O museu de cidade e a consciência de cidade. In: SANTOS, Afonso C. Marques dos; KESSEL, Carlos; GUIMARAENS, Cêça. (Org.). **Museus & Cidades**. Livro do Seminário Internacional "Museus e Cidades". Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p. 255-282.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, Bauru: UNESP, v. 9, n. 2, p.191-211, 2003.

NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos. (Org.). **Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo**: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972. Brasília: Ibram/ Minc/Programa Ibermuseos, 2012. 235p.

NOGUEIRA, Amélia Tozzetti. A saúde em Londrina de 1930 a 1940. In: ALEGRO, Regina Célia. (Coord). **Cuidar, curar, lembrar**: memória da saúde em Londrina. Londrina: UEL, 2012. p. 94-95.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo: PUC, v.10, p.7-28, 1993.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica**: o caso do Paraná. São Paulo: Hucitec, 1981. p.84-85.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista Projeto História**, São Paulo: PUC, v.14, p. 25-39, jan./jun. 1997.

_____. Sempre existe uma barreira: arte multivocal da história oral. In:_____. **Ensaios de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p.19-35.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**: do monumento aos valores. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

_____. **Museu e museologia**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autentica Ed., 2013.

POZZOBON, Irineu. **A epopeia do café no Paraná**. Londrina: Grafmarke, 2016. 224p.

PREFEITURA DE LONDRINA. **Memorial do Pioneiro**. Londrina: Ministério do Turismo/Governo Federal, 2006.

PRIORI, Angelo; POMARI, Luciana Regina; AMÂNCIO, Silvia Maria; IPÓLITO; Veronica Karina. I. A modernização do campo e o êxodo rural. In:_____. **História do Paraná: séculos XIX e XX**. Maringá: Eduem, 2012. p. 115-127.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Museu, ensino de história e sociedade de consumo. **Trajeto**. Revista de História UFC, Fortaleza, v. 1, n. 1, p.109-131, 2001.

RICOEUR, Paul. A memória exercitada: uso e abuso. In:_____. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Unicamp, 2007.

SANTHIAGO, Ricardo. Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, um pioneiro da história oral no Brasil. **História Oral**, Revista da ABHO, v.18, n.1, p. 221-239, jan./jun. 2015.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond; Minc/IPHAN/DEMU, 2006.

SANTOS, Myrian Spúlveda. Memória coletiva, trauma e cultura: um debate. **Revista USP**, São Paulo, n.98, p.51-68, jun./jul./ago. 2013.

SARLO, Beatriz. Crítica do testemunho: sujeito e experiência. In:_____. **Tempo passado, cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p.23-44.

SHEER, Micaele Irene. Sapateiros pelotenses: reflexões a partir das memórias de mestres sapateiros. GILL, Lorena Almeida; SHEER, Micaele Irene. (Org.). **À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios então em vias de desaparecer**. Pelotas: Ed. UFPel, 2015. p.87-99.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Gênero. In:_____. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009. p.166-169.

SIMAN, Lana Mara de Castro. O papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos. In: ZARTH, Paulo. et al. (Org.). **Ensino de História e Educação**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2004. p.81-107.

SOCIEDADE RURAL DO PARANÁ. **Presidentes**. Disponível em: <<http://srp.com.br/presidentes>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Norte do Paraná: história e fantasmagorias**. 1997, 338 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

TREBITSCH, Michel. A função epistemológica e ideológica da História Oral no discurso da História Contemporânea. FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **História oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV/FINEP, 1994. p.19-44.

VIDAL, Diana Gonçalves. De Heródoto ao gravador: histórias da História Oral. **Revista Resgate**, Campinas: Unicamp, v.1, n.1, p.77-82, jul./dez. 1990.

VISALLI, Angelita Marques. (Coord.). **Coleção fotográfica George Craig Smith**. Londrina: UEL, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p. 07-72.

ANEXOS

ANEXO A

Quadros de categorização dos depoimentos produzidos pelo Museu Histórico de Londrina (1977-1979).

Quadro 1 – Depoimentos produzidos na Mostra Inicial do Museu do Café do Paraná entre os dias dois e dez de abril de 1977 (Londrina-PR).

Entrevistado(s)	Informações gerais	Sinopse
Júlio Carvalho Paes	Profissão: comerciante Data da entrevista: entre 02/04/1977 e 10/04/1977 Entrevistador: não identificado	<p>Nasceu no Rio Grande do Sul, comerciante e filantropo em Bagé-RS. Seu relato é curto e se pauta apenas em parabenizações à Mostra Inicial do Museu do Café do Paraná e à Associação Rural pela XIII Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina. Ele também ressalta a importância do café para o Paraná. Aparentemente, não há perguntas, é um monólogo.</p>
Não identificado	Profissão: representante do ministério da agricultura Data da entrevista: entre 02/04/1977 e 10/04/1977 Entrevistador: Conceição Aparecida D. Geraldo	<p>Não foi possível identificar o nome do segundo depoente, pois o início do áudio está com ruídos e falas sobrepostas. Nesse segundo depoimento, um homem se identifica como representante do ministério da agricultura - não era o ministro, mas parece falar em seu nome – e como filho de um cafeicultor do Paraná. Ele relembra de algumas experiências que teve com a cafeicultura, de plantações que viu no Paraná e mostra certa nostalgia para com os objetos da exposição.</p>
Luís Yoshio Nashi	Profissão: fotógrafo Data da entrevista: entre 02/04/1977 e 10/04/1977 Entrevistador: Conceição Aparecida D. Geraldo	<p>É identificado como fotógrafo da UEL e colaborador na montagem da exposição. Não há informações sobre sua vida, mas sim algumas explicações do quão complicado foi reproduzir e ampliar as fotografias da Mostra Inicial do Museu do Café do Paraná.</p>
Gerson Guariente	Profissão: gerente do Banco Noroeste Data da entrevista: entre	<p>Nasceu no interior de São Paulo e chegou a Rolândia-PR, região metropolitana de Londrina, em 1940, sendo considerado pioneiro daquela cidade. Quando criança ajudou no trabalho da lavoura de café. O conteúdo de sua entrevista está</p>

	02/04/1977 e 10/04/1977 Entrevistador: Conceição Aparecida D. Geraldo	relacionado, principalmente, à nostalgia do cotidiano de trabalho nas plantações de café, às questões ambientais ligadas ao desmatamento e queimadas e à ênfase em seu emprego de gerente do Banco Noroeste.
Dilma de Oliveira Silva	Profissão: não identificada Data da entrevista: entre 02/04/1977 e 10/04/1977 Entrevistador: Marina Zuleika Scalassara	Origem e ocupação não identificadas. Chegou a Londrina em 1934 e é considerada pioneira da cidade. Seu pai era Belmiro Corrêa de Oliveira, também nomeado pioneiro de Londrina; ele foi carpinteiro, tipógrafo e dono da Tipografia Oliveira localizada na Rua Mato Grosso, no centro de Londrina. O relato de Silva oferece informações sobre feitos “históricos”, personagens de destaque e lugares centrais do início da cidade. Além disso, existe a ênfase na atuação do pai da depoente e poucas informações sobre a vida e atuação de Dilma em Londrina.
Sebastião Bernardini Pereira	Profissão: não identificada Data da entrevista: entre 02/04/1977 e 10/04/1977 Entrevistador: Marina Zuleika Scalassara	Nasceu em Minas Gerais, em 1924. Chegou a Londrina em 1948, portanto, não é considerado pioneiro da cidade, pois não entra no recorte temporal dos primeiros 10 anos da formação de Londrina. Não há informações sobre a sua ocupação. Na entrevista, Pereira explica as funções de objetos e os modos de fazer ranchos em Minas Gerais e no norte do Paraná.

Fonte: o próprio autor.

Quadro 2 – Depoimentos produzidos na Exposição Comemorativa do Cinquentenário da Chegada da Primeira Caravana ao Local Onde Surgiu Londrina entre os dias 21 de agosto e nove de setembro de 1979 (Londrina-PR)

Entrevistado(s)	Informações gerais	Sinopse
Gregório Wladeck	Profissão: carpinteiro e vendedor de seguros Data da entrevista: entre 21/08/1979 e 09/09/1979 Entrevistadores:	Natural de Mallet-PR e considerado pioneiro da cidade de Londrina. Chegou a cidade em 1932. Na década de 1930 trabalhou como carpinteiro e depois se tornou dono de um escritório de representações de seguros. Na sua entrevista são abordadas questões relacionadas aos “tempos difíceis”, transformações urbanas e às demolições

	George C. Smith e Cezar Augusto C. Benevides	de prédios que ocorriam na década de 1970.
Joaquim Panizza	Profissão: pedreiro Data da entrevista: entre 21/08/1979 e 09/09/1979 Entrevistadores: George C. Smith e Cezar Augusto C. Benevides	Oriundo de Ribeirão Preto-SP, é considerado pioneiro da cidade de Londrina, pois chegou em 1935. Quando chegou a cidade, trabalhou como pedreiro, mas sua profissão à época da entrevista não foi identificada. Seu depoimento se pauta na valorização dos “tempos difíceis”, de outros “pioneiros” e da atuação da CTNP.
Waldemar Gewehr	Profissão: comerciante Data da entrevista: entre 21/08/1979 e 09/09/1979 Entrevistadores: George C. Smith e Cezar Augusto C. Benevides	Oriundo do Rio Grande do Sul, chegou a Londrina em 1940 e é considerado pioneiro da cidade. Quando chegou, trabalhou na empresa Fuganti, uma “casa de secos-e-molhados, ferragens e ferramentas, armas e munições” (BONI, 2013, p.59), depois se tornou proprietário do Bar do Norte, Bar Marabá e Adega Riograndense. Seu relato valoriza mais Londrina nos “primeiros tempos” do que na década de 1970, portanto faz algumas críticas veladas aos resultados negativos do “progresso”, ao crescimento urbano e à demolição de prédios considerados antigos.
Teodoro Telezin	Profissão: construtor Data da entrevista: entre 21/08/1979 e 09/09/1979 Entrevistadores: George C. Smith e Marina Zuleika Scalassara	Imigrante russo, chegou a Londrina em 1929 e é considerado pioneiro. Trabalhou na construção da estrada de ferro Londrina-Jataí e seu relato é centrado neste trabalho – não há informações sobre sua ocupação no momento da entrevista – e em memórias sobre o cotidiano, os moradores da cidade nos “primeiros tempos” e a atuação da CTNP.
1) Manoel Gonçalves (principal) 2) Osvaldo Gandorfi (secundário) 3) Elias Abraão (secundário)	Profissão: 1) pedreiro e comerciante 2) não identificada 3) não identificada Data da entrevista: entre 21/08/1979 e 09/09/1979 Entrevistador:	Todos são considerados pioneiros. Não há muitas informações sobre os entrevistados secundários. Gonçalves nasceu em São Carlos-SP e foi para Londrina em 1933. Na década de 1930 ele era pedreiro, depois comprou um bar chamado Bar Avenida. Eles descrevem e são motivados a falar sobre os primeiros moradores, a estrutura da cidade, doenças, religião, lazer e transporte.

	Cezar Augusto C. Benevides	
Primo Fiori	Profissão: construtor, mecânico e comerciante Data da entrevista: entre 21/08/1979 e 09/09/1979 Entrevistador: Olympio Luiz Westphalen	Imigrante italiano, chegou a Londrina em 1933 e é considerado pioneiro da cidade. Trabalhou na construção da estrada de ferro Londrina-Jataí e depois, na devida ordem, tornou-se mecânico e dono de oficina, dono de uma agência de automóveis, posto de gasolina e serraria. Foi instigado a falar sobre sua vida nos “primeiros tempos”, o que inclui uma descrição sobre como era a cidade, a vida religiosa, habitações, transportes, assistência médica, etc.
Adolfo Oldemburgo	Profissão: agricultor Data da entrevista: entre 21/08/1979 e 09/09/1979 Entrevistador: Cezar Augusto C. Benevides	Imigrante lituano, chegou a Londrina em 1929, considerado pioneiro da cidade. Era agricultor e em seu depoimento fala sobre características gerais de Londrina da década de 1930: plantações, estrutura urbana, assistência médica, atuação da CTNP, etc.
Constância Vieira Gonçalves Sancevero	Profissão: costureira Data da entrevista: entre 21/08/1979 e 09/09/1979 Entrevistador: Cezar Augusto C. Benevides	Nasceu em Paraguaçu Paulista-SP, chegou a Londrina em 1932 e é considerada pioneira da cidade. Quando foi entrevistada era costureira e, na década de 1930, ajudava a mãe no preparo de embutidos, pois sua família abriu um dos primeiros açougues de Londrina. Sua entrevista se pauta em descrições sobre como eram os “primeiros tempos” da cidade e também sobre o “progresso” londrinense e a demolição de prédios antigos.
George Craig Smith e João Olivir Gabardo	Profissão: Data da entrevista: entre 21/08/1979 e 09/09/1979 Entrevistadores: George C. Smith e João Olivir Gabardo	Nesta entrevista não há entrevistador e entrevistado definidos, pois Smith e Gabardo fazem perguntas entre si, às respondem e refletem sobre determinados assuntos. Gabardo nasceu em União da Vitória-PR, era deputado federal do Paraná, professor de história e geografia e também lecionou e foi diretor da FEFCLL. Smith é considerado pioneiro da cidade de Londrina. Era funcionário da CTNP e chefiou, em 1929, a caravana que deu início à (re)ocupação das terras compradas pela Companhia. Ele era brasileiro, filho de ingleses e tinha 20 anos quando conduziu a “caravana dos

		desbravadores”, junto a outros funcionários, engenheiros, agrimensores e trabalhadores braçais (BONI, 2013, p.128). Em 1937 ele foi para São Paulo e voltou a visitar Londrina depois de 30 anos. Na década de 1970, Smith retornou à cidade para a morar. Essa entrevista se pauta na descrição de Londrina no início da (re)ocupação, no “progresso” da cidade após a década de 1930, na identificação de fotografias, na atuação de Smith e da CTNP, em atividades agrícolas, etc
--	--	--

Fonte: o próprio autor

Quadro 3 – Depoimentos produzidos na residência ou local de trabalho dos depoentes ou nas dependências do Museu Histórico de Londrina, entre os anos de 1977 e 1979

Entrevistado(s)	Informações gerais	Sinopse
Gordon Fox Rule	Profissão: funcionário da CTNP, procurador e representante da CMNP Data da entrevista: 22/11/1997 Entrevistador: George C. Smith	A entrevista foi agendada e realizada no Escritório da CMNP, em São Paulo. É um depoimento encomendado pelo MHL na ocasião de uma de viagem de George Craig Smith à São Paulo. Rule, de ascendência inglesa, nasceu em São Paulo e é considerado pioneiro de Londrina, pois chegou a cidade em 1931. Começou a trabalhar no escritório da CTNP em 1926 e, na data da entrevista, com 79 anos, continuava como procurador da CMNP e era considerado um dos funcionários mais antigos daquela Companhia. A entrevista se pauta em memórias compartilhadas por entrevistador e entrevistado acerca dos “tempos difíceis” e da atuação positiva da CTNP.
Carlota de Melo Peixoto Davids	Profissão: dona de casa Data da entrevista: 19/11/1977 Entrevistador: George C. Smith	A entrevista foi agendada e realizada na residência da depoente, em São Paulo. É um depoimento encomendado pelo Museu Histórico de Londrina na ocasião de uma de viagem de George Craig Smith à São Paulo. A depoente era paulista, considerada pioneira de Londrina e esposa (viúva) de Willie da Fonseca Brabazon Davids. Seu marido “[...] veio para Londrina como diretor técnico da Companhia de Terras Norte do

		Paraná (CNTN), no início da década de 30, e, em 1935, tornou-se o primeiro prefeito eleito do recém-emancipado município.” (BONI, 2013, p.29). Ela chegou a cidade no mesmo período. As seleções de memória da depoente dão ênfase à atuação pública de Willie Davids e à CNTN.
Manoel Flores	Profissão: entregador de telegramas; caixa, escriturário e gerente do Banco Noroeste Data da entrevista: 21/09/1979 Entrevistador: George C. Smith	Foi entrevistado nas dependências do Museu Histórico de Londrina. Ele chegou a Londrina em 1933 e é considerado pioneiro da cidade. Não identificamos seu local de nascimento ou ascendência. Quando jovem ele trabalhou como entregador de telegramas na estação ferroviária e depois no Banco Noroeste de Londrina e Rolândia, respectivamente, como caixa, escriturário e gerente. Sua entrevista se pauta na descrição da cidade de Londrina no início da “reocupação” e ajuda na identificação de fotografias.
Vitório Herick	Profissão: lenhador (derrubada de mata) e agricultor Data da entrevista: 04/12/1979 Entrevistador: Olympio Luiz Westphalen	Foi entrevistado nas dependências do Museu Histórico de Londrina. Chegou ao distrito da Warta (Londrina) na década de 1930 e é considerado pioneiro da cidade. Ascendência polonesa; nasceu em Santa Catarina. No início da (re)ocupação, Herick trabalhava na derrubada da mata e na limpeza de terrenos, depois comprou um sítio e tronou-se agricultor de café. Seu depoimento se pauta na descrição de como era a cidade nos “primeiros tempos”, sobre a atuação da CNTN e as primeiras habitações, escolas, etc.
1) Helena Revensky 2) Vladimir Revensky	Profissão: 1) dona de padaria e dona de casa 2) almoxarife, diretor e representante da CMNP Data da entrevista: 28/09/1978 e 05/10/1978 Entrevistador: Conceição Aparecida D. Geraldo e	Foram entrevistados na casa onde moravam. Helena era uma imigrante alemã, considerada pioneira de Londrina, pois veio para a cidade em 1931 e abriu uma das primeiras padarias deste local. Ela viveu a década de 1930 com a filha, Freya Schultheiss, e o marido, Frederico Schultheiss. Após o falecimento do marido, ela se casou com Vladimir Revensky, em 1942. Vladimir era um imigrante russo, funcionário da CNTN (começou como almoxarife, depois tornou-se um dos diretores e representante da CMNP em Londrina), veio para Londrina no início da década de 1930 e é considerado pioneiro da cidade. Eles selecionaram memórias

	participação de George C. Smith	relacionadas ao início da (re)ocupação, à atuação da CTNP, primeiras escolas, assistência médica, práticas de cura alternativas, lazer, etc.
Francisco Adam	Profissão: Lenhador (corte de árvores) Data da entrevista: 10/07/1979 Entrevistador: Olympio Luiz Westphalen	<p>Foi entrevistado no Museu Histórico de Londrina.</p> <p>Imigrante estadunidense, carpinteiro, considerado “pioneiro” da cidade de Londrina. Chegou ao Brasil, em 1916, para trabalhar em lavouras na cidade de Birigui, em São Paulo. Foi para Londrina, pela primeira vez, em 1934; voltou para Birigui, se casou, e em 1936 retornou para a cidade com a família (ADAM, 1979). Na década de 1930 trabalhou em Londrina no corte de madeira na mata. Sua entrevista é voltada para o início da (re)ocupação, com perguntas relacionada ao seu trabalho e às descrições da vida nos “primeiros tempos” de Londrina.</p>

Fonte: o próprio autor